

S U B Ú R B I O

**S
U
B
Ú
R
B
I
O**

S U B Ú R B I O

**Autor: Miguel Patrício
Capa: Julio Quinan**

**“Arvore de subúrbio
não cresce raízes
em outro lugar.”**

SUBÚRBIO

No subúrbio, mil coisas acontecem. Quase todas cruéis. O “Morro do Cavaco” não foge à regra.

- Quantos anos ela tem, Seu Dantes?

- Doze anos. É ainda uma menina.

- A idade é essa mesma. Dez pacotes e o perdão das suas dívidas. Aqui está o dinheiro.

- Não, por favor. Deixe-me pensar um pouco mais.

- O senhor é quem sabe. Não se esqueça de suas dívidas. O chefe já está impaciente, e o senhor sabe o que acontece quando o “Mister” fica impaciente...

- Pede pra ele esperar pelo menos mais uma semana. Eu estou tão confuso. Por favor...

- Eu vou dizer a ele. Volto amanhã, Seu Dantes. Passe bem.

O pobre homem sentou num tamborete e abaixou a cabeça, segurando-a com as mãos, enquanto uma sombra tocou os seus pés.

- É da Aninha que vocês falavam, não é Teotônio?

- Oh, Maria! Não. A Aninha não tem nada a ver com a história.

- Não tente me enganar. Você está querendo vender ela.

- Não. Não é nada disso. Oh, meu Deus! O que vou fazer?

- Teotônio, mas o que é isso? Nunca te vi

assim tão desesperado.

- As minhas dívidas! Elas cresceram e o Mister quer receber tudo agora.

- Não sei por que você foi pedir dinheiro emprestado logo a ele.

- Ora, Maria, você sabe que ele é o único que tem dinheiro por aqui e que pode emprestar.

- Ele não só pode, como também gosta de emprestar, pra depois cobrar à sua maneira.

- É verdade. Mas a gente precisava do dinheiro.

- Não é bem assim, Teotônio. Apesar de ser pouco, juntando o que ganha você e o Adriano dá pra viver. O problema foi querer montar o seu pequeno e fracassado boteco. Nele só tem cachaça e confusão. Nada de lucro.

- Ainda vai melhorar, mulher. Você sabe que eu não aguentava mais aquela vida de ajudante de pedreiro.

- Eu não tenho essas ilusões – acrescentou Maria.

- Cuida do boteco, eu vou sair. Preciso arejar um pouco a cabeça.

Teotônio Dantes desceu o degrau do seu barraco, passou, mais uma vez, a mão nos cabelos e desapareceu na esquina.

No subúrbio, é muito difícil a sobrevivência da honestidade, mas uma exceção caminha por entre o óleo e a graxa de uma oficina mecânica: Adriano Dantes, filho de Teotônio e Maria. Rapaz moreno, olhos e cabelos pretos, um corpo bem feito e um charme de pouco mais de vinte anos. Do joelho pra baixo, podia ver-se o

velho macacão cheio de graxa e um tênis barato e esfolado pelo tempo; do joelho pra cima, nada se podia ver. Estava escondido sob um automóvel.

- Liga a luz, Fabrício. A chuva já recomeçou e tá escuro aqui embaixo.

- Click!

- “Miorô”, cara?

- Tá bom. Agora me passe a chave.

- “Tama”. Pode ordenar que o escravo aqui obedece. Ordene.

- Ordene que capriche mais no Português. Você é bom, do jeito que fala nas suas poesias.

- Essa ordem eu não vou cumprir, meu amo. É muito “Mió” falar assim.

Cássio, outro mecânico, aproximou interrompendo a brincadeira dos dois amigos.

- Por falar em Português, olha lá na calçada, escondendo da chuva, perto da parede. Até português olharia.

Às palavras de Cássio, Éverton e Silva também se aproximaram, completando o “Quinteto Fantástico” da oficina, como eles próprios se apelidaram.

- E aqui está o Quinteto Fantástico diante da mais bela criação da natureza – disse Cássio.

- Quarteto Fantástico – observou Éverton – Adriano ainda está mergulhado debaixo do motor.

- Sai daí, Adriano. Vem ver a “muié” – completou Fabrício.

Diante da insistência dos companheiros, Adriano deslizou para fora do seu espaço, deparando-se com a cena mais bonita de sua vida: na entrada da oficina, uma linda moça de pele clara

e cabelos longos, tentava abrigar-se dos pingos, na estreita cobertura. A chuva cobria o quadro com um toque de beleza e romantismo. Apesar do enorme espaço coberto da oficina, a moça teimava em não entrar e seus pés já estavam molhados pela chuva que era, a cada minuto, mais intensa.

- Eu vou convidá-la pra entrar – disse Cássio.

- Não. Quem vai sou eu – adiantou-se Éverton.

- Vamos tirar a sorte – propôs Silva – Quem ganhar, vai. Vou fazer os papéis.

Cinco pedaços de papel foram dobrados.

- Tira você, Fabrício. Rápido.

- E aí... quem ganhou? – Cássio, como sempre, apressado.

- E atenção... Adriano!

- Ah, não!

Sob os protestos dos amigos, Adriano levantou-se, limpou a poeira da roupa e se dirigiu até à entrada da oficina. De perto, a moça era ainda mais bonita.

- Meus amigos e eu achamos que devíamos convidá-la pra entrar. Você está molhando aí fora.

A moça virou-se, assustada, com a chegada do rapaz. E aconteceu aquele lance do olhar...

- Oh, não! Não é preciso. Eu tenho que ir.

- Mas a chuva não parou e o embrulho nas suas mãos vai molhar.

- Desculpe. Eu tenho que ir. Estou

atrasada.

Ela desceu a calçada, molhando-se, ficando ainda mais atraente. Adriano teve tempo de dizer:

- Você nem me disse seu nome...

A moça, que corria atravessando a rua, virou-se e respondeu:

- Rosinha.

Adriano ficou olhando aquele corpo bonito distanciando-se sob a chuva. Seus companheiros aproximaram-se.

- Você não está com nada mesmo. Deixou a menina ir embora.

- Muito pior. Ele a assustou. Há, Há, Há...

Adriano limitou-se a dizer:

- Rosinha! Ainda vou encontrá-la.

- Chiii! O cara “pirô”. Cupido acertou o coração dele.

O barulho dos passos e uma respiração ofegante adentraram a sala, que também era cozinha e quarto dos meninos. Ana Rosa, a Rosinha, completamente molhada, com a roupa pregada ao corpo, chegou preocupada com o embrulho em suas mãos.

- Demorei porque a chuva me pegou, Dona Vera. Molhou todo o remédio.

- Não tem importância, Rosinha. O Seu João vendeu?

- Vendeu, mas disse que era o último. Sem receber a conta, não vende mais.

- É... o Leonardo tem que dar um jeito. Não sei como ele vai fazer. Nesse tempo de chuva,

ele quase não trabalha.

- Essa profissão de pedreiro é assim mesmo. Vou ver com o Manascar hoje à noite. Talvez ele possa me adiantar alguma pra pagar a farmácia.

- De jeito nenhum, Rosinha. Você não pode ficar devendo favores pra esse povo do "Rosa-choque".

- Eu sei, Dona Vera, mas vou falar com ele. Quem sabe? E a Eva?

- No quarto, como sempre. Sonhando com os seus livros.

- Vou vê-la, antes de preparar a janta.

- Não vai ter janta, Rosinha. As coisas acabaram. O Chiquinho acabou de comer o resto da farinha com feijão.

A moça, que já havia dado um passo em direção ao quarto dela e de Eva, parou, olhando com profunda tristeza a sua segunda mãe.

- Que vida difícil essa nossa, Dona Vera! Será que Deus se esqueceu de nós?

- Isso nunca, minha filha. Deus não se esquece dos seus filhos. Poderia estar pior, acredite.

- É... quem sabe a senhora tem razão. Quando meus pais morreram, se a senhora não tivesse cuidado de mim e do meu irmão Benson, não sei o que seria da gente. Eu tinha só nove anos e o Benson, cinco...

- Deus ajuda nas horas certas. Hoje eu tô aqui doente, sem mesmo poder andar direito, o Leonardo sempre fora trabalhando e a Eva enfiada naquele quarto. Deus, então, me deu você pra cuidar de mim.

- Oh, Dona Vera! A senhora tem mesmo um grande coração.

- Eu não tô tão preocupada com a nossa comida. Tô mais preocupada com a reação do Leonardo quando chegar.

- Acha que ele não vai gostar da senhora ter adotado o Chiquinho?

- É mais uma boca pra comer, né minha filha. Vamos ver. Ele deve chegar depois de amanhã.

A porta abriu-se lentamente, fazendo aparecer a figura de uma moça, sentada na cama, com um livro nas mãos.

- Oi, Eva. É romance?

- Oi, Rosinha. É romance. O Benson conseguiu pra mim.

- Deve ter roubado de uma banca de revistas na cidade, no mínimo.

- Não sei. Só sei que essas histórias românticas me fazem pensar ainda mais no Alfredo.

- Oh, Eva! Por que você não esquece esse homem? Ele não vai voltar.

- Vai, sim. Ele me prometeu.

- Mas já faz oito anos, Eva! Quinze anos era a sua idade quando ele foi embora.

- Eu sei. Mas ele foi tentar a sorte. Quando estiver com a vida arranjada, com um bom trabalho, virá me buscar.

- Você sabe que o Alfredo nunca foi responsável...

- Não é verdade, Rosinha. Ele não é malandro. Ele vai voltar. Eu espero.

- Tá bom. Não precisa ficar nervosa.

Vamos mudar de assunto. Você não se cansa mesmo de ficar nesse quarto o dia todo?

- Não. É bom aqui. E eu não preciso ficar ouvindo sempre alguém dizer pra eu esquecer o Alfredo.

- Tá bom. Já pedi desculpas. Mas você não pensa em arrumar um emprego pra ajudar sua mãe? Se quiser, eu posso ver se dá pra você trabalhar de garçoneiro, comigo, lá no Rosa-choque.

- Lá não, Rosinha. Você pensa que eu não sei como são as moças que trabalham lá? Nada feito. Eu vou ser somente do Alfredo. De mais ninguém.

- Assim você está me ofendendo, Eva. Eu trabalho lá e não sou como as outras.

- Pode ser, mas eu não vou. Se arranjar outro emprego, você me fala.

(((((O))))))

O Morro do Cavaco não é todo pobre. No lado norte, no porão de um casebre, bem longe dos olhares curiosos, reina o luxuoso reduto do “Mister”, bandido que domina o lugar. Contrabando e tráfico de drogas são as atividades principais do temido “Rei do Cavaco”. Quando o Mister não está, como quase sempre acontece, quem dá as cartas é o seu braço direito, Brasão.

- E aí, Gerson?

- Nada feito, Brasão. O homem pediu mais uma semana.

- Você não tá com nada mesmo, héin! Vai ser preciso eu próprio ir lá. Esse Dantes está precisando é de uma lição. Será que ele quer mais dinheiro? Uma menininha de subúrbio não vale tanto. Me dá uma cerveja.

Recostado na sua poltrona, o complicado Brasão luta com a sua impaciência. À sua volta, todo o conforto da grande cidade se reúne naquele porão, mostrando que vão muito bem as atividades criminosas da quadrilha. Mais uma ordem se ouviu:

- Gerson! Pega o Rick e vá descobrir que dia a quadrilha do Serpente quer o encontro. Quando sobrar um tempo a gente vai fazer outra visita ao estimado Dantes. Quero pôr abaixo aquele seu boteco. Vá...

Dezoito horas. No subúrbio, a violência é a oração fiel de cada entardecer. Um estranho personagem, dizendo ser o novo messias enviado por Deus, caminha frente a um pequeno grupo de pessoas, recitando palavras de fé e prevendo funestos dias para os habitantes do local.

- Aleluia, minha gente, aleluia! Peçam perdão dos seus pecados e sigam a mim, "Susej", enviado pelo Criador para salvar as suas almas do fogo do inferno. O fim está próximo. Deus vai mandar um novo dilúvio e somente as almas puras sobreviverão. Ainda é tempo. Susej é o caminho...

O "messias" faz crescer ainda mais o seu entusiasmo, quando se aproxima do boteco de Teotônio Dantes.

- Almas corrompidas desse antro de perdição! Chamas do inferno estão queimando em seus corações. Larguem esses copos de bebida e

juntem-se a mim que eu os guiarei pra bem longe do fogo eterno. Deus perdoa todos aqueles verdadeiramente arrependidos...

Três elementos que bebiam no local, já embalados por alguns goles, não veem com bons olhos a passagem de Susej.

- Aquele messias hoje parece mais enjoado. Vocês não acham?

- Eu acho é que ele já está enchendo com esse papo.

- Vamos dar um “pau” nele?

- Vamos lá. Aleluia, irmãos!

Ao sentirem a aproximação daqueles homens, os seguidores do messias o abandonam. Susej é atacado com socos e pontapés. O pobre homem foi ao chão e mesmo assim continuou sendo atingido pelos seus agressores.

- Use o “soco inglês”, Carlão.

Foi uma cena violenta, porém normal por aquelas bandas. O messias é posto no meio da roda formada pelos três homens e esmurrado até perder os sentidos.

- Chega, Beto. Não vê que o homem já apagou?

- Vamos embora, então.

Depois que saíram, pouco a pouco, as pessoas foram chegando ao local. Susej estava estendido ao solo, com o rosto banhado em sangue. Maria, a mulher de Teotônio, que assistiu à cena, correu até à rua para prestar socorro ao messias.

- Por favor, ajudem aqui. Vamos levá-lo pra dentro. Ele precisa de cuidados.

O homem foi carregado para a casa nos

fundos do boteco. Maria cuidou dos seus ferimentos. Um corte profundo no supercílio, outro corte nos lábios, duas costelas fraturadas e vários hematomas foi o saldo da sua pregação do dia.

Uma hora depois, ao acordar, Susej não pôde se levantar. Seu corpo, todo dolorido, necessitava de um longo repouso.

- Eu... Aii! O que aconteceu?

- O seu Deus te salvou da morte – respondeu Maria.

- Os três homens! Pobres almas. Deus irá perdoá-los. Vou fazer uma oração pedindo luz para os seus caminhos.

- Você precisa fazer uma oração é pra arranjar comida. Já não temos quase nada e agora aumentou mais um. É mesmo verdade que você não tem casa?

- A minha casa é o mundo, minha senhora. O céu é o meu teto; as estrelas, a luz que ilumina o meu caminho. Quanto à comida, não precisa se preocupar. Eu estou em jejum. Serão quarenta dias e quarenta noites sem comer. É o meu sacrifício ofertado a todas essas almas perdidas do Morro do Cavaco. O fim está próximo...

Rosa-choque! Um belo nome. Compatível com as atividades do local. Na frente um bar; nos fundos, o velho negócio das moças de aluguel. Manascar, o proprietário, com as mãos entrelaçadas nas costas, caminha altivo por todos os cantos do estabelecimento. Ora nos fundos, ora na frente, observando o trabalho das garçonetes.

- Minha querida Rosinha. Você chegou mais cedo hoje, se não me engano...

- Sim senhor. É que eu precisava conversar com o senhor.

- Então diga o que é, minha querida. Não me fale que aceitou a proposta de fazer parte das minhas garotas lá do fundo.

- Não senhor. Não é isso.

- Pense bem, querida. Você é nova. Tem um corpo perfeito. Poderíamos ganhar muito dinheiro juntos. Tenho fregueses que pagariam uma fortuna pra dormir com você.

- Por favor, Seu Manascar. Eu não posso aceitar sua proposta. Eu preciso é que o senhor me adiante algum dinheiro. Sei que não gosta de fazer vales, mas...

- Ah, então é isso! Você está vendo? Se aceitasse a minha proposta você não teria problemas de dinheiro. Ganharia dez vezes mais o que ganha como garçõete. Mas paciência...

- E então, o senhor me adianta?

- Bem, só se você me prometer pensar com mais carinho sobre o nosso caso. Promete?

- Tá bom. Eu prometo.

- Agora sim. Quanto é que você precisa?

Um novo dia. A lataria do automóvel foi suspensa mais uma vez. Não havia encaixado direito e foi notada mais uma irregularidade na engrenagem. Duas mãos sustentavam o peso.

- Depressa aí, Éverton. Não tô aguentando mais.

- Ora, chama alguém pra te ajudar, cara. Chama o Adriano. Olha ele, mais uma vez à toa, lá na porta.

- Ô, Adriano! Como é? Vem ou não vem

trabalhar? Ela não vai passar agora não, eu garanto.

Adriano, recostado na porta, foi puxado dos seus sonhos pelos gritos insistentes de Cássio. Era o segundo dia de espera e nada. Rosinha não havia saído do seu pensamento. Aqueles cabelos longos, aquela pele clara, aquele corpo molhado ficaram na sua mente. Uma esperança, que passou a brilhar insistentemente nos seus olhos, dizia que a moça ia passar por ali novamente. E ele queria vê-la. Não ia perder essa oportunidade.

- Adrianôôô! A lataria vai cair.

O rapaz correu em socorro ao amigo. Em pouco tempo, o serviço estava pronto. Éverton comentou:

- Você toma cuidado, Adriano. Se o chefe chega e te vê à toa, vai te “encher o saco”.

- É, eu sei, mas estava distraído.

- Você estava era sonhando com a tal Rosinha, isso sim.

- Eu sei que ela vai passar novamente. E quero vê-la mais uma vez.

Fabício que, juntamente com o Silva, fazia a limpeza de um motor velho, gritou lá dos fundos:

- Fãs incondicionais do meu talento! A minha mais recente poesia já está pregada na parede, junto com as outras. “Caprichos Caprichosos” é o título. Venham “babá”.

Aproveitando aquele momento de descanso, os rapazes foram até à parede ver o trabalho do colega que, realmente, era de muito talento. Nesse exato momento, Rosinha, que tinha ido pagar a farmácia, havia resolvido passar perto

da oficina. Alguma coisa havia guiado os seus passos naquela direção, cupido talvez, e ela caminhava do outro lado da rua, com os olhos na porta do estabelecimento. No entanto, pôde ver Adriano apenas de costas, entretido com a poesia pregada na parede. Ela caminhou mais devagar, com esperança do rapaz virar-se, o que não aconteceu. Então seguiu em direção à sua casa, a cinco quadras dali. O destino não colaborou dessa vez.

(((((((((((((((O))))))))))))))

Nesse instante, da porta do boteco, Teotônio Dantes, sentado em seu tamborete, olhava a pobre paisagem do subúrbio: casebres cindo aos pedaços, construídos de maneira irregular no terreno irregular do morro, ruas estreitas e mal feitas, cobertas de barro com a queda das últimas chuvas. Por uma delas, as figuras de seis homens caminhavam juntos. Um deles, um pouco mais à frente, trazia no olhar intenções pouco amistosas.

- É o Brasão. Vamos embora – gritou um dos fregueses do boteco.

Teotônio fechou os olhos, desejando que aquela cena fosse mentira, mas ao abri-los se viu diante daquela triste realidade. Ele, como todos, conhecia Brasão e sabia que por onde passava só ficava destruição e lágrimas. E ele estava caminhando justamente em sua direção. Duas mãos tocaram os seus ombros. Eram trêmulas, mas cheias de coragem. O homem falou:

- Depressa, Maria. Vá pra dentro, pegue a Aninha e fique com Susej. Não venha aqui, aconteça o que acontecer.

- Se pelo menos o Adriano estivesse aqui – comentou a mulher.

- Nada adiantaria. É bom ele não estar. Assim está livre dessa. Vá! Depressa, mulher.

Maria correu para dentro da casa, dando de encontro com Susej que, com muito esforço, havia levantado-se da cama.

- O que está acontecendo? O Seu Teotônio parece preocupado.

- Volta pro quarto, Susej! É o Brasão! Ele está chegando. Vamos rezar pra Deus nos ajudar. Venha, eu te ajudo a andar.

Ante o olhar preocupado de Teotônio, Brasão foi aproximando-se e, a três passos da porta, já gritou a sua agressividade.

- Vim acertar as nossas contas, Seu Dantes. E quero receber tudo com juros.

O homem, que havia levantado-se do tamborete, deu dois passos para trás, encostando-se na parede.

- Por favor, Seu Brasão. Não torne a nossa vida mais difícil.

- É você quem a torna difícil, Seu Dantes. A minha paciência é curta, o senhor sabe, e já estourou. Vou lhe mostrar que não se recusa uma proposta do Mister. Quebrem tudo, rapazes. Não quero nada desse boteco em pé.

- Não, por favor...

Os cinco homens adentraram ao local, empurrando para o lado Teotônio, que nada pôde

fazer. O balcão foi virado e as prateleiras derrubadas, ao som do vidro quebrado das garrafas de bebida.

- A casa também, Brasão? – perguntou um dos homens.

Teotônio, desesperado, gritou:

- Não, por favor. A casa não. Tenha piedade, Seu Brasão.

- Então, o senhor aceita a nossa proposta?

O pobre homem, tentando conter um soluço, respondeu:

- Está bem. Eu... aceito.

Brasão sorriu e falou:

- Tudo bem, homens. Podem voltar. O Seu Dantes aceitou a nossa proposta e a partir de hoje nada mais deve ao Mister e ainda ganhou cinco pacotes.

Teotônio retrucou:

- Mas você havia oferecido dez pacotes.

- São os juros de que lhe falei. O senhor demorou aceitar a nossa proposta e isso custa dinheiro. Aqui estão os cinco. Depois eu mando avisar o dia de levar a menina. Tenha um bom final de dia, Seu Dantes.

Os seis homens saíram e o quadro que ficou pintado era muito triste. Da porta da frente, Teotônio olhava todo o seu trabalho, todo o seu esforço jogados ao chão. Da porta que dava acesso à casa, Maria, abraçada com Aninha, choravam frente àquela violência. Susej quebrou o silêncio.

- Perdoai Senhor. Eles não sabem o que fazem!

Teotônio, irritado, desabafou:

- Leve esse falso messias pra dentro, Maria, depois venha me ajudar aqui. Vamos ver o que a gente pode aproveitar. Ah! E não contem nada para o Adriano quando ele chegar. É melhor ele ficar fora disso. Digam que foi uma briga entre os fregueses.

No subúrbio, a escola é a rua e facilmente se aprende boas maneiras de errar. Era tarde da noite, quando um barulho na porta acordou Vera. Ela sentou na cama e esperou que se repetisse. Sim, um gemido. Havia alguém lá fora. Quem poderia ser? Rosinha só voltava de manhã. Leonardo, seu marido, só viria no dia seguinte. Benson, irmão de Rosinha é que não tinha hora de chegar. Mas abrir a porta a essa hora era muito perigoso.

- Quem está aí? – perguntou, indo até à porta.

Nada se ouviu e aquele silêncio começou a irritar a mulher, que mesmo estando só em companhia de Chiquinho e da filha Eva, abriu a porta, encontrando Benson, sem sentidos, estendido ao chão. O rapaz estava todo machucado, com manchas de sangue em várias partes do corpo. Seu estado demonstrava que havia levado uma boa surra. Com muito esforço, ele conseguira caminhar até sua casa.

- Ajuda aqui, Eva! É o Benson! Vamos colocá-lo na cama.

Rosinha chegou de manhã, recebendo a notícia. Seu irmão estava dormindo. Parecia não ter nada quebrado, o que tranquilizou um pouco a

moça. Era a segunda vez que o rapaz chegava nessas condições. Um pouco mais tarde, ao acordar, Benson contou a sua história.

- Foi a polícia. Eu estava na cidade. Havia pego uma carteira quando fui cercado por três deles e não pude fugir. Eles me levaram pra um lugar isolado e me bateram. Disseram que não ia adiantar me prender e me espancaram por diversas vezes, usando os cassetetes. Não sei como consegui chegar até aqui.

Rosinha, que vivia preocupada com o irmão, pediu, mais uma vez, que ele deixasse de ser trombadinha.

- A cidade lá fora é muito perigosa, Benson e você só tem treze anos. Podia arranjar um serviço aqui por perto.

- Não, eu não quero. E você sabe que eu também não posso. Sou da turma do Brasão. Fiz o juramento. Quem entra não pode mais sair.

- Mas, Benson, não é certo vocês saírem por aí roubando pra esse maldito Brasão. E ainda por cima ganhando só uma pequena parte do que roubam.

- Eu sei, Rosinha. Mas você se lembra do Carlinhos e do Ronaldo? Eles não quiseram mais fazer parte da turma e foram encontrados mortos dois dias depois. Lembra?

- Esse maldito Brasão! Como é que pode se aproveitar tanto assim das pessoas? Isso precisa ter fim. Esse homem é muito cruel.

- Ele não é tão mau assim, Rosinha. Disse que, de agora em diante, a gente vai ter sempre vinte por cento do que roubar e se levar

mais de cinco pacotes, toda vez a gente ganha drogas ou mulheres de presente.

A moça levou a mão ao rosto, escondendo o seu desespero.

- A senhora ouviu, Dona Vera? O que vai ser dele? E a gente não pode fazer nada.

- Não se desespere, minha filha. Deus vai olhar por nós.

- Pelo menos por uma semana, vamos ter paz. Ele não vai poder levantar daí antes disso.

Benson contestou:

- Eu? Eu vou levantar sim. Brasão marcou uma reunião pra depois de amanhã e tenho que ir.

Leonardo chegou naquele momento, encontrando todos em volta da cama do rapaz. Surpreso, falou:

- Mas o que está acontecendo? Quem está doente?

Vera o recebeu com um abraço.

- É o Benson, Leo. Foi pego pela polícia e está todo machucado.

- Deixa eu ver. Nossa! Dessa vez foi pra valer, héin! Sua cara tá um farelo. É bom pra você aprender a mudar de vida.

- Não adianta, Seu Leonardo. Já tentamos – disse Rosinha.

- Pois é. Eu poderia arranjar serviço pra ele trabalhar junto comigo. No tempo da seca até que é um bom trabalho. E esse aqui? De onde surgiu?

Vera, depois de uma pausa, foi quem respondeu:

- Esse é o Chiquinho. Apareceu aí na porta. Eu fiquei com dó. Ele tava com fome e...

- Já sei. Você arranjou mais um filho. Vai ter bom coração assim lá na China. Também não faz mal. Nada temos pra comer mesmo. Não vai ser preciso repartir.

- Então, você não importa?

- Como eu falei, tanto faz. Estou preocupado é em arranjar dinheiro. Nosso serviço lá no centro só vai recomençar depois das chuvas e eu não consegui arranjar outro. Fiquei três dias tentando, dia e noite, e não consegui...

A voz daquele pobre homem mudou e, com o peito apertado pelos braços da revolta de uma vida tão difícil, prosseguiu:

- Não foi por falta de tentar, acredite Vera. Eu fui em todos os lugares conhecidos, falei com todos os amigos e nada. A única solução é pedir dinheiro ao Mister. E isso eu não queria.

A mulher, já fazendo deslizar nos olhos duas lágrimas, abraçou carinhosamente o esposo, tentando confortá-lo.

- Eu sei que você fez o que pôde, Léo. Nesse tempo de chuva é assim mesmo. Não se preocupe tanto. Rosinha conseguiu um adiantamento no Rosa-choque. Já pagamos um pouco na farmácia e o restante do dinheiro vai dar pra gente passar mais alguns dias. Venha, vou arrumar alguma coisa pra você. Deve estar com fome.

Enquanto isso na oficina, o Quinteto Fantástico termina mais uma tarefa. Adriano mal esperou o fim do trabalho e correu para a porta.

- Lá vai o Romeu esperar a sua Julieta –

disse Cássio.

- Quase tropeçou no monte de pneus –
completou Éverton.

Silva cochichou com os amigos:

- E aí? Eu conto pra ele? O que você
acha, Fabrício? Você que é mais amigo dele.

- Ah, eu acho que deve contar. É “bão”
que ele acaba com essa espera boba.

- Vamos lá então, gente?

- Vamos lá.

E os quatro amigos chegaram até à porta,
onde estava Adriano com o olhar perdido no tempo.

- Nada ainda, Adriano?

- Nada, Éverton. Acho que ela não vai
passar mais. Já faz três dias.

- Adriano, o Silva tem algo pra te dizer.

- O que é? É sobre a Rosinha? Fala,
Silva.

- É sobre ela sim, Adriano. É que eu
descobri onde ela trabalha.

- Você sabia desde cedo e não me disse
nada? Por quê? Não estou entendendo.

- Calma. Você vai entender. Eu tenho um
amigo que a conhece. Eu contei o seu caso pra ele e
ele me contou onde ela trabalha.

- E onde é? Conta logo.

- É aí que está o problema. Ela trabalha
no Rosa-choque, portanto não é uma moça direita
como você pensa. Por isso a gente não queria
contar.

Adriano deu dois passos para frente,
passou as mãos no cabelo e comentou:

- É, nem tudo é como a gente imagina.

- Você vai lá “vê ela”? – perguntou Fabrício.

- Não sei. Vou pensar. Rosinha! Uma das moças do Rosa-choque!

A noite chegou. Adriano estava de costas na sua cama. O dia havia sido trabalhoso e o cansaço havia chegado. Mesmo assim os seus olhos teimavam em não fechar. Rosinha não havia saído um instante do seu pensamento e a vontade de vê-la, pelo menos mais uma vez, havia crescido em seu coração. O fato dela ser uma moça do Rosa-shocking não foi o bastante para amenizar a sua saudade. Adriano levantou-se, calçou o seu velho tênis e se deixou guiar pelo amor até aquele local. Se fosse verdadeira a informação, ele iria encontrá-la. O rapaz, porém, não se aproximou muito do lugar. Ficou numa esquina observando se a via. Seu olhar procurou e quase que no mesmo instante ela apareceu, vindo lá de dentro com uma bandeja nas mãos. Era ela realmente. Não tinha dúvida. Os mesmos cabelos longos e a pele clara. Adriano suspirou a sua emoção:

- Rosinha! Como você é linda! É a mulher que sonhei pra se casar comigo. Pena que você já escolheu o seu caminho.

De longe, o rapaz só podia ouvir a música e o barulho dos copos, mas não ouvia nitidamente a voz dos fregueses. Rosinha servia mais uma rodada de cerveja aos clientes do lugar, quando uma voz chamou a sua atenção.

- Oi, garota linda! Seu príncipe chegou.

A moça não deu atenção ao galanteio e prosseguiu o seu trabalho.

- Nossa! Mas que moça séria. Sou eu, Rosinha, o Marcos.

- Oh, Marcos! Desculpa. Eu não posso dar atenção a todo mundo, você sabe.

- Claro que sei. Mas eu sou seu amigo. Ou não sou?

- Claro que é, Marcos. Tudo bem?

- Tudo bem. Vim ver você, já que é só isso que eu posso fazer mesmo.

- Não toque, de novo, nesse assunto. Já discutimos sobre isso.

- Já sei. Já sei. Eu faço parte da quadrilha do Mister e por isso não posso ser seu namorado.

- Não é só isso, Marcos, mas esse é um grande motivo. Agora deixe-me trabalhar, senão o Seu Manascar me “pega”.

- Você sabe que eu posso mandar esse Manascar plantar batatas, não sabe?

- Eu sei. Mas não faça isso. Você vai atrapalhar o meu serviço. Depois eu não conseguirei arranjar outro.

- Tá bom. Tá bom. Pelo menos um beijinho de despedida. No rosto. O que é que tem?

- Tá legal. Tchau, Marcos.

O rapaz beijou, levemente, a sua face.

- Tchau, garota linda. Eu volto pra te ver.

Adriano, do seu reduto, assistiu toda à cena, sem entretanto ouvir o que disseram. Foi o bastante pra virar as suas costas e caminhar de volta pra sua casa. Convenceu-se de que Rosinha era realmente uma das moças do Rosa-choque e, conseqüentemente, não preenchia todos os

requisitos para ser a mulher dos seus sonhos.

((((((((((((O)))))))))))))

No outro dia bem cedo, um carro do ano, último tipo, surgiu no horizonte, deslizando no lamaçal que cobria as ruas do Morro do Cavaco. No banco de trás encontrava-se a figura de um homem idoso, de terno e cabelos brancos. Um ar de preocupação cobria o seu rosto.

- Vá mais depressa, Jean.

- Não tem condição, senhor. O terreno está muito escorregadio e essas ruas são muito estreitas.

- Não perguntei se tem condição. Mandei ir mais depressa.

O carro seguiu para o norte até alcançar o seu objetivo. Quatro homens desceram. Dois deles carregavam alguns pacotes. O homem de branco ainda proferia palavras de um velho assunto:

- Na volta, deixa que o Húudson dirige. E onde está o Brasão pra nos receber?

- Estou aqui, Mister. Chegando...

- Até que enfim. Trago a mercadoria. Tudo em ordem?

- Tudo certo, Mister. Vamos descer. Já tenho o comprador. Cuidado com a escada. É cocaína da boa mesmo? O Serpente quer o encontro...

- Chega, Brasão. Uma coisa de cada vez. Você já havia me falado do comprador. Fale-me

agora do Serpente. Vamos, homem...

- Pois não, Mister. Daqui a cinco dias, no depósito de ferro-velho da beira da cidade. Ele quer te propor um acordo. Não disse que acordo era.

- Tem certeza disso?

- Claro. Eu mesmo cuidei do assunto. Deixa eu ver a mercadoria. O senhor parece preocupado, Mister...

O homem, depois de sentar numa confortável poltrona e servir-se de um Wiskey, prosseguiu o assunto:

- Sim, Brasão. As coisas não andam bem. Uma das minhas empresas está com problemas e ainda por cima um informante me disse que um agente xereta tocou em meu nome no Centro de Investigações. Vai ser preciso ficar de olho nele.

Brasão, depois de abrir, com cuidado, um dos pacotes e com a ponta dos dedos levar à língua uma pequena porção do produto, exclamou:

- Mas que beleza! É da boa sem dúvida nenhuma.

O Mister, saboreando mais um gole da sua bebida, comentou:

- Então o Serpente quer mesmo um encontro! O que será que ele está aprontando dessa vez? É, vai ser preciso eu ficar por aqui. Mas cinco dias, não. Marca pra amanhã, Brasão. Não posso ficar perdendo tempo por aqui.

- Sim, Mister. Eu mesmo vou lá. Ah, o Seu Dantes aceitou a proposta.

- Que Dantes é esse, Brasão? Eu não conheço nenhum Dantes.

- Dantes! Aquele que eu emprestei

dinheiro pra ele montar o boteco.

- Ah, sim. Você me falou. Mas que proposta é essa?

- É sobre a filha dele, aquela que o senhor viu dias atrás.

- Aquela dos cabelos pretos e lisos? Muito bem, Brasão. Até que enfim uma boa notícia. É uma linda menina. Você não esquece mesmo os meus pedidos, né Brasão?

- Não esqueço, Mister. Mas não foi fácil. Custou-nos o empréstimo mais vinte pacotes.

- Não tem importância. Ela valerá.

- Quando mando trazer?

- Hoje à noite. Pode cuidar disso também.

E o Capitão Moreno, apareceu?

- Como sempre. Já levou a sua parte. É isso aí, Mister. A “grande” polícia do Morro do Cavaco continua com a gente. O Capitão deixou até dois revólveres apreendidos na sua última ronda. Quer mais um Whiskey?

- Da próxima vez que o Capitão aparecer, diz pra ele conseguir mais algumas armas para os nossos homens. Artilharia mais pesada, de preferência. Não está me cheirando bem esse encontro com o Serpente.

- Sim, Mister. Aqui está o whiskey que o senhor pediu.

- Eu não pedi, Brasão. Você foi quem trouxe.

- Sim senhor.

O barulho dos motores e das máquinas em funcionamento parecia incentivar ainda mais Adriano, que devorava o serviço. Várias tarefas já

havam sido completadas. Seu comportamento chamou a atenção dos amigos.

- O que deu em você, cara? Tá querendo descontar o atraso? – perguntou Silva.

- É, eu acho que é isso. Entendi que preciso cuidar da minha vida, sem me preocupar com as outras pessoas.

- Do que você está falando? – disse Cássio – Não estou entendendo nada.

- Eu fui vê-la.

- A moça do Rosa-choque?

- É, a Rosinha. Ela realmente trabalha lá. Estava servindo bebidas e beijos aos fregueses daquele lugar.

Um leve ar de tristeza tocou o rosto do rapaz, fato esse percebido pelos seus companheiros.

- Você já estava gostando mesmo dela, né Adriano – comentou Fabrício.

- É, eu acho que sim. Mas não vou deixar isso me abater. Essa história serviu pra eu aprender. Primeiro devo conhecer as pessoas pra depois gostar delas.

Éverton entrou na conversa:

- Muito bem, Adriano. Assim é que se fala. Ninguém vai conseguir tirar a alegria do incrível Quinteto Fantástico. Vamos levar a vida em frente.

Fabrício acrescentou:

- “A moça do Rosa-choque que estraçalhou o coração do mecânico”. Isso me dá até inspiração pra fazer mais uma poesia.

Era hora do almoço na casa de Teotônio Dantes. Sobre um fogão caipira estava o prato do

dia: arroz branco, acompanhado de duas latas de sardinhas.

- Vem comer, Teotônio – gritou Maria – não tem ninguém aí no boteco. Se alguém chegar, a gente vê.

O homem chegou à porta, esperou Aninha se servir e se dirigiu às panelas. O barulho dos pratos e das colheres chamou a atenção de mais um morador da casa. Susej, o messias, escorando nas paredes, havia conseguido chegar até à porta da cozinha. Maria compreendeu o motivo e tentou ajudá-lo.

- Vem comer um pouco, Susej. Esqueça o seu jejum.

- Não, Dona Maria. Não posso quebrá-lo. Ontem eu já andei comendo a rapa do arroz, o que naturalmente não significa nada, mas não posso fraquejar. Caso contrário acabo quebrando o meu jejum, o décimo oitavo dessa minha vida de provações.

- Já que a sua vida é de provações, aproveite e prove um pequeno pedaço de sardinha. Toma, isso não quebra jejum nenhum.

- A senhora acha? Bom, se é assim, me dá essa latinha.

- Bom mesmo é com um pouco de arroz. Experimente.

- Arroz, não. Posso experimentar com a rapa, senão eu quebro o jejum.

- Tudo bem, Susej. Então pode pegar a panela. Todo mundo já colocou.

- Obrigado, Dona Maria. Deus é testemunha da minha força de vontade.

Uma voz, vinda do boteco, interrompeu aquele sagrado ritual de jejum.

- Já vai.

Teotônio colocou o seu prato sobre a mesa e foi atender ao chamado. Chegando à porta, não conteve uma expressão de espanto.

- O senhor!

- Sim, Seu Dantes. Sou eu. Brasão mandou-lhe um recado. Imagino que já saiba qual.

- Sim, Seu Gerson. Basta dizer o dia.

- Hoje à noite. Um pouco mais cedo, mais ou menos oito horas, pois precisamos prepará-la primeiro. Entendido, Seu Dantes?

- Sim... hoje à noite.

- Brasão mandou dizer ainda que se acontecer algo não previsto, ele próprio virá aqui acabar com o resto do boteco e com a sua raça. Passar bem, Seu Dantes.

O pobre homem voltou à cozinha, de cabeça baixa, inconformado com aquela situação.

- Não vai acabar de comer, Teotônio? Seu prato ainda está sobre a mesa.

- Não, obrigado. Perdi o apetite.

- Algum problema? Quem esteve aí?

- Não. Só um freguês. Tudo bem. Os problemas são os de sempre. É esta vida, que na verdade é um inferno, nada mais.

Na oficina mecânica, Adriano e Fabrício também acabavam de almoçar. O poeta reclamava da sua comida. Adriano confortou o amigo.

- Conforme-se comigo. A minha “bóia” tá pior que a sua. Já não temos muito o que comer e minha mãe ainda faz depressa pra eu trazer todo dia

cedo e é nisso que dá.

- Se não fosse o pequeno fogão que “nóis comprô” pra esquentar as marmitas que a gente traz, estaria pior, não é?

- É verdade, Fabrício. Sorte daqueles três que não moram tão longe da oficina como nós.

- É “memo”.

- E a poesia “A moça do Rosa-choque que estraçalhou o coração do mecânico”? Onde está?

- Ora, não é assim. É preciso tempo. Todo poeta precisa de inspiração e de clima pra escrever. Logo mais, quando eu chegar em casa, sentar no banquinho lá fora, olhar a lua, as estrelas... aí sim, os versos chegam como enxurradas nas velas do morro.

- Com esse tempo chuvoso, eu acho que é só mesmo enxurrada que você vai ver. Nada de lua e de estrelas.

Éverton chegou naquele momento, encontrando-se com uma bela moça que também se dirigia à oficina.

- Pois não, senhorita.

- Eu quero falar com o Adriano. Tenho informações de que ele trabalha aqui.

- É aquele lá dos fundos, de cabelos pretos. Vou levá-la até lá.

Os dois caminharam pela oficina. A moça seguiu sob os olhares de Éverton, encabulado com os seus longos cabelos e o seu vestido bem abaixo do joelho, um pouco fora de moda no Morro do Cavaco.

- Adriano. Visita pra você.

O rapaz que estava de costas, sentado

num velho pneu, virou-se e o seu olhar brilhou a mais intensa das surpresas.

- Tereza! Você aqui?

- Como vai, Adriano? Estava com saudade, por isso resolvi te ver.

- Mas você não estava no convento?

- Claro que sim, mas lá não é uma prisão. No nosso convento, a madre nos dá um dia por mês pra gente visitar os nossos parentes e os nossos... amigos.

Adriano, se refazendo da surpresa, disse:

- Ah, sim! Bem... esses são meus companheiros de trabalho. Tem mais dois. Daqui a pouco vão estar aqui.

- Muito prazer – respondeu a moça – É sempre bom ter amigos. Mas, Adriano... eu gostaria de conversar um pouco, a sós, com você. Tem um tempinho pra mim?

- Tenho. Tenho sim. Vamos dar uma volta lá fora.

O casal saiu, observado pelos dois amigos.

- Você conhece, Fabrício?

- Nunca vi mais santa. É do convento, você ouviu?

Cássio e Silva chegaram naquele momento, passando pelos dois na entrada da oficina.

- Quem é? – perguntaram ao mesmo tempo.

- Uma “dama do convento”, amiga do Adriano. Não nos pergunte mais nada que não sabemos – disse Éverton.

Fabrcio acrescentou:

- Acho que vou mudar a minha poesia para: "Mecânico troca moça do Rosa-choque por dama do convento".

Tereza e Adriano caminharam em silêncio por algum tempo, pelas ruas da redondeza.

- E aí? Você não ficou contente com a minha visita?

- Claro que fiquei. Eu não te esperava, é só isso.

- Você devia saber que pra quem ama não há distância e nem momento, Adriano.

- Então você insiste com isso, Tereza? Nós somos primos. Já se esqueceu?

- Isso não é problema, você sabe. O único problema foi sempre você não me querer. Sabe disso também.

- Não vamos começar tudo de novo. Você fez bem em ir para o convento. Vivendo comigo só ia passar dificuldades.

- Eu não me importaria com as dificuldades estando ao seu lado.

- Tá bom. Mas já está resolvido. Você está no convento e, por minha causa, não deve sair.

- Tudo bem, Adriano. Não vou sair. Mas você não pode me proibir de te ver de vez em quando.

- Claro que não. Pode vir. Sabe que eu gosto muito de você. É uma grande amiga.

- Isso é que é consolo pra quem vive pensando em você dia e noite. Isso prova que nada mudou, não é Adriano?

- É, Tereza. Nada mudou.

Os dois caminharam mais alguns minutos, pararam um pouco numa esquina, depois retornaram até à porta da oficina, sendo observados, lá dos fundos, pelos quatro rapazes. A moça disse:

- Pena que você tenha de trabalhar, senão a gente podia conversar um pouco mais.

- É verdade, Tereza. Se o chefe aparece e não me encontra aqui, pode zangar-se comigo.

- Tudo bem. Eu volto daqui um mês. Posso mesmo, não posso?

- Claro. Você é sempre bem-vinda.

- É bom ouvir isso de você.

A moça tocou as mãos de Adriano, beijando levemente o seu rosto. Em seguida, disse:

- Vou pensar sempre em você. Acho que Deus não vai se importar com isso. Tchau.

- Tchau.

Quando ela saiu, os rapazes aproximaram-se de Adriano, levando nos rostos, o zombeteiro ar de costume.

- Pô, cara! Que gata de freira!

- E ela não é tão santa assim. Vocês viram o beijinho?

- Conta, conta tudinho, Adriano. Onde você “descolou”?

- Eu não “descolei” nada. É uma antiga amiga que veio me visitar. É do convento, vocês não viram?

- É, mas isso não impede que ela “arraste uma asinha” para o seu lado, não é? Acha que não percebemos?

Adriano respondeu:

- Pensem o que quiserem. Porém nada do

que pensarem será verdade. Ela é só minha amiga. Agora vamos trabalhar. O dono do carro vem buscá-lo às cinco, esqueceram?

(((((((((((((((O))))))))))))))

Subúrbio é mesmo um inferno: cada um pra si e todos pro diabo. Na porta do seu barraco, sem ter ninguém pra recorrer, pra pedir uma ajuda, Teotônio tentava, sozinho, tomar a decisão. O sol havia escondido-se no horizonte. O tempo já estava acabando. Não havia ninguém no boteco e Adriano ainda não tinha chegado. O momento era esse. Fechou as portas do seu estabelecimento e foi até à cozinha.

- Maria, eu estou saindo. Fechei o boteco e vou lá na venda do Seu Joaquim ver se ele tem umas garrafas de pinga pra me emprestar, até o vendedor passar. Vou levar a Aninha comigo. Vamos, Aninha?

Maria não concordou.

- Não. A Aninha está me ajudando aqui na cozinha.

Teotônio insistiu.

- Deixe a menina ir, mulher. Ela fica trancada aqui dentro. Quase não sai. Vamos, minha filha.

Aninha deixou a louça que lavava e saiu com o pai. Teotônio, segurando a mão da filha, caminhou nas ruas escuras e lamacentas do subúrbio. O clarão da grande cidade era o sol que

brilhava à noite no Morro do Cavaco. Um sol apagado, encobrendo tristezas e lágrimas que rolavam por ali. O homem estava arrasado. Segurava firme a mão da sua filha e seguia calado em direção ao destino. Depois de algumas esquinas, Aninha quebrou o silêncio:

- Papai, a venda do Seu Joaquim é virando aqui à esquerda.

Teotônio apertou um pouco mais a mão da menina e seguiu em frente.

- Vamos, minha filha.

Aninha já estava assustada, sem entender a atitude do pai, quando um carro surgiu de uma esquina, parando perto deles.

- Entrem. Brasão está com pressa.

Os dois foram levados para o norte. Aninha nem imaginava qual era o seu destino, mas seus olhos sabiam que algo estava errado e que ela era a causa do problema. Uma lágrima começou a rolar no seu rosto, sendo imediatamente secada por sua mão direita. Dentro do carro, no banco de trás, ela estava entre o seu pai e um comparsa do Mister. O homem estendeu a mão, tocando os cabelos da menina. Aninha, tentando fugir, abraçou com mais força o seu pai.

- Tira as mãos da menina, seu desgraçado.

- Há, Há, Há...

O carro parou. Brasão esperava na porta do barraco.

- Pontual, Seu Dantes. Assim é que eu gosto. Gerson! Traga a menina.

A indefesa criatura segurava, com todas

as suas forças, a cintura do pai que nada fazia.

- Pai, por favor, me ajude.

O homem, de cabeça baixa, limitou-se a dizer:

- Vá com eles, minha filha. Não tem jeito. Eu vou te esperar aqui fora.

Aninha, com o rosto coberto de lágrimas, foi puxada fortemente pelos cabelos, arrancada dos braços do pai e arrastada para dentro. Seus gritos de desespero apunhalavam o coração de Teotônio.

- Pai. Não me deixe, por favor. Não vá embora.

Brasão desceu, ao lado da menina, deixando uma ordem a dois de seus homens.

- Fiquem de olho nele.

Ainda se ouvia os gritos de Aninha, quando Teotônio, obedecendo ao seu instinto paterno, tentou ir em socorro da filha, sendo imediatamente barrado pelos dois homens que ficaram na porta. No fim da escada, a paisagem se modificou. As pobres paredes de tábua do barraco transformaram-se em paredes decoradas de um luxuoso salão. Aninha nem percebeu, tanto era o medo. Suas lágrimas aumentaram junto com o seu desespero. Brasão gritou:

- Pare de chorar, menina. Gerson, leve essa derretida até ao banheiro e prepare-a. Deve fazer uns três dias que não toma banho. Esfregue-a bem e lave bem as coisas. E rápido! O Mister está esperando.

Aninha foi levada até ao banheiro. Suas roupas foram brutalmente arrancadas e seu corpo, esfregado fortemente pelas mãos do homem, que

usava uma bucha com sabão. Depois do banho, jogaram-lhe uma toalha. Aninha enrolou-se nela.

- Pronto, Brasão. A menina é bonita, viu!

- Muito bem. Só falta o perfume. Traga lá.

Depois do perfume, Aninha enrolou-se novamente na toalha. Brasão disse:

- Pronto. Agora pare de chorar de uma vez e entre por aquela porta. Vá!

Com suas pernas trêmulas, ela caminhou para o quarto do Mister. Brasão empurrou-a, fechando a porta. Seus olhos percorreram as paredes e o teto do luxuoso quarto. Uma bonita cama, rodeada de almofadas coloridas, enfeitava o lugar. Um frio percorreu todo o seu corpo, quando uma cadeira de encosto, do outro lado da cama, começou a girar, revelando o rosto sorridente do Mister.

- Mas você é mesmo uma graça, menina. Venha, aproxime-se. Quero vê-la de perto.

Aninha tentou andar, mas suas pernas conseguiram dar apenas um passo. Mister levantou-se e caminhou em sua direção.

- Mas o que é isso? Não tenha medo de mim. Vamos, tire essa toalha.

Ao sentir a aproximação daquele homem, a menina, no auge do seu desespero, balbuciou:

- Não. Por favor. Não...

Mister arrancou a toalha. Seus olhos arregalaram-se de alegria.

- Mas você já está grandinha, como imaginei. Esse seu corpinho lindo e esses cabelos longos tinham que ser meus. Venha cá.

- Não! Papai! Papai!

Esses gritos não foram ouvidos lá fora. Teotônio, sentado na calçada, com a cabeça entre as mãos, esperava por sua filha. O tempo foi passando. Na sua casa, Maria já estava preocupada com o atraso dos dois. Adriano havia acabado de chegar e notou a inquietação de sua mãe.

- O que aconteceu, mãe? A senhora parece preocupada.

- É o seu pai e a Aninha. Saíram mais ou menos às sete horas e ainda não voltaram.

- Mas, onde foram?

- Seu pai foi buscar umas garrafas de pinga na venda do Seu Joaquim. Não sei se era hora de sair! Nem hora de levar a menina! Ele sabe que é muito perigoso à noite aqui no morro.

- Ora mãe, a venda do Seu Joaquim é perto. Vamos dar um tempo. Se eles demorarem mais, eu vou lá ver.

Dois horas se passaram desde que a menina foi levada para dentro. Teotônio continuava sentado na calçada com a cabeça entre as mãos, quando a porta do barraco foi aberta. Brasão apareceu na porta.

- Aqui está sua filha, Seu Dantes. Foi um prazer negociar com o senhor. Agora é só não criar nenhum caso e poderá viver em paz com a sua família.

Aninha saiu da casa, caminhou em direção ao pai, sem nada dizer. Seu rosto, além das lágrimas, trazia marcas de dentes. Teotônio pegou em sua mão e, também sem nada dizer, caminhou de volta. Com a demora, Adriano havia resolvido ir à venda de Joaquim, para saber o que tinha

acontecido, porém, após andar apenas um quarteirão, encontrou os dois que retornavam.

- Pai, mas o que aconteceu? Minha mãe já está preocupada.

Teotônio nada falou.

- Mas o que está acontecendo? Aninha! Você está chorando. Vem cá, vamos embora. Quero saber de toda essa história.

Segurando a mão da irmã, Adriano caminhou na frente, chegando antes do pai em sua casa. Ao lado da mãe, com muito carinho, o rapaz falou:

- Pronto, Aninha. Pode falar agora. Deixa eu limpar as suas lágrimas. Mas o que é isso? Isso aqui é mordida. Fale pra mim, Aninha, por favor.

- Foi o homem lá do quarto... ele tirou a toalha...

Ela não conseguiu completar a frase. Novamente caiu em prantos. Teotônio chegou nesse momento. Adriano correu em direção ao pai, segurando-o pela camisa na altura do peito.

- O senhor vendeu a Aninha! Como teve coragem? O senhor não é um pai. Não pode ser. É um verme. Um verme sujo de barro...

Maria segurou as mãos do filho, evitando uma desgraça maior.

- Não, meu filho. Por favor. Não faça isso.

Olhando dentro dos olhos do pai, Adriano soltou a sua camisa, proferindo palavras banhadas de ódio:

- Eu não vou perdoar o senhor. Isso não tem perdão. E não pode ficar assim. Eu vou lá. Vou

matar esse desgraçado do Mister com as minhas próprias mãos. É, só pode ter sido ele.

Maria tentou conter o filho, o que não foi possível. Adriano saiu correndo em direção à casa do Mister. A mulher desesperou-se.

- E agora, o que é que eu faço? Teotônio, você precisa ir atrás dele. Eles vão matá-lo.

O homem continuou calado.

- Então eu mesma vou. Ai, meu Deus! O que vai acontecer com o meu filho?

Adriano, bem à frente de sua mãe, corria, levado pelo ódio, nas ruas lamacentas do morro. Cada passo aumentava a sua raiva, a sua revolta daquela história, daquela vida desumana que levava. Ele sabia que podia estar correndo de encontro à morte, porém isso não era o mais importante. Precisava fazer alguma coisa. Cruzar os braços e fechar os olhos a tudo aquilo era se tornar um covarde, e viver assim era melhor morrer.

A residência do Mister, no morro, não era propriamente um esconderijo. Todos no local sabiam onde encontrar o Rei do Cavaco. Aproximar é que ninguém se atrevia. Ou melhor, quase ninguém.

- Mister, desgraçado! Eu vim matar você. Saia da sua toca, maldito.

A vinte passos do barraco, Adriano já esbravejava o seu ódio. Na porta, dois homens guardavam a entrada.

- Brasão, venha cá. Tá chegando um cara que está cansado de viver.

Adriano alcançou a porta, mas não conseguiu entrar. Desferiu um soco no rosto de um

dos homens, porém o outro caiu sobre ele, imobilizando-o. Brasão chegou naquele momento, acompanhado de mais cinco bandidos.

- Ah! É o irmão da menina. Veio suicidar-se, rapaz? Pois então seja feita a sua vontade. Eu e meus homens estávamos mesmo precisando de um exercício. Soltem-no.

Adriano foi jogado ao chão, sujando todo o rosto de barro. Rodeado pelos oito homens, sentiu que era o fim. Brasão ordenou:

- Levante-se pra você aprender a não fazer barulho durante o repouso do Mister.

Um violento chute no estômago, desferido por Brasão, fez Adriano rolar no chão.

- Levantem-no homens, e batam à vontade.

O indefeso rapaz tentou uma reação, desferindo um soco num dos bandidos. Mas eles eram muitos. Socos e pontapés atingiram-no de todos os lados. Adriano foi duramente surrado. Já estava quase sem vida, quando uma voz desesperada se fez ouvir:

- Por favor, não matem o meu filho. Por favor...

Depois de alguns instantes, diante do comovente pedido de Maria, Brasão ordenou:

- Vamos entrar, homens. Chega por hoje. Tenha uma boa noite, minha senhora.

Mais um soco jogou Adriano aos pés de sua mãe. Maria abaixou, segurando o filho nos braços.

- Deus seja louvado! Você está vivo!

Adriano tinha o rosto coberto de sangue e

de barro. Seu corpo, também coberto de barro, estava todo dolorido. Maria disse:

- Vamos embora, meu filho, antes que eles voltem. Tente andar, vamos, por favor...

Com a ajuda da mãe, o rapaz, com dificuldade, começou a caminhar.

- Você teve sorte, meu filho. Eles podiam ter te matado.

Depois de algum tempo, os dois chegaram em casa. Aninha correu ao encontro do irmão.

- Eles machucaram você.

Maria levou o filho até à cama.

- Deita aí e descansa, enquanto vou esquentar uma água pra você tomar um banho.

Aninha, ajoelhada ao lado da cama, segurava a mão do irmão. Com dificuldade, Adriano falou:

- Se eu soubesse, não deixava o papai vender você, viu?

- Eu sei, Adriano.

- Você não merecia isso. É tão nova ainda. Não sei o que deu no meu pai. Onde está ele?

- Saiu, depois que a mamãe foi atrás de você.

Depois de uma pausa, a menina prosseguiu:

- Você não podia ter ido lá. Eles são muito maldosos. Te machucaram. Tá doendo muito?

Uma lágrima começou a rolar no rosto do rapaz, tentando lavar o sangue e o barro que ali ficaram.

- Minha querida. Eu devia ter cuidado

mais de você. Mas a gente é tão pobre. Você vive sempre deixada de lado.

- Não é verdade, Adriano. Você me dá presente todo aniversário meu. Nunca esqueceu.

Adriano sentiu ainda mais apertar o seu coração.

- Eu não falo disso, Aninha. Eu falo de outras coisas. Por exemplo: você nunca estudou. Não pode continuar assim. Agora acontece isso com você. Seu corpinho está todo mordido.

A menina abraçou o irmão, chorando com ele. Mais tarde, Adriano tomou o banho e Maria cuidou de seus ferimentos. Teotônio só voltou no outro dia cedo. O rapaz, que saía para trabalhar mesmo sem estar em boas condições, não lhe disse uma palavra. Tinha um plano em mente e estava disposto a realizá-lo. Chegou com meia hora de atraso, recebido pelos seus companheiros.

- Pô, cara! Uma onça te “pegô”? – disse Fabrício.

- Não, foi a dama do convento – acrescentou Cássio.

Éverton interveio, chamando a atenção dos amigos.

- Deixe de brincadeira, gente. Não dá pra ver que a coisa é séria? O cara tá todo machucado. O que aconteceu, Adriano?

O rapaz sentou numa pilha de pneus e contou a sua história. Cássio não se conformou.

- Mas gente, vamos lá descontar. Somos cinco. O que estamos esperando?

Adriano acalmou os ânimos do rapaz.

- Não adianta, meu amigo. Eles são

muitos mais e estão bem armados. Seria suicídio. É melhor ficarmos quietos e conformarmos com essa vida que temos. Somos pobres escravos desse tal de Mister e nada mais.

- Mas isso não pode ficar assim – acrescentou Cássio.

Silva entrou na conversa.

- Mas vai ter que ficar. Você não ouviu falar que eles são muitos? O melhor é manter distância dessa gente.

- É isso mesmo – disse Adriano – Agora eu tô preocupado é com a Aninha. Não quero que ela fique morando mais lá em casa. Vou ver se eu consigo permissão com o chefe pra ela vir morar comigo aqui na oficina. Nós temos o fogãozinho. Ela pode até cozinhar pra gente.

- Eu acho uma boa ideia – disse Éverton – Assim a gente não precisa ir em casa almoçar.

- E nem eu e o Adriano “trazê” marmitas – acrescentou Fabrício.

Adriano completou:

- Se tudo der certo, quero ver se ela começa a estudar. Daqui não fica longe a escola da beira do morro. Só depende do chefe deixar a gente ficar aqui. Será que ele vem hoje?

Silva foi quem respondeu:

- Eu acho provável. Ele não deve demorar a vir. Já faz quase uma semana que não aparece.

- É, vou falar com ele.

Naquele instante, entra na oficina um rapaz com um bloco de papel nas mãos.

- E aí? Quem arrisca hoje?

Era o rotineiro jogo do bicho, que no

morro tinha uma grande clientela. Lá também a esperança era a última que morria. Fabrício se adiantou.

- Traz aqui, “nenen”. Hoje eu vou “jogá” na onça. Veja só o nosso amigo aqui. Foi atacado por uma. Vai dar onça na cabeça. Só não joga muito porque “num” tenho.

Todos sorriram. Éverton, que naquele dia não tinha dinheiro pra tentar a sorte, disse:

- Vamos depressa com isso. Tá na hora de recomeçar o serviço. Hoje o Adriano fica com a mais leve, tá pessoal?

(((((((((((((((O)))))))))))))))))

O dia seguiu normalmente. O sol tentava, em vão, secar o barro do morro. Nuvens espessas cobriam-no, aprisionando os seus raios. Próximo das dezessete horas, Benson calçou o seu sapato, pegou um plástico para se abrigar da chuva fina que caía e chegou até à porta. Rosinha saiu do quarto naquele momento.

- Mas aonde você vai, Benson? Devia estar na cama.

- Eu preciso sair. Tchau!

- Você não vai. Volta aqui.

O rapaz correu para a rua. Rosinha nada pôde fazer. Vera disse, da porta do quarto:

- Aposto que se trata do tal encontro com o Brasão.

- É, só pode ser isso. Meu Deus! Não sei

o que vai ser dele, se continuar nesse caminho.

Defronte o barraco do Mister parecia festa. Cerca de trinta adolescentes, entre dez e dezesseis anos faziam um tremendo barulho, à espera de Brasão. Benson havia acabado de chegar, quando Brasão, segurando uma cerveja, apareceu na porta.

- Mil anos de vida ao “Rei Brasa”! – disse o homem, estendendo o braço direito na posição horizontal, mantendo a mão fechada e virada para baixo.

Todos responderam ao mesmo tempo, imitando o gesto:

- Mil anos de vida ao Rei Brasa!

Brasão, com voz firme, prosseguiu:

- Bravos e corajosos componentes da “Equipe Brasa”. O Rei Brasa se alegra com as suas presenças. Daqui a pouco vou recolher as oferendas. Segura aqui a minha cerveja, Gerson. Agora vou fazer a chamada.

E os nomes dos componentes da equipe foram ditados um por um. Ninguém faltou, como de costume. Brasão prosseguiu:

- Muito bom! Muito bom! O Rei Brasa se alegra. Vamos agora recolher as oferendas.

Nesse momento, uma voz lá dos fundos se fez ouvir:

- Rei Brasa! Temos um novo brasinha. Aqui está ele.

- Traga-o pra fazer o juramento.

O menino, de onze anos de idade, foi levado até Brasão, que disse:

- Você quer mesmo participar da “Equipe

Brasa”?

- Sim senhor.

- Você sabe que quem entra na equipe não pode mais sair?

- Sim senhor.

- Então vamos fazer o juramento. Repita comigo: “- Eu sou uma brasa... ninguém pode comigo... o Rei Brasa protege os meus passos... sou fiel a ele a vida inteira... viva o Rei Brasa!

Todos responderam ao mesmo tempo:

- Viva o Rei Brasa!

Brasão voltou-se para todos.

- Muito bem. Vou aproveitar, antes de recolher as oferendas ao Rei Brasa, pra dizer que a partir de hoje, quem trazer mais de cinco pacotes, vai ganhar um saquinho do “pó que faz voar” ou uma “boazuda” do Rosa-choque. É um presente do Rei Brasa.

Todos gritaram eufóricos:

- Viva o Rei Brasa!

Brasão recolhia o dinheiro dos seus trombadinhas, quando um dos capangas tocou-lhe o ombro.

- Brasão, o Mister pediu pra você andar depressa com isso. Tá quase na hora do encontro com o Serpente.

- Tá legal. Tô terminando.

E com voz firme, falou aos seus trombadinhas:

- Brasinhas, atenção! O treinamento fica pra semana que vem. Quem já trouxe a oferenda pode ir embora. Viva o Rei Brasa!

- Viva o Rei Brasa!

Pouco depois, com os bolsos cheios de dinheiro, Brasão desceu aos aposentos do Mister, encontrando-o sentado em sua cadeira, tomando o costumeiro Whiskey.

- Pelo volume dos bolsos, a coleta foi boa, héin Brasão?

- É, não posso reclamar.

- E também não pode se esquecer de que fui eu quem lhe deu essa ideia.

- Claro, Mister. Eu não esqueço disso. O whiskey tá bom? Tá quase na hora não é? Será que o Serpente vai?

- Claro que vai. Foi ele mesmo quem quis o encontro. Vá ao depósito e pegue as armas para os nossos homens. As melhores. Não me cheira bem esse Serpente.

- Sim, Mister. Se o senhor não quiser ir, eu vou sozinho enfrentá-los.

- Nada disso. Eu sou o Rei do Cavaco e não tenho medo do Serpente. Ele sim, é que sempre fugiu de mim. Vá buscar as armas. O encontro é ao pôr-do-sol, lá no depósito de ferro-velho, já se esqueceu?

- Sim, Mister; quer dizer, não, Mister. Já vou Mister. Levo as granadas?

Dezoito horas e trinta minutos. O sol mergulhava-se no horizonte, ainda coberto por uma cortina de nuvens espessas. A hora era essa. Um amontoado de carros velhos cobria grande parte do terreno. Latas e pneus usados espalhavam-se por todos os lados. Em certos pontos, as pilhas de carros tinham enormes proporções. Com a ausência parcial do sol e da luz elétrica, o depósito exibia

um aspecto sinistro. O lugar era esse. Um Mercedes preto, teto branco, quatro portas, ocupava o centro do lugar e outros dois veículos estavam parados um pouco mais à direita. Alguns homens, bem armados, ocupavam posições estratégicas entre o amontoado de ferro-velho. Um homem forte e ainda jovem estava em pé, escorado no Mercedes. Dois carros aproximaram-se da entrada.

- Aí vêm eles, Serpente.

- Eu estou vendo, idiota. Ou acha que sou cego? Não se esqueçam. Só atirem quando eu mandar.

Os automóveis pararam a dez passos do Mercedes. Uma porta se abriu. Os cabelos brancos do Mister reluziram, mesmo na pequena claridade que havia.

- Aqui estou, Serpente. Diga logo o que quer.

- Então você veio, Mister. E pontual, como sempre.

- Você ainda tinha dúvidas? Nunca faltei a um compromisso meu e não seria agora. Vamos, diga o que quer.

- Você está com muita pressa, Rei do Cavaco. O que foi? Está com medo?

- Eu ainda não conheci o medo. Não tenho tempo a perder, isso sim.

- Será que você não tem medo mesmo? Então vou lhe dar um motivo pra isso.

A um gesto do Serpente, seis homens levantaram-se detrás do ferro-velho, mirando a cabeça do Mister.

- Essa sua cabeça branca é um alvo muito

fácil de atingir, mesmo no escuro, Rei do Cavaco.

- Por que a represália, senhor Serpente? Algum de nós o atingiu de alguma forma?

- Nada disso, Mister. Quero apenas lhe mostrar que somos fortes o bastante pra liquidar você e o seu bando, se quisermos. Tenho planos para o seu Morro do Cavaco. Claro, se você concordar, podemos trabalhar ao mesmo tempo o morro. Você com as suas e eu com as minhas atividades.

Mister, depois de uma risada, falou com voz autoritária:

- E se eu não concordar, senhor Serpente?

- Se não concordar, teremos que lhe mostrar a nossa força. Se você ainda não entendeu, a um gesto meu, sua cabeça voará do corpo, Rei do Cavaco.

- Continua o mesmo ingênuo de sempre, Serpente. Saiba que a vítima aqui é o senhor. Sob os seus pés e de seus capangas, tem uma boa carga de dinamite pronta pra explodir ao toque de um de meus homens. E se não me engano, debaixo de você está a carga maior. Foi depositada pelo Brasão, durante a tarde.

Serpente, depois de olhar disfarçadamente o chão, falou:

- Você está blefando, cabeça branca. Não pode ter pensado nisso.

- Não subestime o adversário. Aprenda mais esta lição e vá embora. Tem mais: dê adeus ao Morro do Cavaco. Ele é meu e não será você a tirá-lo de mim.

Serpente vacilou por um segundo, tempo suficiente para o seu adversário entrar no carro.

- Pare, Mister! Atirem, homens. Não os deixem fugir.

Os motores foram ligados ao mesmo tempo que o tiroteio. Vários disparos foram feitos na direção do Mister, quebrando os vidros do carro. O Rei do Cavaco abaixou-se, ditando uma ordem:

- Pode apertar, Brasão.

Um pequeno detonador foi acionado, jogando para o ar um amontoado de ferro-velho próximo ao Serpente. Vários homens foram atingidos. Mais um toque do capanga do Mister e o Mercedes do Serpente despedaçou-se no ar. Uma cortina de fumaça cobriu o local, enquanto os outros homens do Mister respondiam ao fogo do restante da quadrilha inimiga.

- Vamos embora!

Os carros deram meia volta, enquanto tombavam mais dois homens do Serpente sob os tiros dos fugitivos. Num dos veículos, em disparada, Brasão não continha a sua euforia.

- Foi uma lição “porreta” que demos a eles, héin Mister? Vi mais dois tombarem na saída.

- Eu estou querendo saber se o Serpente tombou. Alguém viu?

- Eu não.

- Eu também não. Tinha muita fumaça.

- Talvez os outros homens viram. Vamos esperar. Alguma baixa? – indagou Mister.

Brasão respondeu:

- Só o Geraldão. Levou um tiro entre os olhos. Coisa sem importância. Eu cuido do

sepultamento dele. Mas e o Serpente, héin? Foi uma boa lição. Melhor ainda a sua ideia de colocar os explosivos, Mister. Sem eles a gente estaria frito.

- É isso aí, Brasão. A astúcia é uma virtude indispensável no morro. O Serpente, se não morreu, aprendeu de uma vez, quem é o Rei do Cavaco.

((((((((((((O)))))))))))))

No Subúrbio, cada dia é mais difícil que o outro. Isso não é segredo no Morro do Cavaco. Para Adriano, porém, o dia que passou foi muito mais difícil que de costume. Teve que trabalhar com o corpo todo dolorido. Seu rosto havia inchado e doía o tempo todo. Além disso, não pôde resolver a situação de Aninha. O chefe não apareceu na oficina e o assunto havia ficado para o dia seguinte. Para piorar a situação, um rosto lindo, apesar dos problemas surgidos, não havia saído, um instante, do seu pensamento. O trabalho se estendeu até depois do ocaso e ele caminhava de volta para casa, no escuro do morro. A prudência exigia que ele andasse no meio da rua, evitando assim os perigos habituais da noite. Adriano, porém, não se preocupava com isso. Estava mergulhado em seus pensamentos. Felizmente nada aconteceu. Ao chegar na porta da casa, encontrou-se com seu pai. Adriano nada falou. Passou por ele sem lhe dar atenção. Teotônio foi para o boteco e Dona Maria veio conversar com o rapaz.

- Meu filho, não faça assim com o seu pai, que já está sofrendo tanto. Ele Foi forçado a vender a Aninha, você sabe disso.

- A história não é bem assim, mãe. Se ele não estivesse devendo para o Mister, isso não tinha acontecido. Eu não quero mais conversa com ele. Nunca irei perdoá-lo.

- Pense bem, meu filho. Ele é seu pai.

- E a Aninha é minha irmã.

Susej, o messias, que acompanhou toda a história, entrou na conversa:

- O perdão, meu filho, é a mais divina das palavras. Deus tem um lugar especial no seu santo reino para aqueles que sabem perdoar.

Adriano disse:

- Esse Deus, que você tanto fala, deveria arranjar um lugarzinho melhor pra gente aqui na Terra. Não precisava ser especial. Um lugar normal onde se possa viver como gente. Era só o que eu queria desse Deus.

Susej argumentou:

- Os seus olhos estão fechados para a verdade, meu filho. Esta vida aqui na Terra é somente o primeiro ato da sua verdadeira vida. Esses momentos difíceis são folhas do passaporte para a vida eterna. Deus é justo e não vai se esquecer de você.

- Ele já se esqueceu de mim e de todos nós aqui no morro. E eu não vejo nenhuma justiça. Enquanto nós aqui, passamos mil dificuldades e torturas, milhares de pessoas, na cidade, vivem da melhor maneira possível. Mostre-me onde está a justiça em tudo isso.

Susej arregalou os olhos:

- Não fale assim do nosso Deus. Essas palavras serão cobradas de você no juízo final. Nada acontece por acaso. Se estamos em dificuldade é porque Deus quis.

Adriano, já dirigindo-se para o seu quarto, finalizou a conversa, dizendo:

- Então Deus quer mesmo torturar a gente até à morte! Eu sabia disso, seu messias.

Susej tentou dizer mais algumas palavras, mas a porta fechou diante de si.

- Deus vai perdoar as suas injúrias e...

Maria confortou o messias:

- Não dê atenção. Ele ainda está muito revoltado com toda essa história.

Depois do jantar, Adriano deitou-se em sua cama, tentando colocar a vida em ordem. Amanhã, pensava ele, iria falar com o chefe sobre a Aninha; não iria mesmo perdoar o pai, e quanto à Rosinha, iria tirá-la da cabeça de uma vez por todas. Não era possível aceitar que ela, sendo uma mulher do Rosa-choque, ficasse ocupando a sua mente, o seu coração. Os minutos, porém, foram passando e a vontade de rever aquele rosto suave, aqueles cabelos longos, foi invadindo o seu quarto, entrando por todas as frestas das paredes, ocupando os seus olhos, o seu peito, o seu coração que batia no ritmo compassado da saudade. Quando percebeu já estava de pé, com o propósito firme de ir vê-la de novo, mesmo que fosse à distância como fizera da primeira vez. Ele fechou a porta atrás de si e caminhou sob a fina chuva que caía desde as primeiras horas do anoitecer. Lá estava o Rosa-

choque. A mesma esquina o acolheu e ali ele ficou à espera daquela princesa que o fizera construir o mais lindo castelo de sonhos que até aquele momento pudera imaginar. Um freguês levantou o braço e, instantes depois, ela apareceu com a bandeja nas mãos, atendendo ao aceno. Estava linda como sempre. O seu cabelo amarrado, jogado sobre o ombro, lhe dava um charme especial. Depois de algum tempo, o rapaz aproximou-se um pouco mais para vê-la melhor, ficando a uns dez passos do local. Quando Rosinha atendia numa mesa ao lado, um dos clientes não conteve a sua emoção e tocou sua mão no traseiro da moça, exclamando:

- Isso é que é bunda!

Rosinha defendeu-se prontamente, com um tapa no braço do homem.

- Desafortado! Vou contar para o Manascar, atrevido.

O homem, que não gostou da reação da moça, levantou-se.

- Uma mulher não me bate sem troco. Você vai ver só, sua sirigaita.

A garçonete foi segura pelo cabelo e, quando a mão do homem descia pra desferir um tapa em seu rosto, Adriano interveio, segurando o braço do agressor.

- Não bata na moça. Ela não tem culpa.

O homem fitou o rosto cheio de hematomas do rapaz e disse:

- Sua cara não tem mais onde bater, mas prometo que vou achar um espaço. Mas vou mesmo.

A agressiva figura soltou a moça e partiu para cima de Adriano que, afastando-se, derrubou

uma cadeira. O barulho chamou a atenção de Manascar. O dono do estabelecimento apareceu, ordenando:

- Podem parar. Não quero brigas aqui. Vá embora, meu rapaz. Não perturbe meus clientes.

Adriano foi saindo sob o olhar do irritado freguês. Rosinha o acompanhou até à calçada.

- Obrigada por ter me ajudado.

- Não foi nada. Eu estava passando e vi você...

- O seu rosto está todo machucado. O que aconteceu?

- É uma longa história. Depois eu te conto. Você trabalha aí, não é?

- Sim, sou garçom. Não é um bom serviço, mas é o único que tenho.

- Você então é garçom?

- Eu não faço parte das moças lá do fundo, se é o que você quer saber.

Nesse momento, ouviu-se a voz de Manascar:

- Rosinha! Olha o freguês chamando. Qual é a tua?

A moça, apressada, despediu-se de Adriano.

- Tchau. Tenho que trabalhar. Obrigada, mais uma vez, tá?

- Tchau... Rosinha.

Adriano virou-se, abaixou a cabeça e começou a caminhar de volta para casa. Seu coração estava batendo mais forte. Bem mais forte que de costume. O seu rosto não podia conter uma expressão de alegria por saber que Rosinha não era

uma das moças do Rosa-choque. Era somente garçõete. A mais linda garçõete que ele conhecia. Um sonho em forma de mulher que andava por essas ruas lamacentas do morro. Uma esperança havia nascido naquele momento e tomado conta do seu peito. Tinha sido um grande presente saber da vida de Rosinha. Pelo menos uma boa notícia dentre tantos acontecimentos ruins.

Dois dias se passaram. Adriano havia conseguido, com o seu chefe, permissão para morar com a irmã na oficina. Em contrapartida, poderia olhar o local durante a noite. Aninha, apesar de se separar da mãe, havia aceitado a ideia. Ela gostava muito do irmão e além disso iria estudar, o que sempre quis fazer. Maria é que não se conformava com o fato.

- Mas, meu filho, pra que isso? Esta casa é sua. Não há motivo pra você mudar.

- É a Aninha, mãe. Eu quero cuidar melhor dela. Aqui ela está sempre longe de mim. Além de tudo, morando lá na oficina, vai poder estudar. Sem contar que vai ajudar a gente, fazendo a nossa comida.

- Você não perdoa mesmo o seu pai, né?

- Eu não quero que a Aninha fique mais sob os cuidados dele, é só isso. Mas não precisa ficar chateada, mãe. Nós viremos aqui nos finais de semana. Todos eles. Pode ter certeza disso.

- Tá bem, meu filho. E as suas coisas e da Aninha? Como você vai levar?

- O Éverton tá arrumando um carro velho lá e depois ele vem buscar. Vamos levar só as roupas e os nossos colchões. Depois a gente se vira.

- Sabe, meu filho... na verdade eu também fico mais tranquila sabendo que ela está com você. Seu pai é um bom homem, mas deixa se envolver facilmente com esse povo do Mister, e eu não sei o que pode acontecer ainda. Tenho muito medo.

- Não se desespere, mamãe. Como Susej diz, tudo vai dar certo um dia.

Adriano e Aninha mudaram sem nem mesmo se despedirem do pai. Quando o velho carro, levando os poucos pertences dos dois, dobrou a esquina, o homem comentou com a esposa:

- Nem a bênção pediram...

- O que você esperava? O que você fez magoou e muito os dois.

- Você sabe que eu fui obrigado a fazer, Maria.

- Isso mesmo. O que você foi obrigado a fazer magoou e muito os dois.

- Parece que você também pensa como eles, se não me engano.

- Ora, vamos mudar de assunto. Eu já estou muito chateada com toda essa história.

Susej, que assistia ao diálogo, comentou:

- Deus seja louvado pelas nossas dificuldades! Ele quer de nós a provação, a lapidação de nossa alma. E quando entendermos que Ele é a saída, a solução, a vida que buscamos, aí então estaremos preparados para partirmos de encontro a Ele e à felicidade eterna.

Teotônio, com o discurso, franziu a testa.

- Belas palavras, messias. Terminou?

- Ainda falta acrescentar que nas nossas

horas difíceis, Ele sempre intervirá em nosso favor, nos cobrindo com o seu divino manto, pois o Senhor é o nosso pastor e nada nos faltará.

- Muito bem, Susej – prosseguiu Teotônio – já que o momento é de despedida, acho que está na hora de você também ir embora. Os dias que ficou aqui foram o suficiente pra sua recuperação. Você não está pensando em morar pra sempre em nossa casa, não é?

- Mas Seu Teotônio Dantes, eu ainda estou muito doente. Só dou conta de andar aqui dentro de casa. Não posso ir embora agora.

- Não seja mentiroso, Susej. Você está bem. A vida difícil que levamos não nos permite tratar de graça dos outros, não.

- Mas eu não estou dando despesa. Estou em pleno jejum.

- Deixa de frescura, homem. Não existe jejum nenhum. Pare de tentar nos enganar com isso. Não tem nenhum bobo aqui.

- Seu Teotônio Dantes, estou apelando para o bom coração que Deus lhe deu. Dona Maria vai ficar muito sozinha agora, com a partida dos filhos. Eu posso fazer companhia a ela e ajudá-la na cozinha e na arrumação da casa. Por favor...

Maria interveio:

- Deixa o Susej quieto mais uns dias, Teotônio. Ele pode ainda não estar bem.

Susej exclamou:

- Alma bendita de Deus! A sua bondade e a de seu esposo são dádivas divinas. Vocês são anjos caídos do céu. Mas eu vou continuar com o meu jejum. Disso eu não abro mão.

Era de manhã. O novo dia no morro parecia mais agitado que de costume. Teotônio havia acabado de abrir o boteco e as novidades já estavam batendo à porta. Um cliente, que foi beber a sua costumeira dose da manhã, trouxe a notícia:

- O senhor ficou sabendo, Seu Dantes? O “Homem da Máscara Preta” atacou mais uma vez. E dessa feita na nossa região. A filha moça da Dona Sebastiana foi a vítima. A coitada foi pega logo ali naquela segunda esquina, quando voltava da casa da vizinha.

- Já fazia quase um mês que a gente não ouvia falar nesse tarado, não é mesmo?

- É. E dessa vez ele até ameaçou matar a moça. A infeliz chegou em casa com a roupa toda rasgada.

- Alguém precisa dar um jeito nesse safado. Já faz tempo que vive atacando as mulheres aqui no morro.

Maria ouviu a conversa.

- O que foi, Teotônio?

- O tarado da máscara preta atacou a filha da Dona Sebastiana.

- A maior ou a menor?

- A maior. Ninguém pode mais andar à noite no morro mesmo.

Susej levantou naquele momento.

- Parece que ouvi falar no Homem da Máscara Preta...

Maria foi quem respondeu:

- Ouviu sim, Susej. Ele fez mais uma vítima ontem à noite.

- Esta alma perdida precisa de uma

oração. Os prazeres da carne dominam a mente do ser humano. Mas sabe ele que tudo isso é efêmero. Vou orar fervorosamente em favor da sua alma corrompida pelo pecado.

- Esse Susej...

(((((((((((((((O)))))))))))))))))

O novo dia na oficina mecânica era de muito trabalho. Adriano levantava paredes de tábuas nos fundos da oficina, formando um pequeno quarto para ele e sua irmã. Silva o ajudava enquanto os outros três tentavam consertar o motor de um fusca. Um clima de alegria reinava no local.

- Segura a tábua, Silva, que eu vou pregar desse lado. Preciso de um prego maior. Aninha, pega lá pra mim.

Cássio gritou lá debaixo do carro:

- Então quer dizer que, de hoje em diante, não precisamos mais ir em casa almoçar? Que beleza! Quero ver se a nossa cozinheira é realmente “porreta” como diz.

- A Aninha é uma ótima cozinheira, não é Aninha?

A menina respondeu:

- Eu ainda não vi nada pra fazer comida por aqui. Só tem o fogãozinho. Nada de arroz e de mistura.

Silva comentou:

- Assim não tem jeito de você mostrar as suas qualidades como cozinheira, né?

- É...

Adriano disse:

- Não se preocupe, minha querida. Daqui a pouco o Fabrício vai buscar pra gente.

Fabrício brincou:

- Só podia ser eu. Só sobra pra mim “memo”.

- Éverton, procurando uma peça, disse, detrás da pilha de pneus:

- E então, Adriano? Já pensou no que eu lhe disse ontem?

- Sobre a Rosinha? Pensei, mas eu acho que você está errado. Ela não quis me enganar.

- Não tem lógica, Adriano. Ela trabalha lá de noite e não faz parte das moças de lá? Eu não sei não...

O rapaz parou o serviço e deu um longo suspiro.

- Mas eu acredito que ela é só uma garçõete. Eu vi nos olhos dela. Estava sendo sincera. Além do mais, quando o homem tocou nela, você precisa ver a sua reação. É difícil acreditar que daquelas mãos tão meigas e delicadas pudesse surgir uma defesa...

Silva comentou com Aninha:

- Tá vendo? O seu irmão está perdidamente apaixonado! Vive voando pela oficina com essa tal de Rosinha no pensamento. Agora está mais eufórico porque descobriu que ela é uma moça direita. Isso vai acabar em casamento, pode apostar.

Aninha exclamou, preocupada:

- Mas você não vai casar agora não, né

Adriano?

- Claro que não, Aninha. Eu mal conheço a moça. E se eu casar, não se preocupe. Você vai morar comigo, viu?

Cássio, ainda debaixo do automóvel, falou:

- Não precisa mesmo se preocupar, Aninha. Esse namoro não tá com nada. Quer ver? Faz quantos dias que você nem vê essa princesa dos cabelos longos?

- É... hoje vai fazer três dias.

As horas correram na oficina. Quatro da tarde. A chuva fina que caía desde cedo havia parado um instante. O trabalho prosseguia, quando Cássio bateu no ombro de Adriano, mostrando a porta.

- Se não for um sonho seu que está querendo se materializar, a sua princesa está lá na porta.

Adriano olhou e não pôde conter uma expressão de surpresa:

- Rosinha!

O rapaz deixou o serviço e se dirigiu até à porta. E aconteceu o toque mágico das mãos.

- Que surpresa! Você aqui!

- Eu nem tive tempo de te agradecer melhor aquele dia no Rosa-choque, por isso resolvi passar aqui...

A moça desviou o seu olhar para os fundos da oficina. Adriano virou-se, soltando as suas mãos. Lá estavam os seus quatro amigos, escorados uns aos outros, olhando para os dois. Adriano propôs:

- Vamos dar uma volta, pra gente conversar mais à vontade?

- Vamos.

Os dois saíram caminhando pela rua.

- O seu rosto está bem melhor – disse Rosinha – você não me contou a história dos seus machucados. Aliás, você nunca me disse nada, não é mesmo? Eu nem sei o seu nome. Qual é?

- É que a gente nunca teve uma oportunidade, como esta, pra conversar. Meu nome é Adriano.

- É lindo o seu nome...

- Bonito mesmo é “Rosinha”. É só Rosinha?

- Ana Rosa. Só que ninguém fala.

- É muito bonito. E não é só o nome. Você é linda!

- Muito obrigada.

Eles continuaram caminhando em silêncio. Pouco depois Adriano prosseguiu a conversa:

- Aquele dia no Rosa-choque, eu tinha ido ver você. Acho que estava com saudade.

- É verdade? Que legal! Então somos dois a sentir saudade. É por essa razão que eu vim te ver. Mas você está me enrolando. Não me contou a história que havia prometido.

Adriano sorriu e narrou para a moça os últimos acontecimentos de sua vida.

- E então eu resolvi trazer a Aninha pra morar comigo ali na oficina. Não sei se fiz bem.

- Eu acho que fez muito bem. Assim você estará sempre perto dela.

- É, e eu quero ver se consigo colocá-la na escola. Daqui fica mais perto.

- Mas que bom, Adriano! Depois de tudo o que passou, ela precisa de toda a sua atenção. Depois eu quero conhecê-la.

- É só a gente voltar pra oficina. Ela está lá.

- Não. Vamos comigo até ali na esquina, que eu já preciso ir embora. Daqui a pouco é hora da janta lá em casa. Depois eu tenho que ir trabalhar.

- Eu queria te falar uma coisa. Você não acha assim um tanto perigoso o seu serviço de garçomete? Além de ir embora à noite, aqueles fregueses são muito atrevidos. Sem contar que todo mundo pensa que você é uma moça do Rosa-choque. Até eu pensei.

A moça abaixou a cabeça.

- Não é mesmo um bom serviço, Adriano. Eu sei disso. Mas não tem outro. Aqui no morro não tem. E eu preciso ajudar em casa. Mesmo trabalhando, a gente vive passando por dificuldades.

- É, tá certo. Mas eu fico preocupado. Aquele dia, por exemplo, aquele homem tocou em você...

- A gente tem que aguentar e ir levando a vida. Ah! E mais uma vez, obrigada.

Chegaram até à esquina apontada pela moça. Adriano respondeu:

- Não é necessário me agradecer mais, tá? Você já vai mesmo embora?

- Já. Eu tenho que ir.

- E quando é que vem me ver de novo?

Onde é que você mora?

- Eu moro logo ali à esquerda, a cinco quadras daqui. Se você quiser, venho te ver amanhã.

O rapaz tocou, mais uma vez, as suas mãos.

- Claro que eu quero. Eu quero te ver sempre agora.

Os seus olhares se prenderam na mágica emoção daquele momento. Um suave beijo foi trocado. Era o início de um romance que tinha o toque da beleza e o encanto da simplicidade.

- Tchau, Adriano.

- Tchau, Rosinha. Até amanhã.

O rapaz voltou para o trabalho. Para surpresa dos seus amigos, entrou sem dizer uma palavra. Parecia estar caminhando sobre as nuvens. Seu rosto não escondia a imensa alegria que invadira a sua vida. Logo alguém comentou:

- O homem acabou de ficar maluco. Veja só o seu estado. Parece que ganhou a “bolada” maior do jogo do bicho.

Mais uma voz se ouviu:

- Como é, Adriano? Não vai contar? Queremos saber tintim por tintim.

Chegou a noite na casa de Teotônio Dantes. Susej alimentava o seu jejum, rapando a panela. A chuva havia voltado e, dessa vez, com mais intensidade. O messias ditava as suas profecias:

- Senhor, tenha misericórdia dos seus filhos. Perdoe se o Morro do Cavaco ainda não está preparado para o grande momento. Eu fiz o que pude.

- O que é isso, Susej? – indagou Maria – Assim você me deixa com medo.

- Esta chuva, Dona Maria. Pressinto que o momento está chegando.

- Que momento é esse?

- O segundo dilúvio da história da humanidade. E não são profecias apenas. Eu sou Susej, o porta-voz do Senhor.

- Ora, deixa disso. Nessa época do ano sempre choveu assim.

- Engana-se, Dona Maria. Essa chuva é um aviso pra todos nós. O dilúvio vem aí.

Teotônio interveio:

- Tudo bem, seu profeta. Agora vamos dormir. Já é tarde.

Maria completou:

- Vamos, então. Se as goteiras deixarem, né! Tá chovendo mais aqui dentro do que lá fora.

A noite passou. A chuva aumentou e prosseguiu por todo o dia seguinte. Rosinha não pôde ir ver Adriano. Chovia torrencialmente no Morro do Cavaco. As ruas estavam alagadas e, no interior das casas, a situação era difícil. A água já havia invadido as construções mais baixas. Os casebres feitos nas partes mais elevadas corriam o perigo de desmoronar. Novamente a escuridão acolheu o morro. E nessa noite aconteceu o inevitável. A chuva alcançou proporções ainda maiores e vários desmoronamentos aconteceram. As encostas do morro desceram em avalanches de água, terra e tábuas, soterrando vários barracos, fazendo diversas vítimas e deixando desabrigada boa parte da população. Quando amanheceu, o espetáculo que

se via era assustador: pessoas andando pra lá e pra cá, sob a chuva que continuava caindo, tentando salvar alguns pertences; outras cavando a terra, buscando parentes e vizinhos soterrados. Mulheres e crianças choravam em meio aos destroços. Uma das partes mais atingidas foi a região onde ficava a casa de Teotônio Dantes. Adriano, que na oficina mecânica não teve maiores problemas, preocupou-se com a sua família e com Rosinha. As ruas, alagadas, eram quase intransitáveis, mesmo assim o rapaz resolveu ir ver como eles estavam. Disse para Aninha não sair da oficina e correu, com dificuldade, pelas ruas do morro. A casa de Rosinha era mais próxima e ele resolveu passar lá primeiro. O problema era saber exatamente onde era. Lembrou-se da explicação da moça na última vez em que eles se viram. A casa ficava do lado esquerdo, a cinco quadras da oficina. Adriano seguiu. Vários barracos haviam desabado. Ele ouvia choro de crianças por todos os lados. Rosinha! Será que estava tudo bem com ela? Não era possível que, logo agora, quando ele havia encontrado a mulher dos seus sonhos, o destino havia interferido. Não, ele não queria nem pensar. A quinta esquina foi dobrada. Ele não tinha certeza se era mesmo por ali, mas passava de casa em casa, olhando e perguntando às pessoas.

- Rosinha? Sei. Naquela casa meio derrubada ali.

Adriano olhou o barraco feito de tábuas. Uma parede havia caído e pessoas tentavam consertar. Ele chegou gritando o nome dela:

- Rosinha! Rosinha!

A moça ouviu a voz e correu ao seu encontro.

- Adriano! É você!

Os dois, molhados da cabeça aos pés, se abraçaram fortemente. Um beijo apaixonado foi a prova maior daquele amor que havia nascido entre eles.

- Que bom que você está bem, Rosinha! Tive tanto medo.

- Eu também só pensei em você, Adriano.

- Eu te amo.

- Também te amo. Como nunca amei.

Eles se abraçaram mais uma vez. Adriano, logo em seguida, despediu-se:

- Desculpe-me por deixá-la sozinha, mas eu tenho que ver como estão os meus pais.

- Vá, Adriano. Deus queira que nada tenha acontecido. Pra onde é?

- Pra lá.

- Já ouvi gente dizer que aconteceram vários desmoronamentos nessa direção.

- Vou ver. Tchau, minha querida.

- Tchau, amor.

Ele a beijou mais uma vez e correu em direção à casa dos seus pais. Realmente, a região havia sido muito mais castigada. A ansiedade aumentava em seu coração à medida que se aproximava. Faltava dobrar duas esquinas pra avistar a casa. Adriano apertou ainda mais os seus passos, quando viu que havia acontecido um desmoronamento para o lado da sua antiga morada. Finalmente chegou. A situação era desesperadora. A terra havia coberto o boteco e a casa de Teotônio

Dantes. Uma equipe de salvamento estava no local à procura de corpos. No meio do povo, Adriano avistou Susej, de joelhos no chão molhado, com as mãos postas e levantadas para o alto. Sua voz ditava frases de apelo e segurança:

- Senhor de todos nós! Senhor dos vivos e dos mortos! Eu, Susej, o messias escolhido por você, peço a sua ajuda e sei que não me irá negar. Sua vontade está acima de qualquer realidade. Ouça-me, bondoso Senhor de todos nós...

- Susej! Susej! Minha mãe. Onde está ela?

Susej exclamou:

- Adriano! Até que enfim você chegou. Sua mãe, a bondosa Dona Maria, está sob os cuidados do Senhor. Não se preocupe. Eu já fiz a minha oração pedindo a Deus a sua volta ao nosso convívio.

- Minha mãe está debaixo dos destroços? Não é possível!

- Não se preocupe, meu filho. Tudo dará certo.

- E meu pai?

- Já foi retirado. Não sofreu nada de grave. Foi levado para o hospital.

O tempo foi passando. A equipe de salvamento fazia tudo para salvar a mãe do rapaz. Adriano nada podia fazer a não ser esperar. Sua consciência o acusava por tê-la deixado e mudado para a oficina. Mas agora isso não importava. O principal era ter de volta sua mãe. Já fazia mais de uma hora que ele havia chegado. Adriano apelou para o chefe da equipe:

- Por favor, meu senhor. Não tem jeito de andar mais rápido?

- Tenha paciência, meu rapaz. Eu entendo a sua aflição. Estamos fazendo o possível pra encontrá-la com vida. O maior problema é que a chuva não para e dificulta o nosso trabalho.

Mais uma hora se passou. Boa parte da terra havia sido retirada e lá estava Dona Maria, inconsciente, debaixo de algumas tábuas da parede do barraco. Um dos homens desceu ao local e gritou:

- Ainda está viva! Vamos puxá-la.

Aquelas palavras fizeram descer duas lágrimas de felicidade dos olhos de Adriano, misturando-se com a chuva que molhava o seu rosto. Susej, novamente, caiu de joelhos, proferindo orações e palavras de agradecimento.

- Meu Senhor! Tão imensa é a sua bondade. Tinha certeza de que não iria nos esquecer nesse momento difícil. Em agradecimento, vou estender o meu jejum por mais um dia. Amém!

O Governo do Estado enviou ajuda aos desabrigados. Todos foram acolhidos numa velha construção perto do morro. Os enfermos, depois de deixarem o hospital, iam também para lá. Vacinas, alimentos e agasalhos foram distribuídos. Teotônio e Maria, depois de recuperados, seguiram para o local. A mulher tinha algumas escoriações pelo corpo e havia quebrado um braço. Adriano acompanhou a sua ida do hospital para a construção, porém, mesmo diante daquela situação, não trocou uma só palavra com o pai.

(((((((((((((((O))))))))))))))

As chuvas se foram, definitivamente, em dez dias. Os desabrigados do morro já estavam voltando para reconstruírem as suas casas. Enfim, o morro voltava à normalidade. Teotônio, com a ajuda de Susej, ergueu, provisoriamente, um pequeno barraco. Ele tinha planos em mente e isso lhe daria uma casa melhor, num futuro bem próximo. O homem agradeceu a ajuda recebida:

- Obrigado, Susej. Sem você eu estaria enrolado pra erguer o barraco. Maria, com o braço quebrado, não poderia me ajudar.

- Nada a agradecer, Seu Dantes. Deus tarda mas não falta. Ele me mandou ao morro, exatamente pra servir aos seus moradores. E não se esqueça, Seu Dantes, as chuvas apenas começaram.

Maria, que organizava a sua improvisada cozinha, entrou na conversa:

- O que você quer dizer com isso? Vem mais chuva por aí?

- Mas é claro, Dona Maria. Esta chuva foi só um aviso. Na realidade foi só um pingo d'água da chuva maior que cairá em pouco tempo sobre a Terra. O segundo dilúvio é inevitável.

Teotônio falou:

- Ora, deixa disso, Susej. Que segundo dilúvio o quê! As chuvas até já acabaram.

- Elas voltarão, Seu Dantes, e com fúria ainda maior. Deus quer varrer, mais uma vez, os pecadores desta terra. Eu até peço para esta bondosa família que me acolheu, um tempinho, durante o

dia, para que eu possa voltar a pregar o aviso de Deus nas ruas do morro.

- Você não está preso aqui, Susej. É exatamente o contrário. Pregue a sua bobagem à vontade. Enquanto isso eu vou é tratar de conseguir dinheiro pra fazer a casa que quero. O Governo prometeu ajuda, mas eu não acredito nessas promessas. Vou me virar sozinho.

Maria disse:

- Veja lá o que você vai fazer, Teotônio. E, na minha opinião, há outra coisa pra gente se preocupar. Os mantimentos que o Governo deu acabam em uma semana, no máximo.

- Não se preocupe, Maria. Vou resolver tudo isso e muito breve. É só esperar um pouquinho.

No subúrbio, às vezes, a tristeza descansa, mesmo que só por um pequeno momento. Na oficina mecânica, a alegria havia chegado com o sol, que finalmente livrou-se da máscara de nuvens que cobria o seu rosto.

- Você viu, Silva? Parece que depois da chuva, o Cássio ficou um pouco mais descorado. Olha só a cara dele!

- Sabe que você tem razão, Éverton? Mas agora com o sol ele vai bronzear um pouquinho. Não é, Cássio?

O rapaz respondeu:

- Eu vou é acertar esse motor velho na cabeça de dois caras enjoados que tem aqui dentro, e não vai demorar muito.

Fabrcício disse:

- Enquanto vocês brigam, eu tô aqui só sentindo o “chêro” da comida que a Aninha tá

fazendo. “Óia” só...

- Sabe que é mesmo? – disse Cássio – A sorte parece que começa a sorrir pra nós. Já temos até cozinheira. Uma ótima cozinheira, diga-se de passagem.

Adriano disse, lá dos fundos:

- Não é à toa que ela é minha irmã.

- Olhem só. O homem falou de um outro assunto. De uns dias pra cá, só fala na sua querida Rosinha, não é mesmo?

- Isso quando não está calado, sonhando com ela.

- Por falar nisso, Adriano – disse Éverton – vai encontrá-la hoje?

- Vou sim. Às sete horas, antes dela ir pro trabalho. Só a vi uma vez depois da chuva.

- Cupido te acertou pra valer, héin cara?

- É, ela é linda! Não consigo deixar de pensar nela um minuto sequer.

- Isso você não precisa dizer. Já sabemos.

Fabrício aproximou-se de Adriano, com um papel nas mãos.

- Eu fiz uma poesia inspirado nesse caso seu, cara. “Qué”?

- Deixa ver. Qual é o título? Ou não tem?

- Tem. “A Rainha do Subúrbio”. Que tal?

Adriano leu a poesia. Lindos versos narravam todo o amor que ele sentia. As palavras pareciam tiradas do seu coração. Fabrício acrescentou:

- Por que “num” dá pra ela? Diz que foi você quem fez. “Gostô” da ideia?

- É. A poesia é linda! Eu acho que vou

levar pra ela. Uma mentirinha dessa não tem importância, não é?

Às dezenove horas, lá estava Adriano no local combinado: uma esquina que ficava no caminho do Rosa-choque. Era por ali que ela chegava, e o rapaz não tirava os olhos do caminho. Rosinha finalmente apareceu. O vestido de quase todos os dias, o cabelo amarrado para trás, porém linda, correndo em sua direção. Um abraço cheio de carinho, um beijo sabor ternura e um suave “eu te amo” foram trocados em nome do amor que brilhava em seus olhos. Adriano segurou o rosto da moça entre as mãos.

- Minha querida! Estava ansioso por este momento. As horas passavam tão devagar...

- Fiquei pensando em você o dia todo, Adriano. Dona Vera até percebeu.

- Eu não posso mais viver sem você, Rosinha. Diz que nunca vai me deixar, diz.

- Eu nunca vou deixar você. E você?

- Eu quero estar sempre ao seu lado. Quero que o nosso amor cresça lindo, superior a todas essas coisas aqui do subúrbio, qual uma flor na lama, maior que a fome, mais forte que a guerra que a gente trava aqui.

Rosinha beijou Adriano mais uma vez e disse:

- Às vezes eu acho que é um sonho. Eu não sabia que por aqui vivia toda essa felicidade.

- Não é sonho, minha querida. É mesmo verdade. Abraça-me mais forte.

Depois do abraço, Adriano tirou a poesia do bolso, agora já com a sua letra.

- Eu trouxe algo pra você. Não sei se vai gostar. Aqui está. Pra minha Rainha do Subúrbio...

A moça leu a poesia.

- Mas é tão linda, Adriano. Vou guardar pra sempre. Então, eu sou a sua rainha?

- A mais linda de todas. A minha Rainha do Subúrbio.

Beijaram-se uma vez mais. O rapaz disse:

- Parece que esse beijo foi de despedida, se não me engano.

- Como é que você sabe?

- Não sei. Eu senti.

- Eu tenho que ir. Já está na hora.

- Ficamos juntos só meia hora...

- Só meia hora...

Adriano fez um ar sério.

- Eu vivo preocupado com você retornar à noite pra casa. É muito perigoso. Eu poderia, a partir de hoje, te buscar.

- Não tem lógica, Amor. Eu venho embora é de madrugada. Você tem que levantar cedo, trabalha o dia todo. Além do mais, eu venho até perto de casa com uma outra garçonete. Deus ajudando, não tem perigo.

- Você acha mesmo?

- Acho. Não precisa se preocupar, tá?

- Tá bom. Mas toma cuidado, viu?

- Tudo bem.

Um outro beijo de despedida e Rosinha seguiu na direção do seu trabalho. Ela sabia que Adriano tinha razão. O Morro do Cavaco à noite era muito perigoso. O homem da máscara preta não era o único perigo. Certa vez ela foi seguida pelos

próprios fregueses do Rosa-choque. Várias vezes, temendo algum perigo, esperou o dia amanhecer para voltar à sua casa. Nada podia fazer, no entanto. Não existia outro trabalho no morro e não era justo Adriano ir esperá-la todas as noites. Ela nem tinha hora certa de sair. Deus haveria de protegê-la.

Teotônio Dantes recebeu o novo dia com muito ânimo, com muita esperança. Tinha resolvido colocar os seus planos em andamento, o mais rápido possível. Saiu de casa e caminhou na direção norte. Sim, isso mesmo. Pretendia falar com Brasão e se oferecer para trabalhar com eles. Se fosse preciso iria conversar com o próprio Mister. Qualquer atividade servia. E o mais importante: tinha, pra vender, algumas informações colhidas quando da sua estadia, com os desabrigados pelas chuvas, na velha construção. Não iria querer muito dinheiro. Só o suficiente para refazer a sua casa e o seu boteco. Dessa vez usando tijolos e não tábuas. Finalmente chegou. Na porta do barraco, estavam os mesmos dois homens de sempre.

- Olha só quem vem aí.
- Bom dia. Quero falar com o Brasão.
- É algo importante?
- Bastante. Ele vai gostar de me ouvir.
- Muito bem. Vou chamar.

Brasão pediu para levarem Teotônio até ele. O homem desceu a escada e, convidado, sentou numa poltrona frente ao braço direito do Mister.

- E então, Seu Dantes, o que tem de tão importante pra me dizer?

- Primeiro eu quero combinar com o senhor alguns detalhes.

- Pode abrir o jogo, Seu Dantes. Quanto quer pela informação?

- Eu preciso trabalhar. Quero um emprego aqui e o material pra reconstruir a minha casa e o meu boteco. Tijolos, dessa vez.

- Essa informação vale tudo isso?

- Eu tenho certeza que sim.

- Pois bem. Pode falar então. Se eu achar que a informação vale, você terá o emprego e o material.

- Tenho a sua palavra?

- Você sabe que eu sou um homem de palavra, Seu Dantes. Tudo depende da sua informação.

- Bem... o Serpente não morreu.

- Disso eu já sabia. Traga o cinzeiro, Gerson.

- O importante não é isso. É que ele está tramando um plano pra derrubar o Mister.

- Muito bem. Muito bem. Você parece bem informado. Onde conseguiu saber disso?

- No local onde ficaram os desabrigados pela chuva. Numa das famílias havia um homem do Serpente. E ele me contou.

- E qual é o plano desse maldito Serpente? Espero que você saiba.

- Com muito custo e muita cachaça que dei para o tal homem, consegui essa informação. O Serpente vai fazer chegar algumas provas à Polícia Federal sobre as atividades do Mister aqui no morro, com a intenção de obrigá-lo a fugir e tomar o seu lugar.

- Que provas são essas?

- O homem não sabia. Eu posso ficar de olho no nosso informante.

- Muito bem. E tente descobrir também quando ele vai levar essas provas.

- Então você me contrata como seu ajudante?

- Isso mesmo. Você mostrou muita astúcia. Depois eu combino com o Mister o seu ordenado.

- E o material pra refazer a minha casa?

- Amanhã eu cuido disso. Amanhã você vem cá. Quer uma cerveja? Gerson. Traga-me duas cervejas e ligue imediatamente para o Mister. Não! Ligue para o Mister primeiro, depois me traga as cervejas. Rápido, Gerson.

(((((((((((((((O))))))))))))))

O Quinteto Fantástico vivia mais um dia de trabalho, quando um bonito carro parou em frente à oficina mecânica.

- Vai lá, Adriano. Eu tô ocupado – disse Éverton.

Adriano caminhou para a porta, encontrando-se com um elegante rapaz.

- Bom dia. Meu carrão deu um probleminha no freio. Você pode olhar?

- Claro que sim. As chaves, por favor. Vou trazê-lo pra dentro. Vem de longe?

- Venho. Estou rodando esse mundo há muito tempo.

- O que veio fazer no Morro do Cavaco?
- Rever amigos que não vejo há anos. E talvez alguém, quem sabe?
- Éverton aproximou-se.
- “Cara”, eu te conheço. Você não é o Alfredo?
- Sim, sou o Alfredo. Mas eu não me lembro de você.
- Eu sou o Éverton. Você morava a um quarteirão da minha casa.
- Ah! O Éverton! Como vai?
- Tudo bem. Faz muito tempo que você sumiu.
- Oito anos exatamente. Andei por aí só levando cacetadas. Ultimamente é que a sorte começou a me sorrir. Você conhece por aqui a Eva? Sabe onde mora?
- Eva? Não, não conheço. Quem é o pai dela?
- Ela é filha do Leonardo e da Vera.
- Adriano, que tentava consertar o carro, ergueu a cabeça ao ouvir o nome do casal.
- Eu conheço a Dona Vera. Tem mesmo uma filha que se chama Eva.
- Onde ela está morando?
- A cinco quadras daqui, virando à esquerda.
- Bem, se não me engano, deve ser no mesmo lugar. É incrível! Por aqui nada muda. Só essa oficina que não me lembro dela.
- Adriano comentou:
- Rosinha me falou que a Eva espera um rapaz há muitos anos. Então só pode ser você.

- A garota Rosinha? Deve estar uma linda moça. Você a conhece?

- É minha namorada.

- Bem, você me deu uma ótima notícia. Então a Eva ainda espera por mim. Muito bom. A cinco quadras daqui, então?

- Se você quiser, eu te levo lá perto quando consertar o carro.

- Não vai ser preciso, obrigado. Não vou ter dificuldade em encontrar a casa dela.

Uma hora depois, o carro seguiu o seu destino. As casas passavam num ritmo cadenciado, mostrando, com perfeição, a pobreza daquele povo entregue ao próprio azar. “É aquela ali”, pensou Alfredo. O carro parou. Na porta estava Vera, varrendo o chão. O rapaz desceu e aproximou-se, sob o olhar da pobre mulher.

- Não se lembra de mim, Dona Vera?

- Alfredo! É você mesmo. Não devia ter voltado.

- Mas o que é isso? É assim que a senhora recebe os velhos amigos?

- Você nunca foi amigo, Alfredo. Arruinou a vida da minha filha indo embora e agora voltou pra acabar com o resto. Vá embora daqui.

- Não é verdade, Dona Vera. Eu fui tentar a sorte. Agora estou de volta.

- Oito anos tentando a sorte. Não me faça acreditar nessa história.

- Foi tudo muito difícil. Eu saí daqui sem nada, a senhora sabe. Deixe-me ver a Eva. Eu sei que ela está me esperando.

- Ela não está. Foi buscar um sal. Por

favor, vá embora.

Eva, que quase não saía, depois de muita insistência da mãe, já que Rosinha estava dormindo, tinha ido buscar o sal e estava chegando naquele momento. Ao ver o rapaz, o pacote que carregava caiu de suas mãos. Ficou parada a alguns passos do carro, sem nada dizer. Alfredo sorriu e caminhou tranquilamente em sua direção. Tocando as suas mãos, o rapaz disse:

- Eva, como você está bonita!

- Alfredo! Não é possível!

- É possível sim. Voltei, como eu te prometi.

A moça atirou-se nos seus braços, mal podendo conter a sua emoção. Vera, diante daquela cena, virou as costas e entrou na casa. Rosinha apareceu na porta do quarto.

- O que aconteceu, Dona Vera? A senhora parece preocupada.

- Está vendo aquele carro lá fora? É o Alfredo que voltou.

- Não é possível!

- É sim. Eva já caiu nos braços dele. A coitada vai acabar de se matar.

- Meu Deus! Eu não acreditava que ele voltasse.

- Nem eu, mas voltou pra arruinar de vez com a vida da Eva.

- Quem sabe não, Dona Vera.

- Ora, Rosinha, talvez você não se lembra direito, mas ele é um pilantra. Sempre foi.

- Eu sei, Dona Vera. Mas de qualquer maneira a Eva só vivia esperando por ele. É bom

que isso acaba, não?

- Não. Eu acho que não. Algo me diz que era melhor ele não ter voltado.

- Vamos esperar. Talvez ele tenha mudado.

Lá fora, o casal se beijava demoradamente. Um beijo esperado por Eva durante oito anos. Finalmente acontecia. Finalmente o seu sonho havia transformado-se em realidade. Ali estava ela, nos braços do seu amado, mostrando que não foi em vão todos aqueles anos de espera.

- Alfredo! Eu sabia que você ia voltar. Nunca perdi a esperança.

- Meu amor! Que bom que me esperou!

- Eu senti tanta saudade! Ficava em meu quarto só pensando em você. Por que demorou tanto?

- Eu estava trabalhando. Serviço honesto. Não queria voltar sem vencer na vida. Agora sim. Tenho carro, casa, dinheiro e você.

- Eu ainda não acredito direito. Parece que estou sonhando.

- Não é sonho, Eva. Eu estou aqui. Sinta este beijo.

Enquanto isso, outro carro havia parado na oficina mecânica. Éverton, dessa vez, foi atender. Um homem, com jeito de bandido, entrou no local.

- Olha aí, meu amigo. Deu um “treco” no motor. Vê se dá um jeito. Não quero voltar pra casa a pé.

- Pois não, senhor. Vou olhar.

Lá dos fundos, Adriano, que trabalhava

num motor ao lado de Cássio, reconheceu aquela voz e aquele rosto. Cochichou com o amigo:

- Aquele cara é um dos capangas do Mister. Foi um dos que bateram em mim.

- Tem certeza disso?

- Claro. Eu me lembro muito bem. Ele usava até uma corrente. Quase me partiu ao meio com uma pancada.

Cássio irritou-se.

- Vamos pegá-lo e descontar o que fizeram com você e com a Aninha. Vamos lá.

- Não! Pare! Aqui na oficina, não. Depois eles vêm aqui e põem tudo abaixo.

- Então vamos pegá-lo lá fora. Vou chamar o Silva e o Fabrício.

Adriano concordou.

- Tudo bem. Mas ele não pode reconhecer a gente. Aliás, ele nem pode me ver aqui. Eu vou sair pelos fundos.

O rapaz passou correndo por Aninha.

- O que foi, Adriano?

- Nada, minha querida. Fica aí dentro, tá?

Logo, os quatro amigos estavam escondidos num terreno baldio que ficava na esquina.

- E então? Qual é o plano?

- Cássio deu a sugestão:

- Se ele não pode nos ver, vamos fazer algumas máscaras dos saquinhos de papel que vêm com as compras.

- Tudo bem, mas ele vai acelerar o carro quando vir a gente.

- Vamos colocar uns pedaços de pau

desses aqui na esquina. Quando ele chegar, dá de cima deles e aí a gente arrebenta a cara desse desgraçado, antes mesmo dele pensar em sua arma.

Adriano comentou:

- E se ele sair para o outro lado?

Depois de um breve silêncio, Cássio respondeu:

- Mas o “esconderijo” deles fica é pra esse lado. Todo mundo sabe disso.

Mais um instante de silêncio. O rapaz acrescentou:

- Ora, a gente arrisca. Se ele não passar por aqui, nada feito então.

Adriano concordou, mais uma vez, com o amigo.

- Tá certo. O Silva volta na oficina e fala pro Éverton enrolar o cara, até a gente arrumar as máscaras e colocar os paus na rua. Certo? Vai lá, Silva. Não deixa o cara perceber, héin!

Quarenta minutos se passaram. Éverton, que só havia recebido o recado de demorar com o reparo no automóvel, estava sem entender nada. Quando terminou o serviço, o homem, já cansado de esperar, exclamou:

- Finalmente! Já estava perdendo a paciência. Quanto pago?

Escondidos no capinzal do terreno, os quatro mascarados esperavam o momento do ataque. Fabrício reclamava da sua máscara:

- “Eu num tô inxergano direito com esse trem na cara. O buraco dos zóio tá muito pequeno”.

- Dá um jeito aí que o cara tá saindo.

Adriano comentou:

- Olha, se a máscara de alguém cair, corra. Não deixa ele ver o rosto, senão a gente tá enrolado.

Fabrício, mais uma vez:

- Adriano, precisava “memo” a gente ter tirado a camisa? Esse capim tá me “sapecano” as costas.

- Precisava sim, Fabrício. Se ele vir as nossas roupas cheias de graxa, vai saber que somos da oficina. Cuidado, o cara tá saindo. Parece que vem pra cá.

O barulho do motor foi aumentando aos poucos. Os quatro amigos permaneciam escondidos, esperando o momento certo de saírem do capinzal. O coração batia forte no peito de cada um deles. O carro foi aproximando-se. A velocidade era pequena, pois as ruas do morro estavam quase intransitáveis depois das fortes chuvas que caíram. Ao virar a esquina, o motorista se viu diante de um amontoado de paus e pedras. Freou imediatamente o carro, parando quase em cima dos entulhos. Era o momento esperado pelos quatro amigos. Saíram, ao mesmo tempo, do esconderijo e caíram em cima do carro. O homem se vendo cercado, tentou sacar a sua arma, porém já era tarde. Dois mascarados abriram a porta e, puxando-o pela camisa, jogaram-no ao chão. Mesmo assim o capanga do Mister tentou reagir, mas foi coberto de pancadas. Pauladas, murros e pontapés não o deixaram levantar. O ataque foi fulminante. Logo ele estava sem sentidos, com o rosto todo machucado. Cássio continuava batendo no bandido. Adriano gritou:

- Pare. Assim você mata o cara.

Cássio parou de bater. O homem estava estendido no solo. Adriano desesperou-se:

- E agora? O que vamos fazer com ele? Será que não morreu?

- Claro que não morreu – disse Cássio – Ajudem-me a colocá-lo no carro. Vou levá-lo pra longe daqui.

- Vou com você.

O homem foi colocado no carro. Silva e Fabrício entraram no capinzal, enquanto Cássio e Adriano dirigiram o carro até um terreno baldio a quatro quadras dali. Voltaram pouco depois e entraram pelos fundos da oficina. Pouca gente tinha visto o ocorrido. A desforra tinha sido realizada com êxito. Quando Cássio e Adriano chegaram, Silva e Fabrício estavam contando o feito para Éverton. A animação era total. Comentava Silva:

- Aí, o Cássio estava batendo no sujeito, mesmo depois dele ter apagado.

- Ele merecia muito mais.

Éverton, depois de ouvir toda a história, demonstrou preocupação.

- Eu acho que tudo isso foi muito arriscado. Se eles descobrem que foi a gente, nem sei o que pode acontecer. Onde vocês deixaram o cara?

Adriano respondeu:

- Naquele terreno vago depois do campo de futebol. Mais tarde, quando melhorar, ele vai embora.

- Viva o Quinteto Fantástico! – entusiasmou-se Fabrício.

Éverton continuou preocupado.

- Eu ainda acho que isso vai dar problema. Ele pode reconhecer um de vocês depois.

- Nada disso. A gente trabalhou bem.

O rapaz insistiu:

- Mas eles virão aqui. Vocês podem ter certeza.

- Aí o Adriano esconde e tá tudo bem.

Nesse instante, Adriano lembrou-se de Aninha. Se ela foi vista, eles estavam perdidos.

- Aninha! O homem viu você?

A menina respondeu:

- Não. Eu fiquei o tempo todo aqui dentro da casinha, como você mandou.

- Ainda bem. Agora precisamos ficar de olho. Quando eles aparecerem, eu e a Aninha temos que esconder lá no capinzal.

Éverton sugeriu:

- Vamos fazer o seguinte. Como sabemos que eles virão aqui, um de nós vai ficar sempre na porta, de olhos bem abertos, pra avisar quando chegarem.

Fabríco gostou da ideia.

- Que emocionante! Igual nos filmes de índios. “Vamo fazê” turnos de guarda. Eu começo. Enquanto isso “ocêis pode” começar a trabalhar.

((((((((((((((O))))))))))))))

Naquele dia no morro não havia só violência. O romantismo também vagava por aquelas ruas mal feitas e esburacadas. O céu, agora

todo azul, era um convite ao amor. O bonito carro de Alfredo estava parado sob a sombra de uma árvore, num dos poucos terrenos vagos, longe de olhares curiosos. Nos braços do rapaz, Eva vivia momentos de grande paixão.

- Oh, Alfredo! Como eu sou feliz. É maravilhoso ter você junto de mim.

- Meu amor. Nós vamos ter momentos muito melhores, pode acreditar. A nossa felicidade está apenas começando.

Um beijo ardente foi trocado. Eva disse:

- Você não acha que é hora de voltar? Saímos cedo e o sol já está quase se pondo.

- Ora, não se preocupe, Eva. Você vai ser a minha mulher.

- Mas e a minha mãe? Pode ficar preocupada. Nem sei como ela deixou a gente sair.

- Sua mãe sabe que as nossas vidas estão ligadas pelo destino. Você é minha e eu sou seu.

Alfredo beijou longamente a moça, enquanto desabotoava a sua blusa. Eva tentou afastar-se, porém já era mais forte a emoção.

- Alfredo... você... eu... minha blusa...

O rapaz respondeu, beijando o pescoço dela.

- Não se preocupe. Humm! Nós vamos nos casar, não vamos? Humm! Pra que adiar?

Alfredo acariciou o seu pescoço, os seus seios, as suas coxas. Enquanto as sombras da noite caíam, aquele amor chegava ao ponto máximo de sua existência. A moça vivia, de uma vez, todas as fases de um sonho hibernado durante oito anos de solidão. Nada mais importava naquele momento.

Sua mãe, seu pai, ninguém. Nem mesmo a sua própria vida. O que viria depois era secundário. Só o presente contava. E ali estava ela, voando no tapete mágico do amor em direção ao paraíso.

Mais uma hora se passou. Quando o carro estacionou frente ao barraco, já estava escuro. Vera se encontrava na porta, preocupada com a filha. Alfredo e Eva desceram do carro.

- Você não devia ter feito isso, Eva. Eu deixei vocês darem uma volta pra conversar. Não era pra ficar por aí até de noite, não.

- O que é que tem, mãe? Ninguém tem nada com a minha vida.

- Eu e seu pai temos. E se ele estivesse aqui, você ia levar uma surra.

- O que é isso, mãe? A senhora está exagerando.

- Nada disso. Não é certo andar à noite por aí e principalmente em má companhia.

Alfredo ia falar alguma coisa, mas Eva respondeu primeiro.

- Não fale assim do Alfredo. Ele vai se casar comigo.

- É isso aí, Dona Vera. Nós vamos nos casar – completou o rapaz.

A mulher disse:

- Eu te conheço, rapaz. Você está enganando minha filha. Oito anos não são o bastante pra limpar a sujeira que carrega. Vá pra dentro, Eva.

A moça entrou na casa, chorando de raiva. Alfredo ainda disse:

- Amanhã eu venho te ver, minha querida.

Vera acrescentou:

- Se você tem vergonha na cara, não venha.

- Não pode me proibir de vê-la.

- Eu posso tentar, antes de você acabar com a vida dela.

- A senhora fez uma imagem muito ruim ao meu respeito. Eu não sou esse Alfredo que pensa. Vou provar o que estou falando. Até amanhã.

O rapaz entrou no carro e saiu. Vera fechou a porta, fingindo não ver alguns rostos nas janelas entreabertas das casas vizinhas, acompanhando o episódio. Eva a esperava, com o rosto coberto por lágrimas de revolta.

- A senhora está destruindo a minha felicidade.

- Você não vai ter felicidade com aquele homem, minha filha.

- Eu esperei oito anos e, quando ele chega, a senhora põe tudo a perder.

- Eu sinto que estou certa, minha filha. Não vou mais deixar você sair. Amanhã, quando ele vier, vocês vão conversar aqui dentro de casa.

- Ele não vai voltar. Depois de tudo o que ouviu...

- Você não conhece aquele homem. Ele não desiste facilmente.

- Não tente me enganar. Eu sei que ele não vai voltar e a senhora é a culpada. Vida desgraçada essa minha!

Chorando, Eva correu para o quarto, jogando-se sobre a cama. Seria uma noite terrível, marcada pelo medo de perder o homem que ela tanto

ama, por quem tanto esperou e que a fez imensamente feliz, mesmo que por pouco tempo. Do outro lado da porta, Vera estava arrasada, sem saber se tinha agido certo, com medo do que poderá ainda acontecer. Nem Rosinha, no trabalho, e Leonardo, sempre fora, estavam ali para lhe ajudar naquela hora difícil. A mulher, que era muito doente, sentindo-se fraca, caminhou, com dificuldade, até à sua caixinha de remédio. Tirou uma cápsula e tomou. Para ela, também, seria uma noite terrível.

A manhã era linda! O céu azul erguia-se sobre os barracos do morro, ganhando um tom mais claro nas partes mais perto do sol. Um vento brando tocava as borboletas de um lado para o outro da rua. O capinzal entrava na dança com seu costumeiro ritmo de alegria, festejando a sua existência, chamando para si a atenção dos que passavam. Da porta da oficina, dois olhos percorriam a rua, porém não viam o céu, as borboletas, o capinzal ao vento. Alheios a tudo isso, concentravam a atenção nas pessoas que surgiam na esquina. Dez horas da manhã...

- Adriano! Corre! Eles vêm aí.

Era Cássio que anunciava a chegada dos homens do Mister, conforme Éverton previra no dia anterior. Ao grito do rapaz, Adriano deixou o serviço que fazia, pegou Aninha, saiu pelos fundos e escondeu-se. Os quatro amigos continuaram o trabalho. Em menos de um minuto, o carro parou defronte a oficina e cinco homens armados pisaram o chão. Na frente vinha Cerezo, com um braço na tipóia e o rosto cheio de hematomas. Éverton caminhou até à porta.

- Pois não...

Uma mão tocou o seu peito, empurrando-o para trás.

- Sai da frente, cara. Queremos dar uma olhada nessa espelunca.

Os homens passaram por Éverton, contornaram uma pilha de pneus e avistaram Cássio, Silva e Fabrício trabalhando nos fundos da oficina.

- Aí os outros três, Cerezo. Foram eles mesmos. Porrada!

- Pera aí, Rick. Deixa comigo.

O homem aproximou-se de Silva, pegando-o pela camisa na altura do peito.

- Olha bem a minha cara, companheiro. Tá vendo o estado em que vocês a deixaram?

Silva, com a voz tropeçando de medo, respondeu:

- Eu... não... não sei do que o senhor tá falando.

- Eu estou falando da surra que vocês quatro me deram ontem, quando saí da oficina. Não lembra mais?

Éverton, que acompanhou os homens, falou:

- Se você disse quatro, está faltando um, pois eu estava arrumando o seu carro.

- Nisso ele tem razão, Cerezo – disse Rick.

- É, mas tem muita coisa errada aqui. Ontem quando entrei, eu vi dois caras aqui perto desses pneus, depois eles sumiram.

Cássio respondeu:

- Era eu e o Silva. Nós viemos aqui pros

fundos ajudar o Fabrício nesse motor.

O bandido soltou Silva.

- Hum! Não sei, não. Acho que vocês estão me enganando. Trabalha mais alguém aqui?

Éverton respondeu:

- Não. Só nós quatro. Faz muito tempo. O senhor está enganado. Somos gente pacífica. Nunca fizemos nada com ninguém.

Cerezo pensou um pouco e conversou com um dos seus companheiros.

- O que você acha, Rick?

- Não sei. Eu estava com vontade de quebrar uns trecos aqui.

- Não. Vamos embora. Mas eu vou deixar um aviso pra esses quatro aqui: se eu descobrir quais foram os “bonitinhos” que me agrediram, eu vou fazer picadinho deles. Rezem pra não serem vocês, caso contrário nós voltaremos aqui e derrubaremos essa espelunca. E tem mais. Podem ter certeza que eu vou descobrir quem foi.

Os cinco bandidos viraram as costas e foram saindo. Um deles, ao passar pela pilha de pneus, derrubou parte dela com um empurrão. Quando entraram no carro e partiram, os quatro amigos, que ficaram imóveis depois do susto, pularam de alegria.

- Viva! Eles se foram.

- Os tolos acreditaram na nossa história.

Éverton comentou:

- É, eles se foram. Mas eu achei que a gente ia se dar mal. Eles são da “pesada”.

Cássio disse, ironizando:

- E nós somos “gente pacífica”, não é?

Há! Há! Há!

Fabício chegou na porta dos fundos.

- Podem sair do mato “ocêis” dois. O perigo “cabô”.

Adriano e Aninha voltaram.

- Como foi? Eles acreditaram?

- Parece que sim, mas a coisa foi feia. Você precisava ver a cara do Silva, quando o homem suspendeu ele no ar só com uma mão – disse Cássio.

- Ele “gaguejô tudo” – acrescentou Fabício.

Adriano, pensativo, analisou:

- A gente deu sorte. Foi um erro ter batido naquele cara. Vamos torcer pra eles não voltarem aqui. E a casinha da Aninha? Eles entraram lá?

- Não. Um dos bandidos só olhou da porta.

- Ainda bem. Vamos trabalhar.

- Isso. Vamos trabalhar e de olho na porta, pois eles podem voltar.

((((((((((((O))))))))))))))

No subúrbio, os momentos de felicidade são tão raros e tão pequenos, que somente um dia já é o bastante pra fazer saudade. No seu quarto, Eva continuava deitada. Não havia saído dali no dia anterior. Eram onze horas e a moça permanecia fechada na sua solidão. Rosinha, que já havia

levantado, comentou com Vera:

- A Eva não quer mesmo sair do quarto, não é?

- É sim, minha filha. Depois que aquele Alfredo saiu anteontem à noite, ela enfiou aí e não saiu pra nada. Um dia sem comer.

- Mas ela não pode fazer isso. Tá prejudicando a si mesma.

- Quem sempre a prejudicou foi aquele maldito rapaz. Ainda bem que até agora não voltou.

- Eu vou ver se consigo fazê-la sair pra comer alguma coisa.

- Vá, minha filha. Eu já tentei. Quem sabe com você ela muda de ideia.

Rosinha empurrou a porta do quarto. Eva, ao ver a moça, virou-se para o canto.

- Deixa de bobagem, Eva. Assim você vai morrer de fome.

- É isso mesmo que eu quero. Morrer! Sem o Alfredo, essa vida não tem sentido.

- Não fale assim. Ele vai voltar.

Eva virou-se.

- Não tente me enganar. Depois de tudo que a mãe falou, ele não volta mais aqui. Se tivesse pensando em voltar, teria vindo ontem. Não veio.

- Não pense assim. Ele deve estar só dando um tempo.

- Não, Rosinha. Não vem com essa.

- Tá bom, então. Vamos supor que ele não vai voltar. Você vai ficar aí a vida inteira?

- Vou. Até morrer. Agora me deixa sozinha. Não quero “papo” com ninguém.

A moça virou, mais uma vez, o rosto.

Rosinha foi saindo quando ouviu o barulho de um carro, parando em frente a casa.

- Alfredo! – gritou Eva, levantando-se – Ele voltou.

A porta da sala foi aberta e o rapaz, fingindo nada ter acontecido no último dia em que esteve ali, cumprimentou Vera.

- Como vai, Dona Vera? Espero que esteja tudo bem. Posso falar com a Eva?

Nesse momento, a moça saiu do quarto, jogando-se nos braços dele.

- Oh, Alfredo! Achei que você não ia voltar.

- Por que eu não voltaria, minha querida? Estava só resolvendo uns negócios primeiro.

Vera interrompeu o diálogo:

- Vocês querem saber de uma coisa? Se quiserem conversar ou namorar, sei lá, tem que ser aqui dentro de casa. Não vou deixar vocês saírem. Aqui dentro, viu?

A mulher virou as costas, dirigindo-se para o seu quarto. Alfredo respondeu:

- Pois não, Dona Vera. A senhora resolve.

Rosinha, que havia assistido à conversa, também foi retirando-se. Alfredo disse:

- Fica um pouco, Rosinha. Nós ainda não tivemos tempo de conversar.

A moça voltou e se acomodou numa cadeira. O apaixonado casal sentou-se num banco. Abraçando Eva, Alfredo disse:

- Faz tanto tempo, não é, Rosinha? Você era uma menina.

- É, faz muito tempo. Porém você não mudou nada. Continua dando preocupação pra Dona Vera. Ela já está muito doente, viu?

- Eu não entendo a Dona Vera. Não sei por que está me tratando assim.

- Deve ser porque ela te conhecia de outros tempos. Você há de convir que não era nada responsável.

- Mas eu mudei. Passaram-se oito anos. Será que não mereço uma nova chance?

- Eu não sei. A Dona Vera é quem sabe. Bem, vocês fiquem à vontade.

A moça saiu e Alfredo, olhando dentro dos olhos de Eva, falou:

- E você, minha querida? Me dá uma nova chance?

- É claro que sim, meu amor. Eu sou toda sua.

- Pena que a sua mãe não deixa a gente sair agora. Eu tenho tanta coisa pra lhe dizer...

- Eu também estou ansiosa pra ficar sozinha com você.

O rapaz beijou suavemente os seus lábios.

- Se você quiser, eu invento um jeito da gente sair. Você quer?

- Claro. Mas como?

- Sei lá. Eu faço que vou embora e te espero na esquina. Você diz que vai buscar alguma coisa e a gente se manda.

- Tá legal. Eu digo que vou lá na Margareth, a minha amiga.

- Pra que lado é?

- Pra lá. Duas esquinas.

- Tá combinado. A gente enrola aqui alguns minutos primeiro.

Logo depois o rapaz saiu. Em seguida, a moça, por insistência da mãe, comeu alguma coisa e também saiu em direção da casa de sua amiga. No lugar combinado, estava estacionado o carro de Alfredo. Eva entrou.

- Você demorou, querida. O que aconteceu?

- Minha mãe fez eu comer um pouco. Desde ontem eu não comia.

- Vamos embora. Descobri um lugar onde a gente pode ficar mais tranquilos do que naquele dia.

E lá se foi Eva nos braços do seu “Adão”, viver mais um inesquecível momento de amor, no seu paraíso terrestre, o Morro do Cavaco.

Naquele momento, mais um sonho remava contra as águas turbulentas do morro. Finalmente havia chegado o material no barraco de Teotônio Dantes, para a construção de sua nova casa. O homem não escondia o seu entusiasmo.

- Maria! Susej! Venham aqui ajudar a descarregar. Não estão vendo? É o material todinho. Tijolos, telhas, tudo. Eu não disse que conseguia?

Susej exclamou:

- Que maravilha! Aí está mais uma prova da grandeza do Senhor. Deus seja louvado. Como é grande a vossa bondade!

- Pare de conversar sozinho e ajude aqui, ó seu messias. Vamos começar com os tijolos. Quero iniciar a construção imediatamente. Vai ficar

uma beleza a nossa nova casa. E o boteco, então? Com todo esse material, vai ficar maior do que era.

Maria, ainda tomando cuidado com o braço, pegou uma pilha de tijolos, sem muita animação.

- O que foi, mulher? Você não me parece nada contente.

- Não posso deixar de estar preocupada, sem saber como você conseguiu tudo isso. Dinheiro você não tem. Foi o Mister quem te emprestou de novo, não foi?

- Emprestou, não. Me deu. Ou melhor, me pagou em troca dos meus serviços. É isso mesmo, mulher. Eu agora sou um dos homens do Mister. Um informante. É isso aí. De agora em diante a nossa vida vai mudar. Tenho um salário fixo e toda vantagem de ser “gente” do Mister.

- Não sei não. Quem se envolve com esse bandido só arranja confusão. Ele não dá nada sem algo em troca. Você ainda vai ter que pagar tudo isso aqui.

- Já paguei, Maria. Uma só informação valeu todo esse material. Aliás, quase todo. Só fiquei devendo um pouco que eu quis trazer a mais. Agora chega de pessimismo. A nossa vida mudou, não é, Susej?

- E para melhor, Seu Teotônio. Graças a Ele, unicamente a Ele, o nosso bondoso Senhor.

- Hoje mesmo a gente faz os alicerces. Valeu todo aquele tempo quando eu trabalhei como ajudante de pedreiro, héin Susej? Vamos ver como você vai se sair como ajudante do ajudante de pedreiro.

- Com a ajuda do “Senhor”, sairei muito bem e em breve o Morro do Cavaco terá uma casa de tábuas a menos.

- Sim. E já não são muitas. Hoje a maioria delas são de tijolos. E pensar que, quando foi povoado o Morro do Cavaco, todos fizeram de tábuas as suas casas. Eram muitas famílias e o morro ficou, em grande parte, coberto de pedaços de madeira. Por isso recebeu o nome de “Morro do Cavaco”. Lembra disso, Susej?

Na casa de Vera, o almoço tinha terminado e a mulher já estava preocupada, pois a filha ainda não havia voltado da casa da amiga.

- E a Eva que não voltou até agora, Rosinha.

- Devia ter muita coisa pra contar à Margareth...

- Mas ela nem almoçou.

- Mas comeu alguma coisa antes de sair. A senhora mesma obrigou.

- É, mas vieram aqui uns pensamentos bobos na minha cabeça.

- Quer que eu vá ver por que está demorando? É logo ali.

- Vá, minha filha, vá.

Rosinha saiu e em poucos minutos estava de volta com a notícia já esperada por Vera.

- Não está lá. A Margareth disse que ela não foi lá hoje.

- Eu já estava adivinhando isso. Ela saiu de novo com aquele maldito rapaz.

- É, só pode ser isso mesmo.

- Aquela menina vai acabar me dando

mais dor de cabeça. E se eles fugiram? Não, não é possível!

- Não se preocupe tanto, Dona Vera. Se isso tivesse acontecido, ela teria levado algumas coisas.

- Que coisas, Rosinha? Não temos nada e o rapaz é rico, pode dar tudo pra ela. Meu Deus! Será que nunca mais vou ver a minha filha? Oh! O meu remédio. Traga o meu remédio.

A moça correu, voltando com uma cápsula e um copo d'água.

- Por favor, Dona Vera. Não fique assim. E o seu coração? Ela vai voltar. É só a gente esperar um pouco.

A mulher tomou o remédio e foi conduzida até à sua cama. Uma hora depois, Eva chegou com um sorriso nos lábios e foi entrando para o seu quarto. Rosinha disse:

- Você causou preocupação pra sua mãe, viu! Ela está de cama por sua causa.

- Não sei por quê. Eu tava lá na Margareth...

- Não tava não, Eva. Sua mãe sabe que saiu de novo com o Alfredo. Pensou até que você não ia voltar mais.

- E foi mesmo. Pode dizer à ela que eu vou sair sempre com ele. E se alguém tentar impedir, eu vou acabar é fugindo mesmo daqui.

- Não fale assim. A sua mãe está doente.

- Por mim pode até morrer. Não é justo eu deixar de viver a minha vida por causa dela. Amanhã, o Alfredo vem cá e a gente vai sair de novo. Não vamos ficar aqui na cozinha, olhando um

pra cara do outro sem fazer nada.

A moça entrou no quarto e fechou a porta. Rosinha foi dar a notícia da sua chegada pra mãe dela.

- A Eva chegou, Dona Vera.

- Eu ouvi, minha filha. Não estava dormindo. Pra ela eu posso até morrer então? Veja só como são os filhos. A gente cria com todo o carinho, passando mil dificuldades, lutando dia e noite pra não faltar comida. Muitas vezes a gente nem come, pra sobrar mais pra eles. E em troca recebe frases como essa...

- Não dê importância, Dona Vera. Ela está apaixonada pelo rapaz. Na verdade não quer nada disso.

Dezenove horas. Um momento esperado, todos os dias, com muita ansiedade, por dois corações que batem num só ritmo, no mesmo compasso, dançando a música do amor. Rosinha, dessa vez, havia chegado primeiro na esquina, onde habitualmente realizava os seus encontros com Adriano. O rapaz chegou, correndo, dez minutos depois. A moça estendeu-lhe os braços, num gesto de imensa ternura. Envolto pela magia daquele abraço, Adriano...

- Minha querida! Como eu te amo! Acho que nem posso mais dizer o quanto.

- Não precisa dizer, Adriano. Basta sentir.

- Vim tão depressa. Achei que você já havia ido embora. Ainda bem que está aqui. Eu não conseguiria dormir hoje se não pudesse te falar, te abraçar, te beijar...

E Adriano beijou, com paixão, os lábios da moça, que disse:

- Pena a gente não poder se ver todos os dias, não é? Às vezes eu tenho que ir mais cedo pro Rosa-choque, às vezes você sai tarde da oficina...

- É, mas vai chegar o momento que eu vou te ver sempre que quiser. Na nossa casa, nos nossos dias, nas nossas noites.

Enquanto falava, um brilho percorria os olhos de Adriano. A moça recostou a cabeça no seu peito. Ele prosseguiu, com o olhar fixo no céu acima do morro. O sol que já havia se posto, parecia ter esquecido um de seus raios e naquele ponto um pouco mais claro do infinito, o rapaz concentrou os seus sonhos:

- Eu sei que é cedo falar nisso, mas quando a gente se casar, eu quero que seja assim: primeiro filho um menino, forte, inteligente, lutador, capaz de mudar tudo isso aqui; mas não seria um político, desses que fazem da promessa a escada pra descer ao dinheiro. Depois, uma menina, pra encher de ternura o nosso lar. O que você acha?

- É tudo tão lindo, Adriano. Parece um sonho, um sonho distante, mas não importa. Hoje eu estou aqui com você e me sinto feliz nos seus braços. Isto é o que me dá forças pra superar os problemas.

Adriano tocou o rosto da moça.

- Você me parece um pouco preocupada. Aconteceu alguma coisa?

- A Dona Vera não está bem. Desde que o Alfredo voltou, a Eva vem dando preocupações. A coitada da mulher está de cama.

- E ela já tem problemas de saúde, não é?

- Sim, problema de coração. Eu estou muito preocupada. Talvez será preciso levá-la à farmácia e isso quer dizer “dinheiro”.

- É por coisas assim que às vezes eu sou revoltado com essa vida. São inúmeras dificuldades. A gente trabalha tanto e ganha tão pouco. Eu queria muito ajudar você.

- Eu sei, meu amor. Não é culpa sua.

- Pelo menos um pouquinho eu quero ajudar.

- Tá bom. Mas agora tenho que ir. Amanhã, se der certo a gente se ver, eu te conto como vão as coisas.

- Combinado. E eu acho melhor mudarmos o lugar dos nossos encontros. Já tem gente olhando pelas janelas, você viu?

- Vi. O problema é que aqui tem gente demais. As casas são muito perto umas das outras. Não sobra um cantinho pra nós.

- Só mais um beijo...

Depois do beijo, Rosinha seguiu para o trabalho, levando os seus problemas. Entre uma mesa e outra, imaginava o que fazer para resolvê-los. Mais ou menos meia-noite, um carro estacionou frente ao lugar. Um homem desceu e sentou numa das mesas do canto. Uma das garçonetes foi servi-lo, mas logo voltou com um recado.

- Rosinha, o homem disse que quer ser atendido por você.

- Que homem? Eu não vi chegar.

- Aquele lá do canto, de costas pra cá.

Manascar, que ouviu a conversa,

interveio:

- Se o freguês quer ser atendido por você, o que está esperando? Vá lá.

A moça pegou papel e caneta e foi até lá.

- Pois não, senhor.

O homem virou-se.

- Olá, Rosinha. Como vai?

- Alfredo! Eu já podia imaginar. Quem te disse que eu trabalhava aqui?

- Foi a Eva.

- O que você quer?

- Primeiro, eu quero uma cerveja. Depois quero conversar um pouquinho com você. Certo?

- Tudo bem. Vou buscar a cerveja.

Logo depois, ela voltou com a bandeja nas mãos. Serviu o rapaz e sentou em sua mesa.

- Olha, Alfredo, se você veio me pedir pra limpar a sua barra com a Dona Vera, nada feito. Eu não posso ajudar no seu caso com a Eva.

- Não é nada disso, Rosinha. Eu não vim aqui pra falar da Eva.

- E veio falar do quê, então?

- Vim falar de você.

- De mim?

- Sim. Vim falar que foi uma surpresa pra mim, no dia em que cheguei, te encontrar assim tão linda. Quando fui embora, você era apenas uma menina.

- Tá bom. Muito obrigada. Deseja mais alguma coisa?

Dizendo isso, a moça tentou se levantar, mas foi contida pelo rapaz, que tocou o seu braço.

- Fica aí, Rosinha. Vamos conversar

sobre nós dois.

- Nós dois? E a Eva? Você se esqueceu dela?

- Ora, a Eva passou a não ter, pra mim, nenhuma importância, desde que eu te vi. Rosinha, eu tenho muito pra te oferecer. Trabalhei todos esses anos e agora sou um homem rico. Posso tirar você desse subúrbio. Você não quer?

- Eu sempre quis ir embora daqui, mas não a esse preço.

- Que preço? Que mal há entre duas pessoas se casarem e mudarem daqui?

Rosinha levantou-se da cadeira, indignada com aquelas palavras.

- Você é mesmo um cretino! Deve ter feito as mesmas promessas pra coitada da Eva. Dona Vera estava certa quando disse que você nada mudou.

- Ora, Rosinha, não leve por esse lado. O problema é que eu gostei de você, só isso. Então tudo pra mim se modificou. Eu não pretendia magoar a Eva.

- Você não tem vergonha mesmo. Não pense que eu vou cair nessa conversa. Além do mais, tenho um namorado e vou me casar com ele.

- Vai se casar com um pobretão aqui do subúrbio? Não é possível! Você podia ter tudo ao meu lado.

Rosinha perdeu o resto da sua paciência e foi saindo.

- Olha, Alfredo, vamos parar com essa conversa. Você bateu na porta errada. É uma pena a Eva ter se envolvido com alguém assim.

Enquanto a moça saía, Alfredo levantou-se, respondendo àquelas palavras:

- Quem você pensa que é? Uma garçonete do subúrbio, com jeito de rainha? Pode esperar, eu volto outro dia.

O rapaz caminhou na direção do seu carro, mas logo foi barrado por dois homens de Manascar.

- O que foi, agora? Proteção à garçonete?

- A cerveja, meu rapaz. Você se esqueceu de pagar.

- Ah! A cerveja...

(((((((((((((((O))))))))))))))

No subúrbio, a ganância e a maldade são regadas todas as manhãs com novas ideias e novos planos. Eram oito horas. Mister, que desde o encontro com o Serpente não voltava ao morro, havia acabado de chegar. Brasão recebeu seu chefe com o costumeiro ânimo.

- Mister! Que bom que chegou cedo. Trouxe novidades? Aqui tá tudo certo. Por que veio tão cedo?

- Saia da frente, Brasão. Senão, como vou passar?

- Desculpa, Mister. Entre, Mister.

O Rei do Cavaco desceu a escada, deu uma olhada no interior da casa e sentou-se em sua poltrona.

- Traga o meu whiskey, Brasão.

- O whiskey! Sim, senhor.

Depois de saborear um gole da bebida, o homem disse ao seu ajudante:

- Pois é, Brasão... hoje temos muito serviço. Mas antes quero saber se você tem mais alguma notícia do Serpente.

- Não, Mister. Só o que já te falei. Ele tá colhendo provas sobre o nosso trabalho, pra levar à polícia federal. Nosso informante vai descobrir mais, pode ter certeza.

- Tudo bem. Cuida disso direito, viu? Eu achei melhor vir hoje, porque você sozinho não iria conseguir pôr em prática o meu novo plano. Hoje estamos lançando, no Morro do Cavaco, a “taxa de proteção”.

- Taxa de proteção? E o que é, Mister? Quer mais uma dose?

- Ouça bem, Brasão. Vamos precisar de todos os nosso homens. Todos, sem exceção. Depois você manda reuni-los. Ao meio-dia eu quero que a notícia comece a se espalhar por todo o morro. É o seguinte: a partir do dia primeiro, todo morador poderá nos pagar, mensalmente, três pacotes em troca da proteção de sua casa e de sua família. Quem pagar será protegido por nós. Nada de mal irá lhe acontecer.

- E quem não pagar?

- Você vai lá, de noite, e faz um estrago na casa dele. Leva uns dez homens pra meter medo. Todos mascarados, é claro. Dentro de pouco tempo, todo mundo estará pagando.

Brasão não conteve a sua euforia:

- Mas que bela ideia, Mister. Além de

tudo, vai ser muito divertido. Mas três pacotes não é pouco?

- Você nem imagina quantas casas tem esse morro. E não podemos nos esquecer de que esses infelizes estão morrendo de fome. Tem gente que vai suar pra conseguir o dinheiro. A partir de amanhã, você começa a fazer uma relação dos moradores. Aos poucos vai aumentando a lista. Terá muito trabalho. Se for preciso, contrata mais gente.

- Pode deixar, Mister. Eu cuido de tudo. Vou reunir os homens.

- Espere um instante. Tem mais uma coisa. Preciso de mais duas crianças recém-nascidas. Já tenho os compradores no exterior.

- Não tá fácil achar crianças bonitas nesse morro, Mister. Mas vou arranjar e trazer para o senhor, nem que seja preciso roubá-las.

- Muito bem, Brasão. Pode ir agora.

- Os Cavaleiros da Noite!

- O quê?

- Os Cavaleiros da Noite, Mister. É o nome que inventei para os mascarados que vão derrubar as casas de quem não pagar a taxa de proteção.

- Não é preciso derrubar. É só um estrago pra dar um susto.

- Sim, senhor. Não é preciso derrubar. Só um estrago...

Nesse momento, em sua casa, Rosinha acabou de se levantar. Havia dormido pouco. Além do péssimo estado de saúde de sua segunda mãe, também estava preocupada com Eva. Agora tinha certeza do péssimo caráter de Alfredo. Precisava

avisar a moça. Bem, primeiro ia ver como Vera estava. Entrou em seu quarto.

- Como é? Está melhor?

- Rosinha! Mas ainda é tão cedo! Você não dormiu nada. Chegou de madrugada...

- Eu precisava ver como estava a senhora. Parece que não melhorou nada, não é?

- É, minha filha. E eu não queria dar trabalho.

- A senhora não tem culpa. Eu acho melhor a gente ir à farmácia.

- Não, por favor. Nós não temos dinheiro.

- Eu vou tentar arrumar. Não se preocupe. E o seu Leonardo já deve estar quase voltando. Faz uns quinze dias que ele saiu pra trabalhar.

- Não, minha filha. Não conte com o Leonardo.

- Por que não?

- Eu não queria te falar, mas agora vai ser preciso. Talvez o Leonardo não volte tão cedo. Ele disse que estava envergonhado com essa nossa situação. Disse que enquanto não ganhasse um bom dinheiro, não voltaria.

- Meu Deus! Mas, então, nós estamos sozinhas.

- E eu aqui nessa cama... vamos fazer o seguinte: eu vou tomando os remédios que tem aí. Se for preciso, amanhã ou depois, a gente vai à farmácia. Vamos esperar.

A moça sentiu duas lágrimas molharem os seus olhos. Com muito carinho, segurou as mãos da mulher e beijou a sua testa. Depois seguiu para o

quarto de Eva. Havia resolvido contar a ela a visita de Alfredo ao seu local de trabalho.

- Oi, Eva. Preciso falar com você.

- Pode falar. Mas o que vai me dizer não me fará deixar o Alfredo.

- Tudo bem. Se você quer continuar com essa história, mesmo sabendo que isso está preocupando a sua mãe, não me importa. Mas eu tenho que, ao menos, tentar abrir os seus olhos sobre aquele cara. Se depois você ainda quiser continuar com ele, é problema seu.

- Pode parar. Não precisa me dizer mais nada. Não vai adiantar.

- Mas eu vou dizer assim mesmo. Ontem ele esteve lá no Rosa-choque. E sabe pra quê? Tentar me conquistar. Prometeu um monte de coisas. Como fez com você.

- É mentira sua. Você está inventando isso.

- É verdade, Eva. Disse que você não é mais importante. Ele é um malandro, está te enganando.

- Pare com isso – gritou a moça – é tudo mentira. Eu não acredito em você, sua puta do Rosa-choque. Saia daqui. O Alfredo me ama.

Rosinha saiu do quarto, sabendo que a conversa não deu em nada.

Teotônio e Susej prosseguiram na construção da casa, quando chegou um dos homens do Mister, avisando da reunião.

- Teotônio, reunião agora mesmo no “Q. G.”. O Mister tá lá. Já sabe que não pode faltar, né?

(((((((((((((((O))))))))))))))

Na oficina mecânica, estava na hora do jogo do bicho e, dessa vez, até Adriano, que pouco jogava, fazia a sua aposta. Silva comentou:

- Até o Adriano tá jogando. A situação tá preta mesmo.

Éverton completou:

- O que foi, Adriano? Tá querendo casar?

- Nada disso, minha gente. Tô querendo ver se “descolo” uma grana pra ajudar a Rosinha. A mãe dela tá muito doente.

- Bom, então já que a coisa é séria, vou te dar um palpite. Joga no veado.

- Por que no veado?

- Porque essa noite eu sonhei com o Fabrício. Há! Há! Há!

Fabrício entrou na conversa:

- Podem rir. Mas eu acho que o Cássio é quem precisa ganhar um pouco de dinheiro.

- E por quê?

- Pra comprar uma “pumada”. Além de amarelo, agora ele tá cheio de “pereba”. “Óia” aqui nos braços dele. Há! Há! Há!

Já eram quase dezenove horas. Eva e Alfredo, que saíram logo após o almoço, ainda não tinham voltado. Rosinha precisava ir para o serviço, mas não queria deixar Vera sozinha. A mulher havia piorado o seu estado de saúde e a moça estava ainda mais preocupada.

- Vai, minha filha. Daqui a pouco a Eva chega.

- Mas eu não posso deixar a senhora sozinha.

- O Chiquinho tá aqui.

- Mas ele só tem seis anos. Eu acho que não vou trabalhar hoje.

- De jeito nenhum. Você vai. Não pode nem pensar em perder esse emprego. O Chiquinho dá conta de ir lá te avisar, se eu precisar de você. Não dá, Chiquinho?

O menino confirmou, balançando a cabeça. Rosinha concordou.

- Tá bom, então.

A moça deu um passo pra sair, mas de repente parou, virando-se.

- Veio um pensamento bobo na minha cabeça, Dona Vera. E se eu falasse com o Alfredo? Talvez ele dava o dinheiro pra gente levar a senhora na farmácia, talvez até no hospital...

- Não, minha filha. Por favor. Nem pense nisso. Eu acho melhor morrer. Por favor...

- Tudo bem. Não fique assim. A gente arranja o dinheiro em outro lugar.

Rosinha saiu e, depois de um breve encontro com Adriano, seguiu para o Rosa-choque. Estava bastante triste com aquela situação. Precisava cuidar da saúde de Vera, mas onde conseguir o dinheiro? Manascar já havia lhe dado adiantamento esse mês e não arrumaria mais. Se pelo menos ela pudesse encontrar o Marcos, o seu amigo que trabalha para o Mister, mas fazia dias que ele não aparecia por lá. Manascar percebeu o ar de preocupação de sua garçonete e aproximou-se.

- Por que está tão pensativa, a minha

querida Rosinha?

- Oh! Seu Manascar! Desculpe. Eu estava distraída. São os problemas. A Dona Vera está doente e não temos dinheiro pra levá-la ao hospital.

- Eu já te adiantei esse mês, não é?

- Eu sei, Seu Manascar. E te agradeço por isso. Sei que o senhor não pode arrumar mais.

- É isso mesmo. Mas se você resolvesse aceitar a minha proposta, eu te daria, pra começar, uns quinze pacotes. Daria pra levar a família toda ao hospital. Hô! Hô! Hô!

- Eu vou pensar, seu Manascar. Vou pensar mesmo.

- Agora sim, eu acho que você está ficando mais inteligente. Pense bem. Quinze pacotes, só pra começar...

A noite passou. No outro dia, Rosinha não dormiu. Diante do mal estado de saúde de Vera, a moça resolveu ir à farmácia, mesmo sem ter dinheiro. Depois de muita insistência, João, o farmacêutico, foi ver a mulher. Depois de um exame, disse:

- Olha, Rosinha. Não é caso pra mim. Você precisa levá-la mesmo ao hospital. E urgente. Com esse negócio de coração não se brinca. Acho que vai ser preciso até uma cirurgia. Enquanto isso, vai dando à ela esse remédio.

- Muito obrigada, Seu João. No final do mês eu pago o restante na farmácia, viu?

E agora? O que fazer? Ela precisava arrumar o dinheiro de qualquer forma. Não podia deixar a mulher, que ela considerava sua mãe, daquele jeito, sem um tratamento. Duas da tarde.

Alfredo chegou. Eva o recebeu com um beijo. Rosinha, ao sair do quarto de Vera, deparou-se com o rapaz à espera da namorada, que tinha ido ao quarto preparar-se para sair. A moça disse:

- Então, você insiste em enganar a Eva?

- Fale baixo, ou você quer que ela escute?

- Você não tem vergonha mesmo.

Eva saiu do quarto, interrompendo a conversa.

- Vamos, meu amor. Estou pronta.

- Vamos. Tchau, Rosinha.

No exato momento em que o casal chegou próximo ao carro, estacionado frente à casa, uma viatura da polícia, numa manobra rápida, dobrou a esquina e parou a cinco metros do local. Dois policiais, armados, pularam ao chão.

- Pare, “Mão Leve”. Você está cercado. Não pensou que escaparia por muito tempo, não é?

O rapaz se vendo em apuros, não pensou duas vezes. Sacou de sua arma e tomou a namorada como refém.

- Parem os dois. Mais um passo e eu mato a moça.

Eva não acreditou no que ouviu. O braço do rapaz apertava forte o seu pescoço. Num esforço, disse:

- Alfredo, meu amor. Você não pode fazer isso comigo.

- Cala a boca, sua vagabunda, senão eu te estouro os miolos.

A pobre moça, ouvindo aquilo, começou a chorar. Os policiais haviam parado e o bandido,

arrastando a refém, tentava abrir a porta do carro para fugir. Nesse instante, surgiu, por detrás da casa, um terceiro homem que havia se escondido. Aproximou-se, sorrateiramente, e o atacou. Eva ainda tentou ajudar:

- Cuidado, Alfredo!

O policial desferiu um golpe com o cabo do seu revólver na nuca do bandido, que caiu. Os outros dois o agarraram e o algemaram. Quando tentavam arrastá-lo para a viatura, Eva, soluçando, segurou-o pelo braço.

- Não! Por favor, não o levem. Ele não fez nada.

Um dos policiais respondeu:

- Ele não fez nada? Esse é o “Mão Leve”, um dos piores bandidos da região. Assalta, mata, rouba e faz tráfico de drogas. Esse carro que vamos levar, por exemplo, é roubado.

A moça disse, olhando para Alfredo:

- Tudo isso é verdade, meu amor?

O rapaz, ainda meio atordoado pela pancada, respondeu:

- Pare com essas lágrimas, menina. Ainda não entendeu que tudo acabou? Vá cuidar de sua vida. E não me chame mais de meu amor.

Os policiais saíram, levando Alfredo e o carro roubado. Eva ficou sozinha, com o rosto entre as mãos. O seu sonho havia chegado ao fim. Toda uma vida de espera e tinha sido em vão. Rosinha, que da porta da casa havia assistido a cena, aproximou-se dela, tocando o seu ombro.

- Vamos pra dentro, Eva. E pare de chorar. Ele não merece o seu pranto.

- Ele me enganou. Não gostava de mim.

- Eu te disse isso. Você não quis acreditar. Vamos pra dentro. Tá todo mundo olhando.

A moça caminhou, acompanhada da amiga.

- A minha vida não vale mais nada. Não adianta viver.

- Não diga isso, Eva. A sua vida começa agora.

Quando as duas entraram, encontraram Vera, escorada na porta do quarto, tentando sair. Rosinha gritou, correndo ao seu encontro:

- Dona Vera! Por que levantou? A senhora não pode.

Com dificuldade, a mulher falou:

- Eu ouvi... barulho. O que foi... minha filha?

- A polícia prendeu o Alfredo – respondeu Rosinha – o carro dele era roubado. Agora deixe-me levá-la pra cama. Venha cá.

A mulher foi recolocada em seu leito.

- Obrigada, minha filha. Agora... eu queria te pedir um favor. Olha a Eva. Ela... está muito abatida. Vai lá ver...

- Pode deixar. Eu vou.

Quando a moça chegou ao quarto, encontrou Eva tentando cortar o pulso usando uma faca. Rosinha correu e tomou a arma de suas mãos.

- Deixa de bobagem, Eva. E a sua mãe? Você não pensou nela?

- Essa vida não presta. Eu não quero mais viver.

- Tudo bem. Se você quiser, pode suicidar, mas espera a sua mãe melhorar primeiro. Do jeito que ela está agora, não aguentaria uma notícia dessas. Entendeu? Toma a faca de volta. Você resolve.

Depois de jogar a faca sobre a cama, a moça saiu do quarto e fechou a porta. As horas passaram. Ao anoitecer, Rosinha foi para o serviço. Vera não tinha melhorado e a moça já estava desesperada. No lugar de costume, encontrou Adriano que lhe deu uma pequena quantia em dinheiro. Era ainda muito pouco. Depois de despedir-se do namorado, ela seguiu para o Rosa-choque. Estava resolvido. Aceitaria a proposta de Manascar. Passaria a fazer parte das moças de aluguel. Era a única solução que tinha. No outro dia cedo, quando voltasse pra casa com os quinze pacotes, levaria Vera ao hospital. Adriano haveria de compreender. E se tudo terminasse entre eles, pelo menos ela teria a consciência tranquila de que tudo fizera para salvar a sua segunda mãe. Quando chegou, foi conversar com o seu chefe.

- Seu Manascar... o senhor me paga mesmo os quinze pacotes, se eu aceitar a sua proposta?

- Se eu pago? Mas é claro. Você sabe que sou um homem honesto. Então você aceita? Mas que boa notícia. Aceita mesmo?

Rosinha abaixou a cabeça e os cabelos claros cobriram quase todo o seu rosto.

- Aceito. Mas preciso do dinheiro rápido, viu?

- Quando for embora, é só passar no

caixa. Tem minha palavra. Mas que boa notícia! Tive até uma ideia. Vou chamar os meus bons fregueses e fazer um leilão. Isso mesmo. Um leilão! Hô! Hô! Hô!

Era meia-noite. O Rosa-choque estava em festa, completamente lotado pelos seus eufóricos fregueses. O sorridente Manascar andava de um lado para o outro com um martelo nas mãos. Rosinha, que estava sendo esperada, chegou vestida com uma blusa bastante decotada e uma mini-saia. As vozes se elevaram diante de toda aquela beleza. Manascar pediu que ela se sentasse sobre uma mesa no meio do salão, para que pudesse ser melhor observada. O leilão iria começar. O homem bateu o martelo, pedindo silêncio, e falou com voz entusiasta:

- Meus fregueses, meus amigos. É com grande alegria que o Rosa-choque inicia, a partir de hoje, uma nova atração. Está aberto, neste momento, o primeiro leilão de moças virgens desta respeitável casa. E pra começar, apresentamos esta beleza: Rosinha, a virgem de dezessete anos. Não poderia ser melhor. Quem dá o primeiro lance?

- Vinte pacotes, Manascar.

- Vinte? Mas é muito pouco. Quem dá mais?

- Vinte e cinco.

Rosinha não ouvia o barulho. Estava mergulhada em seus pensamentos. Como era difícil aquela vida que levavam ali no subúrbio. Quantas coisas tinham que fazer em prol da sobrevivência. De vez em quando uma voz mais eufórica trazia-a de volta à realidade.

- Sessenta pacotes!

- Sessenta. Dou-lhe uma...

Na sua mente, vários rostos chegavam, recordando momentos de sua vida. Dezesete anos de luta. Muita tristeza e pouca alegria. A morte de seus pais, a luta pela sobrevivência com apenas nove anos, a dedicação de Vera que acolheu a ela e ao irmão como uma segunda mãe. É... Vera... sem dúvida, ela merecia mesmo todo aquele sacrifício.

- Noventa pacotes, Manascar. Agora ela é minha.

Os cabelos longos de Rosinha escondiam duas lágrimas que molhavam os seus olhos.

- Cem pacotes! Dou-lhe duas.

De repente, um esbarrão numa cadeira chamou a atenção de todos ali presentes. Era Benson, que chegava gritando, procurando a irmã.

- Rosinha! Corre! Mamãe está morrendo. Está chamando você.

A moça saltou da mesa e correu em direção à sua casa. Um dos homens tentou segurá-la, mas uma incrível força a empurrou para fora. Os protestos cresceram dentro do salão e Manascar tentou acalmar os seus fregueses.

- Por favor, meus senhores. O leilão continua amanhã. Vocês viram o motivo. Paramos em cem pacotes, lance do senhor...

Os dois irmãos correram pelas ruas escuras do morro e em pouco tempo chegaram ao local. Rosinha entrou na casa, gritando pela mulher:

- Dona Vera! Dona Vera!

Ela estava mesmo no fim. Uma chama de vida ainda esperava por Rosinha. A moça ajoelhou diante da cama, segurando-lhe as mãos.

- Minha mãe. Por favor, não vá embora.

- Minha filha... que bom te ouvir dizendo assim. Cuida da Eva e dos meninos, por favor... eu...

- Faz um esforço, mãe. Eu arrumei o dinheiro pra levar a senhora ao hospital.

- Minha filha... não vai ser preciso... não se venda ao Manascar. Não se venda...

E a mulher virou o rosto, apertando a mão de sua filha. Eva e Chiquinho, que estavam sentados aos pés da cama, começaram a chorar. Eva disse:

- Eu sou culpada... Oh, não!

Rosinha compreendeu que o momento não era de acusação e sim de apoio.

- Não, a culpa não é sua. Você estava sendo enganada por aquele cara. Eu é que deveria tê-la levado há mais tempo ao hospital.

A tarde era cinzenta. A tristeza, em forma de cânticos e orações, seguia pelas ruas estreitas do morro. O rústico caixão era acompanhado por um número reduzido de pessoas. Janelas e portas fechavam-se, como de costume, demonstrando pesar e respeito. Os moradores, porém, não deixaram de notar alguém que corria, tentando alcançar o féretro. Parecia ter-se atrasado para o compromisso. Era Leonardo que se aproximou ofegante, gritando o nome da mulher.

- Vera! Vera!

As pessoas afastaram-se, dando passagem para o homem.

- Vera. Não é possível!

Ele debruçou-se sobre o caixão.

- Eu não queria ter deixado você sozinha, por isso voltei.

Rosinha tocou o seu ombro e ele, enxugando as lágrimas, segurou uma das alças do caixão e o cortejo prosseguiu.

Em sua casa, depois do sepultamento, Leonardo conversou com sua família.

- Eu não tenho mais vontade de ficar por aqui. Acho que não suportaria conviver com as lembranças de Vera. Vou embora. Aliás, eu nunca fui útil aqui mesmo. Sempre que precisaram de mim, eu não estava.

Rosinha disse:

- Não fale assim, seu Leonardo. O senhor sempre fez o que pôde.

- Eu acho que não, minha querida. Bem, cuide dos meninos. Sempre que puder, eu mando dinheiro pra vocês.

(((((O))))))

O dia seguinte, no morro, seria muito agitado. A notícia da taxa de proteção cobrada pelo Mister havia se espalhado. Deslizou pelas ruas e penetrou nas inúmeras frestas dos barracos. Os comentários começaram. O Morro do Cavaco parecia um formigueiro.

- Eu não pago.

- Não? E você sabe o que acontece a quem não paga?

- Não, e nem quero saber.

Teotônio e Susej prosseguiram com a construção da casa. As paredes haviam começado a subir. O messias falou:

- O senhor não vai me deixar sozinho hoje de novo não, né Seu Teotônio?

- Eu acho que vai ser preciso. Além de continuar espalhando a notícia da taxa de proteção, tenho que conseguir algumas informações sobre o Serpente. Ontem, o Brasão me “apertou” pra eu conseguir essas informações.

- Bom, e como é esse negócio da taxa?

- A gente não tem que pagar. Os funcionários do Mister não pagam. São três pacotes por mês.

- E quem não pagar?

- Nós vamos lá e destruimos a casa dele, além de lhe dar uma surra.

- Que Deus tenha piedade da alma desse pobre Mister! Hoje farei uma oração especial pra ele e esse tal de Brasão.

Um vizinho de Teotônio disse da janela de sua casa:

- Sabe que o Homem da Máscara Preta atacou de novo esta noite? Foi lá pros lados da rinha de briga de galos.

- De novo? E quem foi a vítima?

- Eu não conheço. O pior é que, dessa vez, além de estuprar, ele matou a mulher.

- Não é a primeira vez que ele mata.

- É. Dizem que quando sua máscara cai ou é reconhecido de alguma forma, ele mata.

- Isso quer dizer que ele mora aqui no morro. Por falar nisso, Susej, ontem à noite você

saiu e só voltou de madrugada... quem sabe?

- Seu Teotônio! Que sacrilégio! Há muitos anos eu me libertei dos prazeres da carne. Tenho voto de castidade.

- Há! Há! Há! Eu sei, Susej. Estava brincando.

- Além disso, o senhor sabe que eu saio à noite pra orar por esse povo na parte mais alta do morro.

- Eu sei, Susej. Não precisa se preocupar. Traga lá os tijolos.

Hora do almoço na oficina mecânica. Adriano, Éverton, Silva e Fabrício serviam-se da comida feita por Aninha. Cássio ainda não havia chegado e era motivo de preocupação.

- E o Cássio, héin? Será que aconteceu alguma coisa?

- Não seja pessimista, Silva. Daqui a pouco ele estará aqui.

- Não é pessimismo, Éverton. Ele anda muito pálido. Não está bem de saúde.

Adriano disse:

- Nisso você tem razão. Ele está mesmo doente. Precisa ir ao médico.

Fabrício levantou-se da pilha de pneus onde estava sentado.

- Eu tô mais preocupado é em “rapá” a panela. Essa “boia” da Aninha “tá um trem”. Já pode “casá”.

- Ela pode é estudar – disse Adriano – já fui ao colégio e amanhã voltarei pra fazer a sua matrícula.

A menina demonstrou, num sorriso, a sua

alegria.

- É verdade, Adriano?

- Claro que sim, minha querida. Você vai começar agora no meio do ano pra ir treinando. No ano que vem, começa pra valer.

- E os cadernos?

- Amanhã a gente compra, quando formos fazer a matrícula e...

Fabrizio interrompeu a frase:

- "Óia ele aí!"

Era Cássio que chegava, cabisbaixo, com as mãos nos bolsos.

- Chegou na hora do almoço, cara. Ainda tem.

- Sabido ele, não? Já levanta na hora do almoço.

O rapaz nada disse. Caminhou mais alguns passos na direção dos amigos. Seu rosto estava molhado de lágrimas. Adriano levantou-se e foi ao seu encontro.

- Mas o que foi isso, Cássio? Senta aqui – disse, tocando o seu braço.

- Não toque em mim – ordenou o rapaz, afastando-se.

Éverton perguntou:

- O que aconteceu, Cássio? Você está arrasado. Pode falar. Estamos aqui pra te ajudar.

Depois de uma longa pausa, Cássio disse:

- Eu não vou mais trabalhar com vocês. Eu não posso mais trabalhar. Eu não posso mais ficar perto de vocês.

- Como não pode? Não estamos entendendo.

O rapaz, com esforço, tentando evitar mais uma lágrima que caía, explicou:

- Eu estou doente, cara. Vocês não estão vendo? Estou a cada dia mais magro e meu corpo mais cheio de feridas. Eu tô com AIDS.

- AIDS? – exclamaram todos ao mesmo tempo.

- É isso aí. As pessoas dizem que não tenho muito tempo de vida.

- Por que não contou isso antes pra gente? – indagou Silva?

- Não adiantava. Vocês nada poderiam fazer. É isso aí. Eu estou condenado. E vou embora morrer lá em casa. É bom eu evitar o contato com as pessoas.

Dizendo isso, o rapaz virou as costas, caminhando em direção à porta. Adriano, depois de um instante de hesitação, correu até ele.

- Espera aí, ó Cássio. Deve ter alguma coisa que possamos fazer...

O rapaz virou-se.

- Não há mais nada a fazer, Adriano. Eu estou morto em pé. Veja só isso.

Cássio, estendendo as mãos na cabeça, voltou com ela cheia de cabelos.

- Está vendo? Logo, logo vão cair todos.

- Não. Eu não posso acreditar nisso. Nós vamos te levar ao hospital.

O rapaz sorriu.

- Com que dinheiro? Um tratamento desses é muito caro. E pra quê? Eu já morri. Adeus. Ah! Se quiser me ajudar, acerta com o chefe e leva o que tenho direito pra minha família.

Novamente, ele virou as costas e seguiu em direção à porta. Adriano ainda disse:

- Pode deixar, Cássio. Eu cuido disso. Depois a gente vai lá te ver.

Uma última frase se ouviu:

- Não. Quero morrer sozinho.

A oficina ganhou um estranho silêncio. Foi um choque para todos. Neste momento, chegava ao fim o Quinteto Fantástico. Aquela alegria de antes nunca mais haveria de voltar. Fabrício deixou o prato que ainda estava em suas mãos, Adriano abraçou Aninha, Silva parecia petrificado e Éverton, inconformado, não conteve um desabafo.

- Vida desgraçada essa nossa!

Depois do serviço, um pouco antes das dezenove horas, Adriano saiu em direção da casa de Rosinha. Precisava dar-lhe um apoio. Ele sabia o quanto Vera era importante para ela. Porém encontraram-se a duas esquinas de sua casa. Um abraço cheio de carinho e preocupações foi trocado. Adriano abriu o diálogo:

- Estava indo em sua casa. Pensei que você não iria trabalhar hoje.

- Eu vou lá ver. Talvez nem possa trabalhar mesmo.

- Por que diz isso?

- É que aconteceram algumas coisas, anteontem à noite, que você precisa saber. Espero que não fique zangado comigo.

- Então diga, Rosinha. Assim você me deixa preocupado.

- Vamos andando. No caminho eu falo.

De mãos dadas pelas ruas do subúrbio,

aquele casal, que era a expressão mais viva do amor por aqueles lados, falava de seus problemas e de suas angústias. Rosinha contou o caso do Rosa-choque. Adriano ouviu, atentamente, cada palavra. No final, disse:

- Então você não pode voltar mais lá. Não quer continuar o leilão.

- Eu sei, Adriano. Mas quem sabe o Manascar me deixa continuar só como garçonzete. Não podemos esquecer que agora eu estou sozinha pra cuidar da casa. Seu Leonardo foi embora.

Adriano passou a mão pelos cabelos.

- Que situação difícil! Mas eu vou até lá perto. Talvez você precise de mim.

Rosinha apertou a mão do namorado.

- Que bom que entendeu a minha atitude.

- Você só queria ajudar a Dona Vera. Agora não vamos falar mais nisso.

A moça notou um ar de tristeza a mais nos olhos de Adriano.

- Você parece preocupado com mais alguma coisa. O que é?

Adriano contou o caso do amigo Cássio. Em seguida, os dois se abraçaram e seguiram em direção ao Rosa-choque. A uma esquina do local, Adriano ficou esperando por Rosinha. Era o mesmo lugar em que ele a viu, no primeiro dia que foi até lá. Como o tempo passa depressa e as coisas mudam. Agora ali estava ele para tentar protegê-la, se fosse preciso. Ela aproximou-se. O lugar estava agitado. Mesmo ainda muito cedo, já tinha muita gente. Manascar estava na porta para recebê-la.

- Minha querida. Eu sabia que iria voltar.

Não iria me decepcionar. Veja quantas pessoas já estão esperando por você.

- Seu Manascar, eu...

- Eu sei. O dinheiro. Aqui está. Faço questão de pagar adiantado.

- Não. Por favor, guarde o seu dinheiro. Eu não vim pra continuar o leilão.

- Não veio? Mas, olha! Todos estão aqui para o leilão. Você não pode fazer isso. Vieram ontem também. Você não veio...

- Seu Manascar, eu quero continuar só como garçõete. Por favor, não insista.

- Nada feito, menina. Se você não quer participar do leilão, vá embora. Quando mudar de ideia, pode voltar.

Rosinha abaixou a cabeça e saiu. Várias reclamações dos fregueses foram ouvidas. Manascar tentou contornar a situação:

- Calma, meus senhores. Ela fica pra outro dia. Mas não se preocupem, haverá leilão ainda hoje. Eu já preparei outra “prenda”. Na hora exata, ela estará aqui. Sentem-se e fiquem à vontade.

Adriano, percebendo toda aquela agitação, foi ao encontro de Rosinha que voltava.

- E aí? O que aconteceu?

- Vamos embora. Seu Manascar não me quer mais como garçõete.

- Então, vamos. É melhor assim.

Depois de caminharem algum tempo em silêncio, Adriano disse:

- Sabe, meu amor, a gente vive passando por dificuldades, tentando resolver sozinhos os

nossos problemas. Eu estava pensando que está na hora da gente se casar. Assim enfrentaremos juntos as dificuldades. Eu acho que tudo ficaria mais fácil. E eu te amo...

- Oh, Adriano! Esse é o meu sonho. Ter um lugar só pra nós. Mas eu preciso cuidar da minha família. Não posso abandoná-los. E agora, sem trabalho, nem sei como vou fazer.

- Eu acho que a solução é morarmos todos juntos. Por que não?

- Não sei, Adriano. Acho que sim. Eu estou tão confusa.

- Oh, pobre da minha querida! Não vamos ter pressa. Depois a gente fala nisso.

(((((O))))))

No subúrbio, os dias que passam não são dias a menos de vida, motivo pra se lamentar; são dias a mais de sofrimento e angústia, que é preciso suportar. E o tempo passou, fazendo acontecer: Teotônio terminou a casa e o boteco, realizando o seu sonho e, conseqüentemente, Susej teve mais tempo para continuar as suas pregações; Manascar, ainda com esperança de Rosinha participar do leilão, aceitou a moça de volta ao trabalho; Eva, tentando mudar de vida, também se tornou garçoneiro do Rosa-choque; a taxa de proteção foi cobrada pela primeira vez e, diante da recusa de alguns moradores, os Cavaleiros da Noite fizeram vários ataques ao morro; a ideia de Mister havia

sido um sucesso e Brasão, como sempre, não perdeu a oportunidade de roubar pequenas quantias de seu chefe, desviando o dinheiro “arrecadado” de várias ruas; e a alegria, sempre que possível, enganava a tristeza e fazia emoções na oficina mecânica. Adriano olhava com satisfação a irmã que, depois de um beijo, saía para ir à escola. Silva aproximou-se.

- Não vai levá-la hoje, Adriano?

- Não é mais preciso. A escola é perto e ela já aprendeu bem o caminho... ficou linda de uniforme, não ficou?

- É. Muito linda!

Fabício chegou, fazendo das suas:

- “O mais mió foi ela estudá de tarde, pra podê fazê a bóia pra nós, não é?”

Depois de um breve silêncio, Éverton, escorado numa lataria de automóvel, disse:

- E o Cássio? Como será que está?

Adriano respondeu:

- Deve estar mal. Não sei como ainda dava conta de trabalhar.

- Vamos vê-lo hoje?

- Vamos, sim. Mas ele não vai gostar. Semana passada, quando fui levar o dinheiro que restava, entrei no quarto pra gente conversar, mas ele virou o rosto e pediu pra eu vir embora. O coitado, segundo sua mãe, quase não levanta mais da cama.

Fabício interrompeu a conversa:

- Olha! Deus abriu as portas do céu...

Era Tereza que chegava, mais uma vez, para ver Adriano. Seu vestido longo brilhava com a

claridade vinda da porta. O rapaz levantou-se para recebê-la. Fabrício, mais uma vez:

- Vai lá, santo Adriano, recepcionar a santa Tereza.

- Cale a boca, palhaço.

- Há! Há!, Há!

Adriano recebeu a moça e, depois de um aceno para seus companheiros, saiu com ela para dar uma volta. Tereza disse, num sorriso:

- E aí? Achou que eu não voltaria mais?

- É... faz mais de um mês que você não vem.

Ela encantou-se:

- Mas que maravilha! Sabe quantos dias fazem que não venho aqui. Será saudade?

- Ah, Tereza! Deixa disso.

- Então, você nega. Nem um pouquinho só de saudade?

- Não. Nem um pouquinho.

A última frase de Adriano, mesmo em tom de brincadeira, deu um toque de tristeza nos olhos dela.

- Vejo que no seu coração, você só tem lugar pra sua namoradinha, de quem me falou na última vez que estive aqui.

- Eu amo a Rosinha, Tereza. Ela é como eu. Vive as mesmas dificuldades e pretendemos nos casar.

- Não precisa se justificar. Amor não se justifica, assume. Quando você vai me mostrar essa tal de Rosinha?

- Não sei. Qualquer dia desses.

Os dois caminharam por mais algum

tempo e depois retornaram à oficina. Tereza, porém, não se despediu. Manifestou o desejo de conhecer melhor o local de trabalho de Adriano. Éverton, ouvindo a conversa, se apresentou:

- Deixa comigo, Adriano. Vai ser um prazer mostrar a oficina pra nossa amiga. Posso chamá-la assim, não?

Ela sorriu.

- Claro. Você é o Éverton, não é? Adriano fala muito bem de você.

- Muito obrigado. Vamos por aqui. Não repare, já que o único lugar arrumado é a casa da Aninha. Bom, esta pilha de pneus é a sala de jantar...

Depois de conhecer a oficina e o bom humor de seus funcionários, Tereza despediu-se.

- Bem, eu vou embora. Muito obrigada pela sua atenção, Éverton. Foi muito bom conversar com você. Com vocês todos. Tchau, Adriano.

E, como de costume, inclinou-se, beijando o rosto de Adriano. Nesse instante, Rosinha chegou à porta da oficina. Ao ver aquela moça beijando o seu namorado, nada disse. Virou as costas e saiu correndo. Adriano, pego de surpresa, gritou o seu nome e foi atrás dela. Tereza comentou:

- Então, essa é a Rosinha? Parece que ficou com ciúme.

- É, parece – disse Éverton.

- Mas eu não fiz nada de mais. Não tive culpa.

- Não se preocupe. Ela é que é muito ciumenta.

Virando a esquina, Adriano alcançou a moça e tocou o seu braço.

- O que é isso, Rosinha? Eu posso explicar pra você.

Com voz de choro, ela respondeu:

- Aquilo não tem explicação.

- Claro que tem. Vamos voltar à oficina e esclarecer tudo.

- Não. Você me enganou. Me deixe, por favor.

Com essas palavras, Rosinha foi embora, deixando o rapaz totalmente arrasado. Ele abaixou a cabeça e retornou à oficina. Tereza já havia saído. Éverton, vendo o estado em que ficou o amigo, disse:

- Parece que não deu certo...

- É, não deu. Ela ficou muito brava.

- Tereza saiu preocupada.

- Ela não teve culpa. Foi só um beijo no rosto.

Subúrbio é mesmo assim: uma máquina de moer carne humana, um horrível círculo vicioso, quem entra não consegue sair.

- Você entendeu, Brasão?

- Sim, Mister. Tudo certo. Eu entro na casa do Teotônio e deixo a droga. Por que o Teotônio?

- Foi você mesmo que o sugeriu, Brasão.

- Ah, sim! Claro. Ele não me trouxe as informações que eu queria.

- Isso mesmo. O que achou do plano?

- Maravilha, Mister. Mas pra que tudo isso?

- Você não entendeu nada mesmo. Vou explicar de novo. O Capitão Moreno, que amanhã vem buscar o seu “quinhão”, foi pressionado pelos seus superiores. Eles sabem que a droga corre solta nas veias e nos olhos das pessoas por aqui. Mas, há muito tempo a polícia não apreende nada no morro. E o Capitão precisa justificar o seu salário. Daí surgiu a ideia. Você esconde a droga na casa de Teotônio, a polícia chega e prende o infeliz.

- Maravilha, Mister. Mas duas coisas me preocupam: nós vamos jogar cocaína fora e o Teotônio pode dar com a língua nos dentes, depois de preso.

- Parabéns, Brasão! De vez em quando a sua cabeça funciona direitinho. Eu também já pensei nisso e tenho a solução. A droga que você vai esconder hoje à noite lá no boteco não é pura. É aquela “engana-trouxa” com várias misturas. E quanto ao Teotônio, o Capitão se encarrega dele. De início, vai ficar na prisão do morro, mas se for transferido e aí pode ter o perigo de ser pressionado, no caminho o Capitão... bum!

- Há! Há! Há! O senhor pensa em tudo, Mister. Bum! Maravilha, mesmo!

O diabólico plano foi colocado em funcionamento. Brasão, durante a noite e sem ser visto, escondeu dois quilos de cocaína no boteco de Teotônio Dantes. No dia seguinte, conforme o combinado, a polícia dirigiu-se ao local para executar sua prisão e a apreensão da droga. Naquele instante, Adriano havia saído da oficina para ir à casa de Rosinha, agora que ela deveria estar um pouco mais calma, com a intenção de lhe explicar o

caso com Tereza. A moça, porém, não estava e ele resolveu chegar até à casa de seus pais. Quando virou a esquina, avistou a polícia que levava Teotônio em direção à viatura. Maria chorava, agarrada ao braço do marido. O rapaz falou:

- Mas, o que é isso? Por que estão algemando meu pai?

Um dos policiais explicou:

- Por isso. Veja só. Dois quilos de cocaína foram encontrados no seu boteco.

Teotônio defendeu-se:

- Mas isso não é meu. Alguém colocou aí.

O policial gracejou:

- Deve ter sido o Papai Noel, não é mesmo?

Adriano, mesmo sem ter ainda perdoado o pai, num gesto rápido, interveio:

- Deixem o meu pai. Ele não tem culpa.

Fui eu quem escondeu a droga.

A mãe do rapaz surpreendeu-se.

- Adriano, você? Eu não posso acreditar.

O policial disse, já irritado com aquela história:

- Nós também não estamos acreditando, minha senhora, mas se o rapaz quer tomar o lugar do pai, algemem-no então. E depressa com isso.

Adriano foi colocado na viatura. Antes de sair, ainda disse à sua mãe, que estava desesperada:

- Não se preocupe, mãe. Tudo vai dar certo.

Conforme o previsto, ele foi levado para a delegacia do morro. As surpresas pela sua prisão aconteceram em toda parte.

- Adriano? Eu não acredito!

- É verdade, Éverton. Por isso não voltou ontem – disse Silva.

Outra exclamação:

- Meu Deus! Adriano preso?

- Pois é, Rosinha – disse Eva – parece que o seu namorado também não é flor que se cheire.

Mais uma surpresa:

- Adriano? Quem é ele?

- O filho de Teotônio Dantes, Mister – respondeu Brasão – Conforme as informações, o rapaz disse que escondeu a droga, e tomou o lugar do pai.

- Melhor assim. Ele não conhece a fundo nossas atividades. Não corremos risco algum.

O restante da semana passou e o domingo, único dia de visitas na prisão do morro, finalmente havia chegado. Maria, antes mesmo do horário, já estava na delegacia. Depois de algum tempo de espera, um policial abriu a porta.

- Pode entrar, Dona.

A mulher entrou no local, mal contendo a sua ansiedade. Lá estava Adriano, detrás das grades, sentado na beira da cama.

- Mamãe!

- Meu filho! Como está você?

O rapaz levantou-se e, por entre as grades, tocou as mãos de sua mãe.

- Eu estou bem, mãe. Preocupado com a senhora.

- Oh, meu filho! Eles maltrataram você?

- Não senhora. Não se preocupe. Só não

sei quando vou sair. Aqui só vai embora quem tem dinheiro ou advogado.

- Eu trouxe esses biscoitos pra você.

- Obrigado. Mas não precisava ter se preocupado.

Após uma pausa, a mulher falou:

- Meu filho, eu sei que não foi você quem escondeu a droga lá no boteco. Você não seria capaz disso. Seu pai, sim. Só se mete em “rolos” depois que foi trabalhar com esse tal de Mister.

- Eu sabia que a senhora iria entender, mãe. Realmente não fui eu. Acho que o meu pai já está um pouco velho pra ficar nessa cadeia.

Maria conversou com o filho mais quinze minutos. Logo que foi convidada a sair, Rosinha apareceu na porta. Seu olhar procurou por Adriano nas celas repletas de prisioneiros, encontrando-o pouco depois. O coração do rapaz acelerou-se quando a viu. Ela aproximou-se. Depois de se olharem por um instante, Adriano disse:

- Eu não esperava por você.

- Eu não pude resistir e vim.

- Mesmo eu sendo traficante e tendo te enganado?

- Eu não acho que seja culpado. Você não é um traficante de drogas.

- E nem te enganei. Depois que te conheci, não tive outra mulher em minha vida.

- Você fala sério, Adriano?

- Do fundo do meu coração. Aquela moça é uma velha amiga do convento. Ela diz que gosta de mim, mas eu nunca traí você. Aquilo foi só um beijo no rosto. Acredite em mim, por favor...

Rosinha sentiu a verdade brilhar nos olhos de Adriano.

- Eu... acredito.

Por entre as grades, o rapaz tocou, com muito carinho, as mãos da moça.

- Minha querida, você não sabe o quanto isso me deixa feliz. É mais uma força pra suportar ficar aqui. Quando eu sair, nós vamos nos casar e enfrentar juntos essa vida. Você quer?

- É o que eu mais quero, meu amor.

- Sabe, Rosinha, nunca menti pra você. A não ser sobre as poesias.

- Como assim?

- As poesias que te dei. Não fui eu quem as fez. Foi o Fabrício, inspirado na nossa história.

- Rosinha sorriu:

- Não tem importância. São lindas! Eu continuo gostando assim mesmo. Agora me conta essa história das drogas.

Na parte da tarde, quem apareceu foi a sua irmã Aninha, acompanhada por três amigos.

- E aí, cara? Como se sente “enjaulado”? - perguntou Fabrício lá da porta.

- Não fale assim – repreendeu Éverton.

- Qual é o problema? Ele “num” tá “memo” vendo o sol nascer quadrado?

Adriano disse:

- Entrem, minha gente. Vem cá, Aninha.

A menina aproximou-se da grade. Adriano segurou em suas mãos.

- Minha querida! Nessa confusão toda, eu me esqueci de você.

- A mamãe foi na oficina me buscar, mas

eu resolvi ficar lá por causa da escola e da ‘boia’ dos homens. Você vai sair rápido, não vai?

- Claro que sim, minha querida.

Silva entrou na conversa:

- Agora sou eu quem cuida dela, Adriano. Eu e o Fabrício. Estamos pousando lá até você voltar.

- Que bom. Eu sabia que podia contar com vocês.

- Éverton disse:

- Agora vai explicando, cara, esse caso das drogas. Pelo que sei, você é um mecânico honesto.

(((((O))))))

A liberdade é o maior bem do ser humano. Adriano aprendeu isso nas horas, nos dias, nas semanas que passavam. Ali, naquela prisão, nada podia fazer por ele e pelas pessoas que amava. Seu longo tempo era gasto pensando em sua mãe, que tanto se preocupava com ele; com seu pai que, como ajudante do Mister, estava trilhando o pior caminho do morro; com Aninha que não pôde mais contar com a sua ajuda e proteção; com Cássio morrendo aos poucos naquela cama; com seu trabalho e com Rosinha sujeita a tudo no Rosa-choque. Mas a esperança, também no morro, era a última que morria. No seu olhar, brilhavam mil sonhos, um para cada tristeza do presente. Era só preciso esperar. E Adriano esperava...

Era domingo. Enquanto Adriano recebia, mais uma vez as suas visitas, no lado norte Brasão participava do seu “esporte” preferido: brigas de galo. Todo fim de semana, a rinha do morro estava cercada de pessoas que iam ver e fazer as suas apostas. Brasão tinha vários galos e apostava alto neles. Uma de suas aves estava passando por maus bocados naquele momento. O homem, debruçado na beirada de tábuas da rinha, desesperava-se com a situação.

- Saia daí, “Bico de Águia”. Não abaixa a cabeça. Não... não... isso! Agora vamos dar o troco.

A briga estava emocionante. Não havia mais um lugar sequer ao redor do local. As pessoas se empurravam e se acotovelavam, buscando uma melhor posição. No meio daquele barulho e daquela euforia, um bilhete foi passado para Brasão que leu as suas poucas linhas: “Venha participar do meu jogo. Comigo as apostas são muito mais altas. Ou não tem coragem? Estou no carro preto à sua esquerda. Um amigo.”

O homem localizou o carro. Tinha vidros escuros fechados. Resolveu ir até lá, enquanto a briga prosseguia. Chegando perto, o vidro abaixou-se, mostrando o rosto do seu proprietário. Brasão não conteve uma expressão de espanto.

- Serpente!

Instintivamente, o ajudante do Mister sacou o seu revólver, sendo contido pela calma do seu opositor.

- Não se precipite, Brasão. Você não ganharia nada me matando. Além disso, tenho aqui dentro três homens armados. Eles te matariam.

- Eu também tenho homens ali na rinha.
- Sei disso. Mas não vim aqui brigar com você. Pelo contrário, vim fazer-lhe uma ótima proposta.
- Eu não aceitaria uma proposta do adversário do Mister.
- Mesmo que, no final das contas, o Morro do Cavaco fique sendo seu?
- Meu? Como assim?
- Muito bem. Começou a melhorar. Eu explico: não é segredo que eu quero acabar com o Mister. Porém, as provas que tenho ainda me parecem insuficientes. Preciso que você consiga melhores provas pra mim. Em troca, o Morro do Cavaco é seu.
- Você está tentando me enganar. Depois de acabar com o Mister, não me daria o morro. Eu sei.
- É claro que o morro não seria só seu. Seria de nós dois. Porém com uma diferença. Você quem mandaria aqui. Eu tenho outras coisas pra cuidar. Seria você o novo Rei do Cavaco.
- Eu? O Rei do Cavaco?
- Isso mesmo. Ajudando o Mister, nunca chegaria nessa posição.
- Isso é verdade. Mas se arranjar as provas, que garantia eu tenho?
- A minha palavra. Você não acha suficiente?
- Pode ser. Eu vou pensar. Domingo que vem te dou a resposta aqui na rinha. Agora feche o vidro. Um dos meus ajudantes vem aí.
- Tá bom. Até domingo. Pense bem,

futuro Rei do Cavaco.

Serpente fechou o vidro e saiu.

- Quem era? – indagou Cerezo que chegava.

- Eu estava comprando um galo. O que deu a briga?

- O Bico de Águia morreu. Você perdeu e muito.

- Não tem importância. Ganhei uma aposta maior.

- Que aposta?

- Esquece, Cerezo. Qual é a próxima briga?

Na segunda-feira, a oficina mecânica ganhou mais um funcionário. O proprietário havia contratado e veio apresentá-lo aos seus companheiros.

- Este é o Marcos. Veio trabalhar com vocês.

- Oi, pessoal.

Éverton respondeu:

- Como vai, Marcos? Estávamos mesmo precisando. Tem muito serviço por aqui.

- Vou precisar de ajuda. Não tenho muita experiência.

O chefe disse:

- É isso mesmo. Ensina o serviço a ele. Agora só falta trazer mais um.

Éverton surpreendeu-se.

- Mas, e o Adriano? O lugar é dele.

- Adriano está preso e ninguém sabe quando vai sair. O serviço não pode se atrasar por causa dele. Além disso, eu não quero traficante aqui

na oficina.

Éverton retrucou:

- Adriano não é traficante. Se o fosse já estaria fora daqui. Não o mande embora. Ele precisa do serviço. Por favor...

- Bem, vamos ver. Quem sabe eu precise até de mais um. Vou dar uma reforma na oficina. Quero aumentar e dar uma nova pintura a ela. Esses cartazes que tem por aí, essas poesias bobas, é pra tirar. Vamos manter uma melhor aparência depois da reforma.

Fabrício levou um susto.

- Senhor, mas as poesias...

- Eu disse pra tirar, Fabrício. E não tenho tempo pra discutir essas besteiras. Bom, quero o caixa da semana passada. Vamos lá.

Depois que o chefe saiu, Éverton disse a

Marcos:

- Você mora aqui por perto?

- Não. Eu posso dizer que vim da cidade.

- Então, não tem onde morar?

- Não. Tenho que achar uma pensão aqui por perto.

- Eu te ajudo depois. Comer você come aqui. A Aninha faz a boia e a gente divide a despesa.

- Quem é Aninha?

- A irmã do Adriano. Tá lá dentro da sua casa improvisada. Bem, vou te mostrar o serviço.

- Vamos ver. Mas o que está acontecendo com aquele ali?

- O Fabrício? Mas, o que foi?

O rapaz estava sentado num pneu, com os

cotovelos apoiados nos joelhos, e as duas mãos no rosto.

Éverton aproximou-se.

- O que foi, Fabrício? E o trabalho?

Depois de uma pausa e sem mudar a sua posição, o rapaz respondeu com voz rouca:

- Eu não trabalho mais aqui.

- Como não? É claro que você trabalha.

Fabrício suspendeu o rosto. Uma lágrima descia pela sua face.

- Não, Éverton. Não trabalho onde eu não possa expor as minhas poesias.

- Então é isso? Mas o que é que tem?

- Pra você pode não ser importante, mas pra mim é. Eu vou embora.

- Não. Fica aí. Quando o chefe voltar, eu vou pedir a ele pra você pregar as suas poesias nas paredes, depois da reforma.

- Não vai adiantar. Ele disse que não quer.

- Ele vai mudar de ideia. Agora levante daí e vá trabalhar. Se você quiser tirar e guardar as poesias pra recolocar depois, é bom. Vá...

Fabrício levantou-se, apoiando a mão no chão, enxugou o rosto molhado, sorriu levemente para o amigo e voltou ao velho automóvel que estava consertando. Éverton balançou a cabeça, dizendo a Marcos:

- Pode ir se acostumando. Os problemas, por aqui, são frequentes.

Durante o serviço, o novo mecânico viu Aninha, andando pra lá e pra cá, fazendo a comida. Na hora do almoço, ele teve a oportunidade de falar

com ela, de conhecê-la melhor.

- Você cozinha muito bem, Aninha.

- Obrigada. Teria ficado melhor se a gente tivesse mais coisas pra fazer. Infelizmente, não temos.

- Um dia isso vai melhorar. Pode ter certeza.

- Pra nós eu acho que vai piorar. Pelo menos enquanto Adriano estiver na cadeia...

- Por que ele foi preso?

- Disseram que ele estava mexendo com drogas, mas isso não é verdade. Adriano não faria uma coisa dessas. E você? Parece gente importante, mas veio trabalhar aqui nesse fim de mundo...

- Eu não sou gente importante. Acho que estou no meu lugar. Viu? Não sou importante.

- Tá bom. Agora, com licença. Vou arrumar as coisas pra ir à escola.

Na parte da tarde, mais alguém chegou na oficina. Era Tereza que veio ver Adriano. Éverton foi recebê-la.

- Preso? Por quê?

- Foi acusado, injustamente, de tráfico de drogas.

- Mas, como aconteceu?

- É só uma ponta dessa rede que aprisiona e mata as pessoas, a rede do subúrbio. Parece que o pai dele é o culpado e ele ficou no lugar do velho. É aquele bom coração do Adriano.

- Eu quero ir vê-lo. Você sabe onde é?

- Sei. Mas só podemos visitá-lo aos domingos.

- Só aos domingos? Mas eu precisava

tanto falar com ele...

- Pois é. Nós também esperamos com ansiedade a semana inteira.

Tereza olhou Everton nos olhos e disse:

- E você? Como vai? Parece ser o único que não tem problemas por aqui.

- Eu tenho problemas, sim. Mas com a ajuda de Deus, vou contornando.

Um ar de alegria passou pelo rosto da moça.

- É a primeira pessoa que ouço falar em Deus por aqui. Isso é bom... bem, domingo tentarei voltar pra ver Adriano.

- Mas, já vai embora? Fique mais um pouco. É tão bom conversar com você.

- Mais um pouco? Tá bem. Mais um pouquinho, então. Aproveite e me mostre que serviço você estava fazendo.

(((((((((((((((O))))))))))))))

Dizem que no tempo da seca, o Morro do Cavaco também é cheio de barro. São lágrimas dos moradores que caem ao chão.

- Chorando de novo, Maria? Vê se esquece um pouco dessa história.

- Você não entende mesmo, Teotônio. Como posso esquecer o meu próprio filho? É muito difícil pra mim saber que ele está lá, inocente, detrás das grades e eu aqui sem fazer nada. O

coitado pode até estar sendo maltratado...

- Como você sabe que ele é inocente?
Como aquela droga foi aparecer lá no boteco?

Um sorriso de desprezo saiu dos lábios da mulher.

- E você ainda tem coragem de incriminar o próprio filho! Nós dois sabemos que é você o culpado. Esse “rolo” é bem do seu tipo. E agora a sua moral abaixou ainda mais depois que foi “puxar o saco” do Mister.

- Não é verdade, mulher.

- É verdade, sim. Eu fico imaginando como você pôde deixar a polícia levar o Adriano no seu lugar, sabendo que ele é inocente.

- Pode parar, Maria. Quando tenho culpa, eu aceito você ficar falando. Mas agora, não. Dessa vez, não.

- Tá certo. Vou te dizer só mais uma coisa. Você já devia ter feito algo pra tirá-lo da cadeia.

- Eu? Mas o quê?

- Ora, pede para o seu patrão. Ele não tem muita influência com a polícia?

E lá foi Teotônio Dantes, na tentativa de tirar o filho da cadeia. Brasão o recebeu.

- Eu nada posso fazer, Seu Teotônio.

- Como não? O senhor tem um grande prestígio...

- E as minhas informações, Seu Teotônio? Não as conseguiu.

- Mas eu ainda vou conseguir. Estou tentando.

- Conversa fiada. Quer um cigarro? O

senhor não está sendo útil ao Mister. Acho que não preciso mais dos seus serviços.

- Mas, Seu Brasão, não faça isso comigo.

- Já fiz. Aqui está o seu pagamento até o dia de hoje. Isqueiro?

- Eu vou trazer as informações, senhor.

- Elas não são mais importantes. Adeus, Seu Teotônio. E não fique assim tão desanimado. Foi trabalhando pra mim que o senhor conseguiu reconstruir a sua casa e o seu boteco. Já está bom, não está?

Mais um domingo chegou. A rinha, como sempre, repleta de espectadores. Brasão, dessa vez, não participava das apostas. Sua atenção não estava voltada para as brigas de galos e sim para um carro preto que, finalmente, aparecia lá na esquina. O automóvel estacionou e o homem, sem perda de tempo, foi ao seu encontro. O escuro vidro abaixou-se.

- Bom dia, Brasão. Espero não tê-lo feito esperar.

- Só um pouco.

- Você parece muito tranquilo.

- Hoje não trouxe os meus homens, para conversarmos melhor.

- Então, entre.

- Nada feito – respondeu o homem com uma risada – o ar aqui fora é mais puro.

- Sempre desconfiado! E aí? Pensou na minha proposta?

- A semana inteira.

- E então, quer se tornar o novo Rei do Cavaco?

- Eu aceito a sua proposta. É muito fácil pra mim conseguir documentos que incriminam o Mister. Quero apenas ter certeza que cumprirá a sua palavra.

- E o que sugere? – indagou Serpente, com um sorriso.

- O Pacto do Diabo.

O homem espantou-se com aquela frase.

- Mas não precisa disso, Brasão. Eu lhe dou a minha palavra.

- Sem o pacto, nada feito – concluiu o braço direito do Mister.

O bandido do carro preto pensou, deslizou a mão esquerda nos cabelos, olhou para os seus três capangas e, finalmente, disse:

- Tudo bem. Pode organizar. Eu farei o Pacto do Diabo com você.

- Maravilha! Será nesta sexta-feira que, por coincidência, é lua cheia. Eu preparo. Que tal na encruzilhada do cemitério velho?

Serpente meneou, positivamente, a cabeça. Brasão concluiu:

- Esteja lá, então, à meia-noite.

No mesmo instante, na prisão do morro, Adriano recebia as suas costumeiras visitas. Marcos, o novo funcionário da oficina, foi conhecer o rapaz de quem tanto falavam. Éverton fez a apresentação.

- Esse é o Marcos, nosso novo colega. Veio substituir o Cássio.

- Como vai? – disse o prisioneiro, estendendo-lhe a mão.

- Tudo bem. Foi preciso vir aqui

conhecer você. Na oficina, só falam nesse tal de Adriano.

- É que essa turma é muito legal.

- Você é que é legal – disse Aninha ao irmão.

Adriano sorriu. Éverton falou ao amigo:

- Infelizmente, hoje eu não tenho boas notícias.

- O que foi? Vá dizendo.

- O chefe vai reformar a oficina e pretende contratar mais um. Se você continuar preso aí, pode perder o seu lugar.

O rapaz abaixou a cabeça, numa expressão de desânimo e tristeza. Silva ralhou com Éverton:

- Precisava dizer, Éverton? Precisava?

Adriano foi quem respondeu:

- Precisava sim, meu amigo. Pode ter certeza de que eu ficaria muito chateado se vocês escondessem alguma coisa de mim. Eu preciso sair daqui. Minha vida não pode ficar parada como está.

Marcos falou:

- Eles estão demorando soltá-lo, mesmo que fosse culpado.

- É, mas acho que aqui ninguém se importa comigo. Tantos bandidos já foram soltos... e fizeram coisa muito pior.

- Essa história me parece muito estranha – comentou o rapaz – eu gostaria de falar com o seu pai, se você não se importa.

- Claro que não. Éverton te leva até lá.

Um movimento na porta e Fabrício disse:

- “Num vai ser preciso. Óia ele aí.”

Teotônio chegava com Maria. Foi uma grande surpresa para Adriano, já que seu pai ainda não o tinha visitado uma vez sequer.

- Papai! Mamãe!

- Oi, meu filho – disse Maria – como está se sentindo?

- Tudo bem, mãe. Fico contente que o papai tenha vindo.

Teotônio respondeu:

- Vim te dizer que nós sabemos que você não tem culpa, só queria me proteger. Mas eu também não tenho culpa viu, meu filho? Dessa vez, sou inocente. Alguém colocou aquela droga lá. Você acredita em mim, Adriano?

Diante da sinceridade demonstrada naquelas palavras, o rapaz disse:

- Eu acredito, pai.

Maria acrescentou:

- Seu pai não trabalha mais para o Brasão, filho. Isso quer dizer que não vamos ter mais problemas.

- Brasão? – disse Marcos – Quem é esse? Seu Teotônio, posso falar com o senhor?

Enquanto o restante do pessoal conversava com Adriano, os dois saíram da delegacia para ficarem mais à vontade. Teotônio contou ao rapaz sobre as atividades do Mister no Morro do Cavaco: contrabando de crianças, tráfico de drogas e armas, cobrança da taxa de proteção, perversão de menores, violência e morte. Marcos ainda conseguiu detalhes sobre o “esconderijo” do Mister, o número de capangas e a cumplicidade dos policiais do morro. Quando todos retornaram da

delegacia, Éverton acompanhou o novo mecânico até à sua pensão.

- Vamos lá, Marcos. Abra o jogo comigo. Você é um “tira”. Não entende nada de mecânica. Está aqui a trabalho. Vive por aí fazendo perguntas.

Ele sorriu.

- Eu sabia que você já havia desconfiado. É isso aí, meu companheiro. Eu sou um agente federal. Há tempo estou atrás desse tal de Mister. Ele é muito esperto, mas agora parece que não tem mais saída. Só espero conseguir as provas de que preciso, antes que eles me descubram. Por isso é importante o seu silêncio.

- Claro, Marcos. Pode contar comigo. Mas tome cuidado. Eu os conheço bem. Se te descobrirem, você está perdido. Eles te matam.

- Pode ser. Mas, dessa vez, eu acho que eles é que vão se dar mal.

- Assim espero – acrescentou Éverton – será um alívio pra todo mundo.

O agente ainda disse:

- Sabe, Éverton, desde que cheguei, percebi que podia contar contigo. Por isso não tomei cuidado em esconder minhas atitudes perto de você.

- Obrigado, Marcos. Até amanhã, na oficina.

- Até amanhã.

À noite, no Rosa-choque, Rosinha observou Eva, por algum tempo, servindo a grande clientela do domingo. Ela parecia mais gorda, como se estivesse grávida. Depois, quanto voltavam do trabalho, a moça falou:

- Foi muito bom você ter vindo trabalhar comigo. Assim eu não volto mais sozinha pra casa.

- Pena que o salário seja tão baixo como garçõete – comentou Eva – as meninas lá dos fundos é que ganham bem.

- É verdade. Mas, Eva, eu estava te observando hoje. Você está grávida, não está?

Depois da surpresa, a moça disse:

- Você já notou, né? É isso mesmo. É o meu castigo por ter me envolvido com aquele desgraçado do Alfredo.

- Não fale assim. A criança não tem culpa. Nós vamos cuidar dela com muito carinho.

- Eu preferia não ter nenhuma lembrança daquele bandido.

- Teria sido melhor mesmo, mas agora não podemos fazer nada, não é?

- É... parece que não... vamos andar mais depressa, Rosinha? Aqui está muito escuro.

- É mesmo – disse a moça, apertando o passo.

(((((((((((((((O))))))))))))))

Sexta-feira, Lua cheia, cinco minutos para a meia-noite. Lá estava Brasão, sentado na encruzilhada, com uma galinha preta nas mãos, rodeado por velas acesas. A proximidade do cemitério dava, ainda mais, um aspecto tétrico à cena. Uma parte do muro havia caído e as cruzes mostravam as suas faces sob os raios da lua. Um

carro surgiu na outra esquina, seguiu um pouco mais e parou. Dele, saltou uma figura humana que se dirigiu, lentamente, para o círculo de fogo construído pelas velas. Uma delas foi retirada para a passagem do homem. O círculo fechou-se mais uma vez e uma voz rompeu o sinistro silêncio.

- Pontual, Serpente.

- Eu sempre sou. Vamos acabar com isso.

- Está com medo, por acaso? – disse Brasão, exibindo um sorriso.

- O Serpente não tem medo. Apenas não gosto disso.

- Então, vamos começar.

O homem sentou-se de frente para Brasão que proferiu algumas palavras de invocação e cortou, com um punhal, o pescoço da galinha, despejando o sangue em um copo. Depois disso, fez um pequeno corte na ponta de um dos seus dedos da mão esquerda, deixando cair, dentro do copo, um pingo de sangue. Em seguida, passou o punhal para Serpente que fez o mesmo. O silêncio da noite era rompido apenas pelo assobio do leve vento que tocava as chamas das velas, fazendo-as dançar num ritmo sobrenatural. Com o olhar perdido no céu, Brasão ergueu, com as duas mãos, o copo de sangue.

- Senhor das Trevas, receba este sacrifício. E que o acordo estabelecido entre essas duas criaturas que, honrosamente, hoje estão sentadas no seu círculo de fogo, seja respeitado até à morte. A partir de hoje, nossas almas estão sob os seus cuidados. Faça-se dono da primeira que vacilar.

Com essas palavras, o homem levou o

copo à boca, bebendo a metade do sangue. Depois, o outro, tomando o copo, bebeu o restante. Nesse exato momento, o vento bateu mais forte sem, no entanto, apagar o círculo de fogo. Estava feito o Pacto do Diabo. Serpente, depois de afastar uma vela, dirigiu-se para o carro. Brasão também saiu, já se considerando o novo Rei do Cavaco.

Dizem que o sol não gosta do subúrbio. Não gosta de assistir às atrocidades, às amarguras, às tristezas que acontecem por ali. Porém, passam-se os meses e ali está ele, cumprindo o seu trajeto, dia-a-dia. Raras são as oportunidades em que um de seus raios brilha com mais intensidade, presenciando um fato alegre. Uma oportunidade assim:

- Éverton! Éverton! – Silva entrou gritando na oficina.

- O que foi, cara? Por que a agitação?

- O Adriano! Ele vai sair da cadeia.

- É verdade? Que dia?

- Domingo de manhã. Eu passei lá e me deixaram falar com ele. Vai ser uma festa. Vou contar pra Aninha.

- É, e eu vou lá na casa dele falar pra Dona Maria.

Fabício, que ouviu a conversa, disse:

- E a Rosinha? Não vai passar lá?

- É verdade. Tinha me esquecido dela.

O domingo chegou. Do lado de fora da delegacia, bem cedo, já estavam reunidos todos da oficina, Teotônio, Maria e Rosinha, à espera de Adriano. Depois de uma hora, o rapaz apareceu na porta.

- Adriano!

Abraços apertados e beijos carinhosos receberam o rapaz. O momento era de muita alegria e todos queriam falar ao mesmo tempo. Abraçado à sua mãe e à sua namorada, Adriano disse:

- Muito obrigado pelo carinho e pela amizade que demonstraram. Acho que sem vocês, eu não conseguiria suportar esses cinco meses aqui. Muito obrigado.

- Cinco meses! – murmurou Marcos – cinco meses preso inocente.

- Pois é – disse Éverton que ouviu o desabafo – aqui no morro, isso é normal.

- É, tá na hora de agir. Já tenho provas suficientes. Vamos tentar mudar um pouco isso aqui – completou o rapaz, deixando que apenas Éverton ouvisse.

- “Vamo” pra oficina, Adriano – sugeriu Fabrício.

- Estou doido pra ir lá, meu amigo. Quero ver as suas poesias. Ouvi dizer que você passou tudo a limpo depois da reforma.

- É. E tem outras novas também.

Adriano virou-se para o resto da turma.

- Bem gente, muito obrigado mais uma vez. Primeiro vou na casa dos meus pais. Rosinha e Aninha vão comigo.

- Tchau, Adriano – disse Silva – amanhã você já vai trabalhar, não é?

- É isso aí, antes que o chefe coloque outro no meu lugar.

- Disso não precisa ter medo. Éverton pediu até de joelhos pra você ficar.

Fabrcio suspirou.

- Cinco meses de frias! Quem me dera!

E nesse clima de alegria, saíram do local.

Na casa de seus pais, Adriano, juntamente com Rosinha, passaram o restante da manhã. Maria não podia conter a sua satisfação.

- Eu estou muito contente, meu filho. Além de você estar livre, Teotônio não trabalha mais com o Brasão.

- E o boteco está indo bem – completou Teotônio.

- Eu fico muito feliz, sabendo que o pai agora se livrou daquela gente. E já que o momento é de alegria, quero dar mais uma notícia. Eu e Rosinha vamos nos casar. Já combinamos tudo. Vamos fazer a nossa casa ao lado da oficina. De início, simples. Depois a gente faz uma melhor. Não é, meu amor?

A moça confirmou, balançando a cabeça.

- E eu vou morar com eles – disse Aninha.

- Isso mesmo. Só falta a gente marcar a data – completou Adriano.

- Por que não daqui um mês, no dia do seu aniversário? – sugeriu Rosinha.

- Mas, e a casa? Nem comecei a construir.

Teotônio disse:

- Comigo, Susej e os rapazes da oficina, vai ser fácil. Em três dias a casa tá de pé.

- Que tal? – concluiu a moça.

- Maravilhoso! – disse Adriano – Daqui um mês, então. No meu aniversário.

A segunda-feira foi agitada no morro. A alegria do domingo estendeu-se apenas até às dez horas da manhã. Um minuto para as dez...

- Cadê o Marcos? – indagou Adriano, já mergulhado debaixo de um automóvel, depois de suas forçadas férias.

Silva respondeu:

- Saiu. Ele é meio estranho. De vez em quando desaparece.

Fabrizio completou:

- E quando a gente pergunta onde foi, ele diz: ali. E só.

Éverton, que atendeu a um chamado na entrada da oficina, voltou cabisbaixo, tomando para si a atenção de seus companheiros.

- O que foi, Éverton? O que aquele homem queria?

- O Cássio... ele veio avisar que o Cássio morreu.

Adriano saiu debaixo do carro.

- Meu Deus! Como as alegrias no morro duram pouco.

- Já era de se esperar – observou Éverton – sem um tratamento médico...

- É, mas é muito triste ver o fim do nosso amigo.

- E o fim do Quinteto Fantástico – concluiu Fabrizio.

- Qual é a hora do sepultamento? – perguntou Silva.

- Às quinze horas – respondeu Éverton – nós vamos todos lá. Vamos fechar a oficina.

(((((((((((((((O))))))))))))))

No lado norte do morro, Brasão cantava vitória frente aos seus comandados, numa reunião extraordinária com todos eles.

- Sirva-me um whiskey, Gerson. Hoje preciso comemorar.

- Mas é o whiskey do Mister, Brasão. E quando ele chegar?

- Mister não voltará mais. Agora, ouçam todos vocês.

O silêncio reinou na sala totalmente lotada. O bandido prosseguiu:

- A notícia é essa: o grande Mister não manda mais aqui. Ele foi preso ontem à noite. Meu aliado, o Serpente, me ligou dando a notícia. A partir de agora, eu sou o novo Rei do Cavaco. Alguma objeção? Traga o whiskey, Gerson.

Depois de um breve silêncio, um dos homens disse:

- Mas, Seu Brasão, se o chefe... ou melhor, se o Mister foi preso, será que a polícia não vem atrás de nós?

Brasão deu uma gargalhada.

- Há! Há! Há! Nada disso. Eu já pensei em tudo. As provas que arrumei pra incriminar o Mister não comprometem o morro. E se ele der com a língua nos dentes, o Capitão Moreno vem me avisar.

- E se eles prenderam, também, o capitão?

- Bem, isso eu não havia pensado. Vamos

montar guarda, então.

Nesse exato momento, a Polícia Federal, precedida por Marcos, havia chegado ao esconderijo e o local estava todo cercado.

- Foi um bom trabalho o seu, Marcos – disse o comandante dos policiais – agora só falta apertar o cerco.

- É, e parece que estão todos lá dentro. Está muito agitado o lugar. Eu sabia que a prisão do chefe, na cidade, iria reunir a cambada toda. Foi difícil a prisão do Mister?

- Não, não foi. Depois do seu telefonema, ontem à noite, nós cercamos o seu reduto. O difícil vai ser mantê-lo na cadeia.

- Com as provas que consegui nesse tempo todo aqui no subúrbio, ele não sai mais. Eu garanto – concluiu Marcos.

- Só falta esse tal de Brasão. Vamos atacar agora.

A um sinal do comandante, os policiais, escondidos detrás dos casebres, surgiram atirando. Os homens que montavam guarda na porta do local tombaram. O eco dos disparos transformou a sala, onde estava reunida a quadrilha, num inferno.

- Eles estão aí, Brasão.

- Saiam todos. Não deixem que nos peguem aqui, senão estamos fritos.

Mas já era tarde. Os policiais, em maior número e bem postados, levavam uma grande vantagem. Todos que saíam eram imediatamente eliminados, sob os incessantes tiros dos agentes.

- Peguem as metralhadoras! – gritou Brasão.

Enquanto seguia o tiroteio, o comandante disse a Marcos:

- Já está na hora, não está?

- Eu acho que sim – respondeu o agente – vamos lá. Traga alguns homens.

Dentro da casa, vendo tombar a maioria de seus homens, Brasão entrou no quarto do Mister, fechou a porta e abriu o guarda-roupa, fazendo surgir uma passagem secreta. Ele tirou a tranca, puxou a pesada tábua e saiu por um estreito corredor, dizendo pra si mesmo:

- Eu sou demais! Foi genial ter descoberto essa passagem do Mister.

No final do corredor, porém, parou assustado diante de Marcos, do comandante e de dois policiais.

- Não foi tão genial assim, Brasão. Você está preso.

- Isso nunca! – respondeu o bandido, empunhando a sua arma. Não teve, no entanto, tempo de apertar o gatilho. Vários tiros, disparados pelo agente e pelos policiais, atingiram-no mortalmente. O bandido caiu ao chão, dando adeus ao seu reino, o Morro do Cavaco.

- O seu trabalho foi mesmo perfeito, Marcos – comentou, mais uma vez, o comandante.

- Eu tive cuidado de estudar o local várias vezes à noite e imaginei que só podia ser uma passagem esse corredor. Não me enganei.

- Agora vamos lá pegar o restante pelas costas.

No fecho da operação, os sobreviventes se renderam e foram presos. Finalmente, chegou ao

fim a quadrilha do Mister no Morro do Cavaco.

Depois do sepultamento de Cássio, Adriano voltava para a oficina, junto de Rosinha, que o havia acompanhado. O rapaz estava muito abatido.

- Não fique assim, meu amor.

- Ele era muito amigo.

- Aqui no morro, perder um amigo é natural.

- Isso é verdade.

Adriano mudou o assunto:

- Sabe o que eu estava pensando? Acho que seria bom você deixar o Rosa-choque. Agora eu voltei a trabalhar e é muito perigosa a sua volta à noite de lá. Além do mais, daqui um mês, você será dona de casa e não vai ter tempo para isso.

Rosinha sorriu.

- Eu acho que tem razão, amor. Vou apenas terminar o mês. Daqui a cinco dias vence. Você não se importa?

- Tudo bem, se prefere assim. E eu quero, nesse final de semana, começar a construir a nossa casa. Acho que, em dois ou três domingos, a gente faz o serviço.

A moça abraçou, carinhosamente, o namorado.

- Parece um sonho, Adriano. Às vezes eu nem acredito. Daqui a um mês, nós estaremos casados.

- É... cada dia parece uma eternidade. Vamos esperar.

Um longo beijo foi trocado para a apreciação das pessoas que passavam. Quando

chegaram na casa da moça, Adriano disse:

- Bom, agora tenho que voltar pra oficina, minha querida. Ainda temos muito trabalho hoje.

- Vá, meu amor. Eu vou entrar pra ver a Eva. Está quase nos dias de ganhar o neném. Ah! Não se esqueça. Só eu e você quem sabe da sua gravidez. Ela pediu pra eu não contar a ninguém, nem a você. Nunca entendi por quê. Se souber que contei pra alguém, ela me mata.

- Ela é mesmo muito estranha. Mas não se esqueça. Se precisar de mim, é só avisar.

- Eu acho que não vai ser preciso. A parteira fica aqui pertinho. É só eu chamar.

Mais um beijo.

- Tchau.

Mais um.

- Tchau.

E outro...

Quando Adriano chegou à oficina, encontrou Marcos, agora de carro, com pinta de agente, contando o seu feito.

- E quando chegamos pelos fundos, depois de liquidar o Brasão, os outros se entregaram.

- Adriano – disse Aninha – O Marcos é um agente da polícia e prendeu o Mister.

- Um agente? E enganou todo mundo?

- Eu sabia – gabou-se Éverton – só não podia dizer.

Marcos comentou:

- O importante é que o Mister está preso, Brasão morreu juntamente com a maioria dos seus

capangas e o resto está na cadeia. Acabou a opressão dessa quadrilha no morro. É o fim das drogas, dos contrabandos, das taxas de proteção, dos Cavaleiros da Noite, enfim, de todas as crueldades praticadas por ela. Mas não foi fácil. Era uma quadrilha bem organizada. Até o Capitão Moreno estava envolvido. Também foi preso.

Adriano cumprimentou o agente.

- Parabéns, Marcos. Foi a melhor notícia que o Morro do Cavaco recebeu em toda a sua história. E tudo graças a você.

- É, eu acho que valeu todo esse tempo que fiquei aqui no morro.

- E o Mister? – observou Adriano – Será que não tem perigo dele voltar?

- Não – garantiu o rapaz – além das provas que consegui, chegaram outras na Polícia Federal, enviadas por um misterioso inimigo dele. Bem, agora tenho que ir embora. Minha família me espera.

Fabício sorriu.

- Um agente, héin! “Oê num tinha memo cara de mecânico. Sujava tudo de graxa.”

Todos sorriram. Marcos virou-se para Aninha.

- Você não quer ir morar conosco na cidade? É uma ótima cozinheira e minha esposa ficaria muito contente de você ajudá-la na cozinha. E lá poderia continuar, com muito mais facilidade, os seus estudos. O que acha?

- Aninha respondeu de imediato, com os olhos voltados para Silva:

- Muito obrigada, Marcos, mas eu não

posso ir. Fico contente por ter se preocupado comigo.

- O rapaz, esboçando um sorriso, comentou:

- Tudo bem, eu já entendi. Se prefere ficar no morro...

Transmitindo o seu agradecimento, o agente abraçou cada um dos seus companheiros.

- Olha, obrigado a vocês pela acolhida. Foi bom ficar todos esses meses em companhia de pessoas tão amigas. Pra ser sincero, eu não esperava encontrar aqui no morro esse carinho, essa amizade, esse companheirismo. Ninguém melhor que eu pra saber o que vocês estão sentindo com a perda do Cássio. Muito obrigado. Adeus.

- Adeus não, tchau – disse Fabrício – “ou ocê num vem vê nós de vez em quando?”

Marcos sorriu e foi embora. Quando o carro saiu, Adriano voltou-se para Aninha e Silva, fingindo-se de bravo.

- Agora podem ir explicando essa história vocês dois. Qual é?

Eles entreolharam-se e, depois de uma pausa, Aninha disse:

- Fale você, Silva. Você não é o homem?

Fabrício caiu na risada.

- Há! Há! Há! Homem? O Silva? Acho melhor “ocê” mesma falar, Aninha.

Silva irritou-se e, com esforço, disse:

- Ora, Fabrício, deixa de ser assim... bobo. É que eu e a Aninha, Adriano, queremos... namorar. Pronto.

O irmão da moça sorriu.

- Então é isso? É claro que podem namorar. Você é um ótimo rapaz. Mas vamos com calma, viu? Antes de casar, a Aninha tem que estudar um pouco. E você tem que melhorar um pouco de vida, não acha?

Silva, aliviado, sorriu abraçando Aninha.

- Eu sabia que ele não iria se importar, não te falei?

- Não se esqueçam de dar a notícia pra mamãe e o papai – completou Adriano.

((((((((((((O)))))))))))))

Cinco dias se passaram. Eram dezenove horas do último dia de Rosinha no Rosa-choque. Ela não podia faltar. Precisava completar o mês e receber o seu dinheiro. Eva não estava bem. Sentia muitas dores, mas escondia o seu estado da irmã de criação. Rosinha, achando que ela não daria à luz naquela noite, resolveu ir ao trabalho. Mesmo assim, já que Benson não estava, deixou Chiquinho encarregado de chamar a parteira e a ela, se fosse necessário. O habitual encontro com Adriano foi realizado. Dessa vez menos demorado, pois ela estava um pouco atrasada. Um último beijo e o rapaz disse:

- Não quer que eu vá buscá-la hoje?

- Não é preciso. É o meu último dia e você tem que trabalhar amanhã cedo.

- Tá bom. Logo isso tudo vai acabar. Então você vai ser só minha e não terá tempo pra

mais ninguém.

- Em menos de um mês – disse Rosinha.

- Em menos de um mês – suspirou

Adriano.

Ela foi saindo, deslizando as suas mãos nas mãos dele.

- Tchau, amor. Te amo.

- Tchau, querida. Também te amo. Só vou pensar em você.

Rompeu-se o toque dos dedos e a moça seguiu, acompanhada pelo olhar do rapaz. As horas passaram. Uma da madrugada. Eva, em seu quarto, lutava com as dores que aumentavam cada vez mais. Chiquinho havia adormecido em um banco da sala. A mulher, no entanto, não acordou o menino para que chamasse a parteira. Evitando os gritos de dor, deixou que a natureza cumprisse o seu papel. Em pouco tempo, o choro de um menino fez-se ouvir naquele quarto. Choro que durou apenas alguns segundos. Só o instante necessário para que uma mente perturbada se recuperasse das dores e se lembrasse de comandar duas mãos para tapar-lhe a boca. Em seguida, o cordão umbilical foi cortado, mas dessa vez não daria ao mundo mais uma vida. Duas pernas trêmulas caminharam para fora. Dois braços levaram consigo aquela pequena e indefesa criatura para os fundos da casa. Dois olhos, apagados pela escuridão da noite, avistaram a rústica casinha que cobria uma fossa, usada para as necessidades fisiológicas. A porta feita de sacos de linho foi aberta. Não havia telhado. As estrelas exibiam um triste brilho naquele momento. Um buraco triangular no assoalho parecia a boca aberta

de um monstro à espera do sacrifício. O menino foi suspenso na direção daquela abertura. Só um instante de hesitação e aconteceu mais uma morte horrível, porém normal, no Morro do Cavaco. Aquele choro, que aos poucos foi sumindo no fundo do buraco, arrancou esta frase dos lábios da mulher:

- Não quero nenhuma lembrança dele, nem mesmo você.

Eva, com dificuldade, caminhou de volta para dentro, encontrando Chiquinho na porta. O menino havia acordado e procurava por ela.

- Onde “cê” tava? – indagou ele.

- Na casinha.

- “Cê” tá bem? Quer que eu chame a doutora?

- Não. Tudo bem.

- Nem a Rosinha?

- Não, Chiquinho. Pode ir dormir.

- Tá legal. Só vou lá na casinha.

- Não, lá não. Faz xixi aí no terreiro mesmo.

Quatro e meia da manhã. Acabava o movimento de pessoas no Rosa-choque. O último freguês havia saído e Rosinha recebia o seu pagamento de Manascar.

- Aqui está o dinheiro, minha querida. Você vai mesmo embora? Não quer mais trabalhar comigo?

- Preciso ir, Seu Manascar. Eu quero agradecer pelo serviço que me deu todo esse tempo. O senhor me ajudou muito.

- E quanto ao leilão? Não mudou de ideia? Poderíamos ganhar muito dinheiro. Você viu

quantos fregueses reclamaram hoje? todo dia é assim. Todos pedindo um leilão com você. Eu lhe dou trinta pacotes, o dobro...

- Por favor, Seu Manascar. Eu não posso. Vou me casar em menos de um mês. Muito obrigada pelo que fez por mim. Tchau.

- Tudo bem. Se você não quer, não quer. Vai sozinha?

- É. Estou indo sozinha desde que a Eva adoeceu.

- Ah! Diz que estou guardando o lugar dela aqui.

- Eu direi. Ela vai ficar contente.

Rosinha saiu. Depois de virar a primeira esquina, a moça apressou os seus passos, tentando chegar o mais rápido possível em casa. Estava muito preocupada com Eva, pois apesar de parecer bem, ela sabia que a irmã estava prestes a dar à luz. Detrás de um dos inúmeros casebres, uma voz se ouviu:

- Aí vem ela.

- Tem certeza que é ela?

- Claro. Eu reconheceria aqueles cabelos longos em qualquer lugar.

- Hum! É ela mesma. Como é gostosa!

- Ela não quis participar do leilão e eu fiquei sabendo que hoje era o seu último dia de serviço no Rosa-choque. Não posso deixar essa beleza escapar. Ela tem que ser minha. Vamos dar a volta e esperá-la na velha construção. Quando passar, a gente cai em cima dela.

Sem saber o perigo que corria, Rosinha caminhava apressada pelas ruas estreitas e escuras

do subúrbio. Só faltavam três quadras para chegar à sua casa. Na mente, desfilavam as imagens de Adriano, que nunca saía do seu pensamento, e de Eva, que ela havia deixado somente com o Chiquinho. A noite se fazia escura e o sombrio silêncio era rompido apenas por seus ansiosos passos. No meio do quarteirão, à sua direita, estava a velha construção, escondendo o perigo.

- Fale baixo que ela vem vindo.

- A gente traz ela aqui pra construção?

- Isso mesmo. O negócio é não deixá-la gritar. Aqui os vizinhos ficam muito perto. Na primeira oportunidade, a gente tapa a boca dela, viu?

Distraída em seus pensamentos, Rosinha chegou defronte ao local. Mais um passo e aconteceu o evidente. Surgiu, em suas costas, um dos homens, tapando a sua boca com as mãos. Enquanto isso, o outro bandido, segurando em suas pernas, levantou-a no ar. O susto foi imenso. Ela debatia-se desesperadamente, mas em vão. Foi levada para o interior da construção e ali violentada. O seu corpo tão lindo, que Adriano só tocava com carinho, foi despido, mordido, estuprado.

- Agora é a minha vez. Segura ela aí.

Vários minutos se passaram. No final do trágico ato, uma voz, saciada de prazer, ecoou na construção:

- E agora? O que vamos fazer?

- Vamos matá-la. Ela nos conhece.

Usando pedras e pedaços de madeira, os dois marginais mataram a indefesa moça, deixando

o seu rosto quase que irreconhecível. No Morro do Cavaco, mais um corpo foi sacrificado à “deusa violência”.

- Tchau, beleza. Foi bom enquanto durou.

No outro dia, a notícia da morte de Rosinha correu pelos barracos do morro, até chegar à oficina mecânica. Foi a pior notícia recebida por Adriano.

- Minha Rosinha? Não é possível! Eu preciso vê-la.

Lá estava ela, rodeada de flores, com o rosto parcialmente enfaixado. Adriano parou defronte ao improvisado caixão, sem nada dizer. Enquanto os comentários em volta se sucediam, duas lágrimas corriam, pouco a pouco em seu rosto.

- Quem pode ter feito uma coisa dessas? – alguém dizia.

- Deve ser mais uma vítima do Homem da Máscara Preta.

- E o irmão dela? Já mandaram chamar?

- Ninguém sabe onde ele está.

Adriano olhou Rosinha pela última vez e saiu dali. Havia muita gente para preencher a sua solidão. Foi caminhando pelas ruas do morro, sem saber aonde ir, sem saber se queria ir, sem nenhum lugar para ficar. Era o fim de tudo, da sua vida, dos seus sonhos. Impossível recomeçar. Nada no mundo, ninguém no mundo lhe daria, de novo, aquele carinho, aquela ternura, a maciez das mãos, o toque dos lábios, o calor dos braços, as palavras de amor; tudo próprio dela, inigualável, insubstituível. Insubstituível olhar, insubstituível sorriso. Como o destino pôde fazer isso? Era tudo muito lindo,

tantos planos foram feitos; de beleza maior do que cabia no morro. Talvez fosse por isso, talvez essa fosse a razão desse amor não sobreviver ali no subúrbio. E agora? O que fazer da sua vida que não era mais vida? O que fazer dos seus sonhos que nunca mais poderiam ser realidade? O que fazer dos seus olhos sem aqueles olhos claros? O que fazer? Caminhar por essas ruas, sem medo de nada, já que não tinha mais o que perder. Passar por todos os becos, os mais sujos, os mais escuros, os mais perigosos. Pisar nos esgotos, nos ratos, no barro podre do podre subúrbio, pisar em si mesmo. Buscar a droga, experimentar a droga, viver da droga para suportar viver essa droga de vida.

E o tempo passou. Veio o sepultamento, a preocupação da família e dos amigos do rapaz, que não voltou mais ao trabalho e à sua casa. E enquanto Adriano caminhava pelo morro, deixando em cada beco, em cada canto, um pouco da sua dor, Tereza apareceu, mais uma vez, na oficina para rever o seu amigo, ou os seus amigos.

- Tereza! Que bom que veio. Você demorou a voltar – disse Éverton, recebendo a moça.

- Olá, Éverton. Então você sentiu a minha falta?

- Mas, claro. Entre. Acho que era saudade mesmo.

- Olha! Não brinca com coisa séria.

- Não estou brincando. Ou não posso sentir saudade de você?

- Claro que pode. E eu tenho uma novidade.

- Qual é? – perguntou o rapaz.

- Deixei o convento. Entendi que não era o que eu queria.

- De verdade? É uma ótima notícia. Mas onde você vai morar?

- Eu tenho família aqui no morro. Também sou pobre, não sabia? É como dizem por aí: árvore de subúrbio não cresce raízes em outro lugar.

- Mas é mesmo uma boa notícia!

- O quê? Eu ser pobre? – gracejou Tereza.

- Não. Você ter deixado o convento. Agora não é mais sonho.

A moça sorriu.

- Não brinque de novo.

Éverton disse, com muita seriedade:

- Não estou brincando. Agora só preciso fazer você esquecer o Adriano.

- Quanto a isso, não se preocupe. Orei muito a Deus nesses últimos dias e ele mostrou-me o meu verdadeiro caminho. Nele não está mais o Adriano.

O rapaz sorriu, tocando-lhe as mãos.

- Então, não quero perder um minuto sequer. Desde a primeira vez que você veio aqui, eu imagino nós dois andando por essas ruas, falando de um futuro só nosso. Quer sair comigo, hoje à noite?

- Eu acho uma boa ideia. Está combinado. Mas, e o Adriano? Eu não o vi ainda. E não vou deixar de ser amiga dele.

Éverton contou a triste história do companheiro. Falou do seu desaparecimento, da sua tristeza desde a morte de Rosinha. Suas palavras, no

entanto, não podiam expressar nem a metade da angústia de Adriano, que continuava andando pelo morro, comendo qualquer coisa, dormindo em qualquer lugar, vestindo a mesma roupa, sentindo a mesma dor. Todas as casas, todas as ruas eram iguais, cada pessoa que passava tinha o rosto de Rosinha. A sua própria sombra lembrava aquele corpo, aqueles cabelos claros. O frio da noite era aquecido pela lembrança dos seus abraços, dos seus beijos ardentes, dos seus ternos carinhos. Em sua mente, não havia mais noção de tempo. Domingo ou segunda não tinha importância. Dia ou noite não havia diferença. Somente a droga exigia hora e exigia lugar. Adriano sabia onde encontrá-la e conseguiu-la, e o seu corpo dizia o momento.

Os dias passavam. Enquanto Adriano lutava contra a sua falta de vontade de viver, Eva tentava reorganizar, pelo menos em parte, a sua vida. De Alfredo e do triste final de sua gravidez ela nunca mais queria lembrar. Já era, isto sim, hora de voltar a trabalhar.

- Como vai, Seu Manascar?

- Minha querida Eva. Que bom revê-la. Sabe que a casa é sempre sua.

- Obrigada. Será que o emprego ainda é meu?

- Claro que sim. Pode recomeçar.

A moça sorriu.

- Só que eu não quero mais ser garçonete. Se o senhor não se esqueceu de uma velha proposta que me fez, eu aceito fazer parte das suas moças de aluguel.

- Hô! Hô! Hô! Mas é claro que a proposta

está de pé. E o salário é compensador. Você poderá cuidar, com tranquilidade, dos seus dois irmãos.

- Só um, Seu Manascar. Benson foi encontrado morto há cinco dias no morro. Foram as drogas. Ele se envolveu muito com elas. Agora tenho que cuidar de mim e do Chiquinho.

- Sinto muito por mais esse golpe em sua família. Mas a vida é mesmo assim. Bem... começa hoje?

Era domingo. O boteco de Teotônio Dantes estava muito movimentado. Do balcão, o homem conversava com sua esposa, que arrumava a casa.

- Nenhuma notícia, né Maria?

- Nenhuma. O Fabrício disse que vem aqui hoje e talvez ele traga alguma novidade.

- Mas que coisa! Adriano precisava pelo menos mandar um recado. Faz mais de um mês que sumiu.

Maria parou de varrer a casa. Um olhar de tristeza acompanhou a poeira do chão, que subia iluminada por um raio de sol numa fresta do teto.

- Tenho medo de que ele não volte mais. Quem sabe até já morreu.

- Não diga isso, mulher. É verdade que já procuramos muito. Eu e os meninos da oficina já andamos mais da metade desse morro e nada. Mas sei que ele vai voltar.

- Tomara – suspirou Maria, enquanto uma lágrima coloriu-se, atravessando o pequeno raio de sol.

Fabrício, conforme o combinado, apareceu na porta do boteco.

- Oi, Seu Teotônio.

- Entra, Fabrício. A gente estava te esperando.

Um freguês gritou um pedido:

- Mais uma pinga aqui, Seu Dantes. Hoje eu quero encher a cara.

Enquanto Teotônio servia o freguês, o rapaz conversava com a mulher.

- Pois é, Dona Maria. Nenhuma notícia do Adriano. Mas hoje é domingo e todos lá da oficina estão nas ruas. Nós vamos encontrá-lo. Ah! A Aninha mandou um recado pra senhora. No outro final de semana, ela vem aqui com o Silva passear.

Depois de servir mais uma dose, Teotônio disse:

- Você vai continuar procurando hoje, Fabrício?

- Sim, senhor. Hoje eu vou nas imediações do campo de futebol. Vai ter muita gente por lá.

Maria, que naquele momento começava a limpar o quarto de Susej, voltou com algo nas mãos, mostrando ao esposo no balcão.

- Olha só, Teotônio, o que eu achei debaixo do colchão de Susej.

- Uma máscara preta! – exclamou o homem.

A frase chamou a atenção dos fregueses do boteco.

- Uma máscara preta? Deixa a gente ver.

Maria entregou a máscara.

- Então é ele o Homem da Máscara Preta?

- Quem? O Susej? – indagou outro

freguês.

- Quem diria! O enviado de Deus é um tarado.

Mais uma voz se destacou entre os fregueses:

- Vamos pegar o desgraçado! Ele “comeu” uma sobrinha minha.

- Onde está ele, Seu Teotônio?

Com os olhos arregalados de surpresa, o homem disse:

- Saiu, como sempre, pra fazer as suas pregações. Onde eu não sei.

- A gente acha ele. Vamos lá, pessoal. Vamos linchá-lo.

E os fregueses do boteco saíram pelas ruas com a máscara nas mãos, contando a história e ganhando adesões. Logo já havia uma multidão à procura do messias. Fabrício também resolveu acompanhar, um pouco mais de longe, o desenrolar do caso. Teotônio e Maria não foram.

- Você não quer ir ver?

- Não, Teotônio. Apesar de tudo, a gente gostava dele.

- Você acha que ele é mesmo o tarado?

- Só pode ser. Além da máscara, ele tinha uma desculpa de sair à noite pra rezar. Nunca estava em casa quando aconteciam os estupros e as mortes.

- Belo disfarce esse de messias!

- E ainda usava o nome de Jesus ao contrário...

A multidão enfurecida continuava a sua busca. Alguém disse:

- Mais cedo, ele estava de lá da ponte

velha.

- Ouviram, gente? Vamos lá. Vamos acabar com esse tarado.

- Morte!

Susej foi alcançado alguns minutos depois. Quando viu a multidão que chegava, disse aos seus poucos seguidores:

- Deus seja louvado! O povo resolveu ouvir as minhas preces. Finalmente, meus fiéis, o morro inteiro vai se juntar a nós. Alelúia! Vamos recebê-los de braços abertos.

O messias caminhou, de braços estendidos, em direção da enfurecida massa humana, proferindo frases de louvores. Foi um trágico encontro. Ele foi espancado e apedrejado pela multidão. Na euforia, alguém gritou:

- Não o matem ainda. Vamos enforcar o safado!

- Tragam a corda!

Em volta da árvore mais próxima, a multidão se juntou. Susej foi erguido e uma corda, amarrada a um dos galhos, envolveu o seu pescoço. Sem perda de tempo, soltaram o messias, empurrando-o para um balanço mortal. Enquanto explodia o entusiasmo da multidão em gritos de vingança, Fabrício, que acompanhou a cena, avistou, na entrada de um beco, uma triste figura testemunhando também o fato. Era Adriano! Todo sujo, roupa rasgada, o rosto coberto de barba e de tristeza. O rapaz aproximou-se.

- Adriano!

- Meu amigo Fabrício!

Os dois se abraçaram. Um longo abraço

de saudade.

- Por que você sumiu, companheiro? Os seus pais estão desesperados.

- Eu não podia ficar por lá, perto de tudo que me lembre dela.

- Oh, Adriano! Eu sei que não é fácil, mas não pode fazer isso consigo mesmo. Veja o seu estado, a sua roupa. Meu Deus! O seu braço! Está todo ferido de agulhas. Você está morrendo aos poucos, meu amigo.

Adriano olhou Susej, ainda balançando no galho da árvore.

- Eu sou como ele. Não há diferença. Depois que Rosinha se foi, morreram todos os meus sonhos. Em consequência morri também. Como um zumbi, ando por esses becos em busca da droga, a minha nova paixão.

Fabício balançou a cabeça.

- Mas não pode fazer isso. Pense nos seus pais, nos seus amigos. Tantas pessoas gostam de você e esperam a sua volta. Vamos comigo, Adriano. Tente recomeçar a vida. Nós precisamos de você.

- Não, meu amigo. Não há nada pra recomeçar. Aqui no subúrbio não há vida. Com todo mundo é assim e comigo não podia ser diferente.

Fabício entendeu a extensão da amargura que Adriano sentia. A morte de Rosinha havia atingido-o profundamente, porém ainda insistiu. Era sua obrigação.

- Por favor, Adriano, volta. Ainda é tempo.

- Não, não posso.

- Prometa pelo menos que irá ver os seus pais. Eles estão morrendo de preocupação.

Depois de uma longa pausa, ele respondeu:

- Eu irei. Quem sabe, algum dia...

Com essas palavras, o rapaz virou as costas e caminhou para dentro do beco. Fabrício ainda falou:

- Adriano, nós te amamos!

Sem virar-se, ele respondeu:

- Adeus, meu amigo.

Perto dali, dentro de um carro preto, alguém observava a multidão que, mesmo depois da morte de Susej, continuava em volta da árvore, apreciando aquele corpo suspenso no ar. O homem disse, para si mesmo:

- Abelhas! Isso mesmo. Parecem abelhas operárias que vivem para trabalhar por sua rainha. Com a prisão do Mister, logo eu serei essa abelha rainha. É só a poeira assentar e vai surgir, no Morro do Cavaco, a vez do Serpente...

Enquanto isso, Fabrício olhava Adriano sumir entre os destroços do beco. Na mente do poeta floresceu, naquele instante, uma de suas mais ricas inspirações. No caminho de volta, foi construindo os versos de um triste poema, que fatalmente seria destaque nas paredes da oficina mecânica. Um poema mais ou menos assim:

SUBÚRBIO

Foi aqui neste subúrbio
Onde a violência é oração fiel
De cada entardecer,
Onde a escola é a rua
E facilmente se aprende
Boas maneiras de errar,
Foi aqui que eu vi você passar.

Foi aqui neste inferno:
Cada um pra si e todos pro diabo,
Onde a droga corre solta
Nas veias e nos olhos das pessoas,
Foi aqui que eu te conheci.

Aquele lance do olhar,
O toque mágico das mãos,
E o nosso amor cresceu lindo
Superior a todas essas coisas
Qual uma flor na lama,
Maior que a fome,
Mais forte que a guerra
Que a gente trava aqui.

E eu me sentia feliz
Com você nos meus braços,
Eu era o rei do subúrbio
E você, minha rainha
A mais linda de todas.

A gente ia se casar
E eu queria que fosse assim:
Primeiro filho um menino
Forte, inteligente, lutador,
Capaz de mudar tudo isso aqui,
Mas não seria um político
Desses que fazem da promessa
Uma escada pra descer ao dinheiro.

No meu olhar, mil sonhos
Um pra cada tristeza do presente
Era só preciso esperar
Mas aconteceu o evidente:
Você foi violentada
Ali, depois da esquina
O seu corpo tão lindo
Que eu só tocava com carinho,
Foi despido, mordido, estuprado
E sacrificado à “deusa violência”.

Morreram todos os meus sonhos
Em consequência morri também.
Como um zumbi, ando por esses becos
Em busca da droga,
A minha nova paixão.

Subúrbio é mesmo assim:
Uma máquina de moer carne humana,
Um horrível círculo vicioso,
Quem entra não consegue sair
E comigo não podia ser diferente.

FIM